

Semanário

Director:  
António Dias Lourenço

Ano 60 - Série VII - N.º 868  
9 de Agosto de 1990  
Preço: 80\$00

Propriedade do Partido Comunista Português Dir./Red. - Soeiro Pereira Gomes, 1699 Lisboa-CODEX Tel. 76 97 22 / 25 - T. 18390 Composição e impressão - Heska Portuguesa Distribuição - CDL, R. Santos Dumont, 57-2.º - 1000 Lisboa

## Nota da Comissão Política

# Governo PSD agrava os problemas nacionais

Transportes, comércio externo,  
privatizações, saúde,  
finanças autárquicas

Págs. 1 e 2 / Semana

## Férias, festas e esclarecimento político milhares de pessoas nas iniciativas do PCP

Págs. 1 e 3 / Semana

## Em Foco

Avante!

Ano 60 - Série VII  
N.º 868  
9 de Agosto de 1990  
3.º Caderno  
Não pode ser vendido  
separadamente.



Delegação soviética no acampamento de Pioneiros

## «Diálogo» para durar

São já tradicionais os laços de amizade que unem os pioneiros da URSS à de Portugal. O intercâmbio de delegações tem-se efectuado entre as duas organizações, porém, pela primeira vez, este ano os Pioneiros de Portugal...

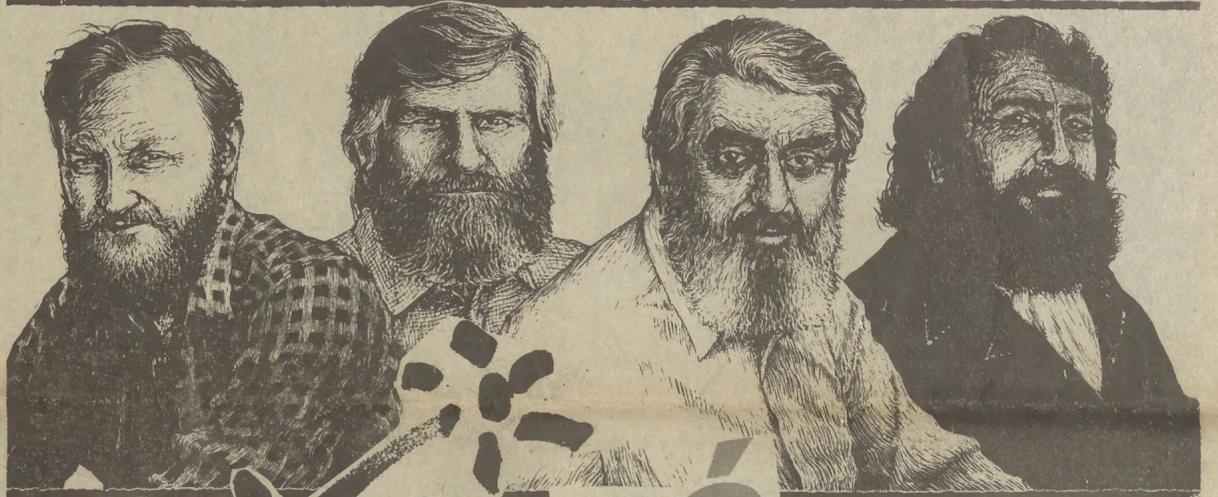
# Avante! festa!

AMORA-SEIXAL • 7, 8 e 9 SETEMBRO

Avante!

Director  
António Dias Lourenço  
SUPLEMENTO N.º 8  
9 de Agosto de 1990  
Não pode ser vendido  
separadamente

# The Dubliners



# XIV SÓ Festa FALTAM 4 SEMANAS!

Avante!

Telectu



LOSIBISA



Fernando Tordo



Na Lúa



Rádio Macau



Paulo de Carvalho

# Editorial

Avante!

Ano 60 - Série VII  
N.º 868  
9 de Agosto de 1990  
1.º Caderno  
Não pode ser vendido  
separadamente

## Um quadro sugestivo e concludente

Defrontamos na actualidade uma situação particularmente instável, insegura e complexa no plano interno e no plano externo. Trata-se de um estado de coisas de características singulares num processo de profundas mudanças que enche de legítimas preocupações o cidadão comum medianamente informado e de confusões o cidadão comum insuficientemente esclarecido.

O esclarecimento político em simultâneo com uma activa busca de soluções apropriadas para os problemas cruciais do nosso tempo e a luta pela sua concretização tornaram-se um imperativo categórico das forças da Democracia, do Progresso Social e da Paz no momento actual.

No plano internacional a situação criada tomou corpo como se sabe nos nossos dias com a eclosão e a evolução contraditórias dos acontecimentos e alterações profundas na área dos países do Pacto de Varsóvia; com o perigoso reacender de novos conflitos regionais armados potenciando uma séria ameaça à Paz mundial em áreas estratégicas de alto risco; com a reactivação de novos surtos de crise económica generalizada e de uma nova fase cíclica da crise do sistema capitalista mundial de magnitude ainda intraduzível; com uma nova acumulação de forças nos domínios da geopolítica, ainda em desenvolvimento à escala do globo, em que o positivo e o negativo se alternam.

No plano interno - que nos toca de modo mais directo - avolumam-se os efeitos nefastos da política antidemocrática, antipopular e antinacional do Governo PSD/Cavaco, activamente empenhado na intensificação do processo de reconstrução dos monopólios e dos latifúndios e do capitalismo monopolista de Estado, à custa das conquistas fundamentais de Abril, com todo o seu peso social na vida dos trabalhadores; ganha principalmente vulto como consequência natural deste processo a impressionante contestação popular de massas e a resposta política e institucional das forças democráticas, com destaque para o PCP, que lhe opõe e propõe ao País uma política alternativa coerente com a defesa dos interesses nacionais profundos.

Por outro lado, tornam-se cada vez mais impressivos na vida do nosso País como nação independente os reflexos (positivos e negativos), as oportunidades que uma acção inteligente e patriótica poderia concretizar em benefício dos portugueses e, simultaneamente, o aumento das dependências de Portugal em resultado da política cavaquista relativamente à economia, às condições sociais e às pressões de toda a ordem de poderosos factores externos, acentuados na hora actual com a aceleração nos anos imediatos do processo de integração europeia.

E uma situação que se desenvolve em quadros distintos (mas não em compartimentos estanques), que se imbrica sobre terrenos diversos em formas diferentes numa conjuntura que pode, contudo, e apesar disso, esquematizar-se na consideração objectiva dos factos.

O conhecimento da realidade objectiva, exposta na sua crueza e na sua expressão concreta, ajudará a dissipar o confusãoismo no seio das massas populares, deitará por terra as conclusões simplistas e deformadas dos arautos confessos ou disfarçados do cavaquismo governante, mostrará de modo liminar o fariseísmo daqueles que pretendem pôr os factos e as mudanças operadas não

como fenómenos de uma nova época em gestação, produto do desenvolvimento impetuoso das forças produtivas, mas como suporte e a reboque das suas concepções oportunistas.

Na arena internacional alguns dos factos ultimamente ocorridos ganharam uma agudeza particular.

A nova «crise do Golfo», em que a voz dos canhões voltou a fazer-se ouvir depois dos dez anos da guerra Irão/Iraque, ensombra e ameaça comprometer o clima de desanuviamento, de cooperação pacífica e de redução dos perigos do holocausto nuclear esboçados nos últimos tempos em acordos de importância vital para a segurança do mundo. Esses importantes passos no caminho da Paz acabam de sofrer um perigoso abalo com os novos sobressaltos do mundo do petróleo e da economia mundial à beira do terceiro grande «choque petrolífero» e os prenúncios de novos abalos nas principais Bolsas de valores do mundo capitalista, com todas as suas consequências sociais e financeiras.

De um dia para o outro, o preço do petróleo saltou dos 17 dólares por barril para os 28 - mais de 64 por cento nos primeiros dias da semana — e prevê-se que venha a atingir os 30 dólares; a desordem e mesmo o pânico instalaram-se nas Bolsas e no mercado monetário e de capitais internacional com as acentuadas quebras das cotações bolsistas do dólar e do ouro, simultaneamente com a intensificação das falências, do desemprego, da inflação e, sobretudo, as ameaças de uma nova recessão de imprevisíveis dimensões.

No fim de semana, numa conjuntura marcada nos últimos dias pela instabilidade e por movimentos irregulares de baixa, as cotações caíram de cerca de 5 por cento nas principais Bolsas do mundo capitalista (Nova York, Tóquio, Londres, Frankfurt, Paris, Amsterdão, Hong Kong, Zurique, Milão, Madrid). Mesmo em Lisboa, a queda dos valores foi generalizada e atingiu números excepcionais. A pequena subida a seguir registada não anula a instabilidade real do mercado.

De toda esta movimentação anárquica algumas conclusões elementares devem ser tiradas:

Em primeiro lugar o sistema capitalista mundial está longe de ser o paraíso da estabilidade, da felicidade, da prosperidade e da abundância para os povos que nele se enquadram. A disseminação dos centros de decisão do mundo capitalista — com a perda do monopólio dos Estados Unidos e com o ascenso do Japão, grande possuidor de ramos decisivos da produção americana e europeia, e da CEE, onde uma Alemanha nas vésperas da reunificação prepara a consolidação da sua preponderância económica e financeira no coração da Europa — está em vias de aumentar, com a ascensão dos países árabes detentores de mais de 70% das reservas mundiais de petróleo.

Em segundo lugar o imperialismo não perdeu o seu carácter agressivo, os interesses do complexo militar-industrial chelo de apreensões pelas perspectivas reais da paz voltaram a manifestar-se com novas tensões no Golfo, onde forças americanas acabam de desembarcar na Arábia Saudita - um feudo dos Estados Unidos - e na África negra, na América Latina, no Médio e no Extremo Oriente.

Neste «universo» repleto de armadilhas se movem o governo cavaquista e a sua política e se revelam de maneira indistigável as suas características tecnocráticas alheias às realidades e problemas fundamen-

tais do povo português; a sua inépcia na gestão dos recursos financeiros do País; a sua atitude alienante dos interesses portugueses face aos do capital estrangeiro e à penetração estrangeira no mercado nacional; a sua óptica de classe na distribuição do rendimento nacional em benefício crescente dos grandes detentores do capital e em prejuízo dos trabalhadores e das classes e camadas populacionais mais carenciadas; a sua natureza corrupta atentatória da moral do Poder; a sua natureza de fator de instabilidade e insegurança na vida e na actividade dos portugueses.

Na alienação dos interesses nacionais ao capital estrangeiro deve dar-se razão aos investidores portugueses que se queixam das facilidades e aberturas excepcionais concedidas aos investidores estrangeiros em particular nas operações de reprivatização das empresas públicas.

Alguns números são elucidativos: Só na semana de 20 a 27 de Julho último entraram no país cerca de 500 milhões de dólares, mas no mês anterior até ao dia 19 tinham saído em reservas de divisas do erário público mais de 576 milhões, uma grande parte pela venda forçada de dólares em baixa de cotação por bancos dos Estados Unidos que o Banco de Portugal foi forçado a comprar. Depois dos milhões de contos do ouro português perdidos na operação da falência da DREXEL, continuamos uns mãos-rotas para o alto capital dos Estados Unidos.

Agora na reprivatização da CENTRALCER - que vai meter dezenas de milhões de contos no «saco azul» do Governo - foram alargados os limites de aquisição de acções pelos «investidores» estrangeiros.

A alienação da propriedade nacional das empresas mais rentáveis aos grupos multinacionais dos Estados Unidos, do Japão, do Brasil tem por objectivo mercadejar a nossa mão-de-obra - a de mais baixos custos da Europa comunitária - para, através da posição de Portugal na CEE, colocar no futuro Mercado Único Europeu produtos daqueles países e ao mesmo tempo usar Portugal como trampolim para a penetração nos países africanos de expressão oficial portuguesa.

A crescente dependência de Portugal face à produção estrangeira assume expressão cada vez mais volumosa no défice da nossa Balança Comercial e da Balança de Transacções Correntes.

No mês de Julho o défice comercial atingiu cerca de 491 milhões de contos, mais 34,5 por cento que em igual período do ano transacto, enquanto o da Balança de Transacções Correntes atingia (até Abril) 819 milhões de dólares, mais 243 milhões que em Abril de 89.

Os mercados externos, particularmente dos outros países da CEE, fecham-se cada vez mais às importações dos têxteis portugueses sob a pressão dos três mais ricos da comunidade, que impuseram a liberalização selvagem da produção de terceiros que economicamente dominam. O fim do acordo multifibras denunciado no Parlamento Europeu pelos deputados do PCP pode levar à liquidação de 60 por cento da nossa indústria têxtil.

Cavaco Silva disse agora em Coruche que em quatro anos do seu governo foram investidos na agricultura 245 milhões de contos e os agricultores portugueses perguntam-se justamente onde foi gasta tal quantia, pois cada vez mais a nossa produção agrícola reduz as suas possibilidades de escoamento, em particular agora depois que o governo decretou já para este ano - que se prevê favorável à agricultura -

a liberalização irresponsável das importações agrícolas dos produtos de alimentação e bebidas.

De facto, como se pode encerrar o incremento da produção e da produtividade da agricultura quando dezenas de milhares de hectares da nossa floresta são dizimados pelo fogo sem que o governo encare a sério o combate a este flagelo que está ameaçando vidas e destruindo bens das regiões Centro e Norte do País atribuindo os milhões do seu «saco azul» ao necessário apetrechamento técnico de combate aos incêndios, castigando duramente os incendiários e os seus mandantes que querem transformar Portugal num imenso eucaliptal ao serviço das celulósicas?

Como se pode acreditar na política de fomento agrícola do governo quando só no período de 16 de Junho a 7 de Agosto do ano em curso passaram ao «regime cinegético» (vulgo, à situação de coutadas) 94 herdades e propriedades, a imensa maioria delas roubadas às UCPs na Zona de Intervenção da Reforma Agrária?

Cavaco Silva procura dourar com algumas migalhas aos reformados e certas medidas de demagogia eleitoral - há muito, aliás, objecto de sentidas e porfiadas reivindicações do povo trabalhador - a realidade da política social do governo.

A resposta de luta dos trabalhadores constitui objectivamente o desmentido da demagogia e do valor social das «dávivas» cavaquistas.

Só no período de 7 de Julho até ao início da semana em curso recorreram à greve os trabalhadores da Carris, dos STCP (do Porto), da ANA, do Hotel Sheraton, dos serviços centrais da Torralta, de vários sectores da Função Pública, do IROMA, dos Quadros Técnicos do Estado, dos Técnicos Sanitários, dos Enfermeiros, dos Médicos do Hospital de S. Francisco Xavier, do Calçado do distrito de Aveiro, da S. Ind. de Vila Franca, dos trabalhadores da Limpeza e dos maquinistas e ferroviários da CP, dos Hospitais de Lisboa, Porto e Coimbra, da Renault de Cacia, da NUTASA, da INLAN, da Continental-Mabor, das Telecomunicações dos CTT, dos músicos da Orquestra do S. Carlos, dos Mármoreos de Pero Pinheiro, da Petroquímica, da Agroguisa, da CUF-Têxteis, da EDP, da Sorefame, da ENATUR, da RN, do STAL, do Diário Popular, dos operadores de câmara da RTP, dos não Docentes dos Estabelecimentos de Ensino, da Biblioteca Nacional e Arquivo de Documentação, dos Vigilantes e Trabalhadores das Creches, do serviço da Segurança Social, da Direcção das Estradas e Viação, dos serviços centrais do Hospital de Leiria, dos Hospitais Açoreanos, dos Motoristas dos SMTU de Coimbra, da Tomé Feteira, da Groz-Beckert, da MASA, da Têxtil Delfim Ferreira e outros.

Em conjugação com a luta por questões várias de interesse social e nacional no plano institucional e político, através essencialmente da acção dos deputados comunistas à Assembleia da República e ao Parlamento Europeu e outras, referidas no comunicado da Comissão Política do CC do PCP à imprensa na última segunda-feira, fica esboçada aqui a verdadeira natureza da política cavaquista.

No momento em que Cavaco Silva multiplica esforços e palavreado para tentar recuperar a sua abalada imagem política e de apoio eleitoral com vistas às Legislativas de 1991, é na intensificação da resposta de massas e da resposta institucional e política que se irá forjando as condições para uma indispensável alternativa democrática ao Governo e à política do PSD e de Cavaco Silva.

# Resumo

## 1 Quarta-feira

A Federação Nacional dos Sindicatos da Função Pública admite que a greve dos guardas-florestais venha a ser desconvoada no caso de o Governo aceitar chegar a um compromisso sobre o novo regime de trabalho para o sector ■ A Comissão Europeia anuncia em Bruxelas um apoio financeiro aos agricultores prejudicados pelas cheias do ano passado ■ Jlejo Jelej, dirigente da oposição búlgara, é eleito presidente da Bulgária por uma maioria de 284 dos 389 deputados presentes na votação, após cinco escrutínios e a retirada do outros três candidatos. O Partido Socialista Búlgaro, antigo PCB, veio a apoiar esta candidatura ■ As delegações do Iraque e do Kuwait interrompem as conversações que haviam sido iniciadas em Jidá, na Arábia Saudita, com o fim de solucionar o diferendo territorial que opõe os dois estados ■ Um navio de guerra israelita afunda um barco de borracha na costa libanesa, matando os dois árabes que pretendiam desembarcar ■ Rendem-se ao fim de seis dias os rebeldes de Trinidad-Tobago, que haviam tentado um golpe de Estado, tendo-se iniciado a libertação dos cerca de 40 reféns que mantinham ainda em seu poder ■ O ANC anuncia para o início da próxima semana uma sessão de conversações entre o Governo da África do Sul e o Congresso Nacional Africano, após o encontro entre Mandela e De Klerk ■ Chevradnadze e Baker, responsáveis pela política externa da URSS e dos EUA, encontram-se em Irkutsk para analisar cooperação e desarmamento.

## 2 Quinta-feira

O exército iraquiano invade o território do Kuwait, onde instala um governo provisório. A agressão é condenada conjuntamente pelos Estados Unidos e pela União Soviética ■ O Conselho de Ministros decide a privatização total da Centralcer e aprova terminal de gás natural para Braga e Setúbal ■ O ministro Deus Pinheiro conclui em Cabo Verde um périplo pelos países africanos de língua oficial portuguesa ■ É assinado pelos representantes dos dois Estados alemães um acordo que irá regular as eleições de Dezembro, na Alemanha unificada ■ O executivo da Câmara Municipal de Lisboa declara apoiar a exposição internacional a realizar na capital em 1998 ■ A administração do «Primeiro de Janeiro» divulga lista de despedimentos que inclui metade do pessoal da empresa, afirmando que se trata de um «acto de gestão indispensável».

## 3 Sexta-feira

O Iraque anuncia retirada de tropas do Kuwait, deixando embora no país um novo governo. Os Estados Unidos informam a NATO de que podem intervir militarmente se as forças iraquianas penetrarem na Arábia Saudita ■ A Nigéria avisa as forças que se combatem na Libéria de que se prepara para intervir, em conjunto com outros países da região, a fim de obter um cessar-fogo ■ Álvaro Cunhal participa num convívio em Lisboa, no Centro de Trabalho Vitória ■ O primeiro ministro da RDA, Mai-Ziere, propõe a antecipação das eleições previstas para Dezembro, afirmando que a sua proposta de que se realizassem em Outubro obtivera a concordância de Helmut Kohl ■ Arpad Gohcz é eleito pelo Parlamento presidente da República da Hungria, alcançando 295 votos, contra 13 ■ George Bush, discursando no Colorado, anuncia que as forças dos Estados Unidos serão reduzidas em 25 por cento até 1995 ■ O governo do Quebec, no Canadá, anuncia aceitar as condições exigidas pelos índios «Mohawk», a fim de prosseguirem as negociações sobre os seus direitos territoriais ■ O Soviete Supremo da Ucrânia vota o encerramento da central nuclear de Chernobyl ■ Lançada de Baikomur, a nave Soyuz TM-10 atraca à estação orbital soviética MIR.

## 4 Sábado

Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto do PCP, participa num convívio em Sines, na Festa da Terra e do Mar ■ O Sindicato Nacional dos Maquinistas convoca greves parciais na CP para os próximos dias 10, 13 e 14 de Agosto ■ Desaba em Lisboa mais um prédio. O edifício situava-se na Rua Morais Soares, e o desabamento deixa sem abrigo meia centena de pessoas, tendo-se registado um ferido ■ Deflagra um incêndio na Pampilhosa da Serra. O fogo, de grandes proporções, ameaça várias aldeias e entra em fase descontrolada ■ CEE decide duplo embargo contra o Iraque, proibindo importações de petróleo e exportações de armas.

## 5 Domingo

Emigrantes comunistas reúnem-se em convívio na Atalaia, onde Luísa Araújo, do Secretariado do CC, toma a palavra num convívio. No mesmo dia, Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto, vai a Montemor-o-Novo ■ Despenha-se no Zêzere um helicóptero que participava no combate a um incêndio perto de Manteigas ■ Centenas de emigrantes, protestando contra o encerramento noturno

da fronteira de Quintanilha, em Bragança, bloqueiam o posto durante duas horas, causando engarrafamento de vários quilómetros de extensão ■ Fuzileiros navais norte-americanos invadem a Libéria com o pretexto de recolherem cidadãos dos EUA.

## 6 Segunda-feira

Os fogos continuam no País. A mata do Guincho, nos contrafortes de Sintra, é praticamente destruída por incêndio que mobiliza mais de mil bombeiros. Na serra da Estrela, o fogo dizimou 2500 hectares e, na Pampilhosa, continua a ameaçar aldeias ■ O Governo Regional dos Açores queixa-se, em comunicado, de ver reduzido pelo Governo Central, em 25 por cento, o investimento público na Região ■ Reúne a Comissão Política do PCP, que a seguir se encontra com os jornalistas, divulgando um comunicado em que nomeadamente critica o Governo por não ter negociado favoravelmente as ligações à rede espanhola de alta velocidade ■ Técnicos de comunicações aeronáuticas entram de novo em greve ■ Bolsas internacionais entram em pânico no seguimento do aumento do preço do crude e após as decisões dos EUA, CEE e Japão de embargarem o petróleo do Iraque e do Kuwait ■ ANC anuncia a suspensão da luta armada, no seguimento das negociações com o governo da África do Sul ■ A primeira-ministra Benazir Bhuto é demitida pelo presidente do Paquistão, que dissolve o Parlamento e decreta o estado de emergência ■ O primeiro-ministro chinês Li Peng chega a Jacarta, restabelecendo as relações entre a Indonésia e a China.

## 7 Terça-feira

Os autarcas e deputados das zonas mais afectadas pelos fogos exigem medidas urgentes para minimizar os prejuízos causados ■ A Associação de Municípios do Distrito de Évora qualifica a situação financeira das autarquias como estando a assumir contornos preocupantes e lesivos dos interesses das populações ■ O presidente dos sete países membros do Comité de Mediação da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental decidem enviar uma força de manutenção da paz para a Libéria ■ César Gaviria é empossado como chefe de Estado da Colômbia ■ Andrei Loukanov, primeiro-ministro da Bulgária, apresenta a sua demissão perante a Assembleia Constituinte ■ O Grupo de Reflexão e Coligação Democrática de São Tomé contesta a visita de Cavaco Silva ao seu país ■ O presidente norte-americano, George Bush, ordena, após acordo dado pelas autoridades de Riade, o envio de tropas e aviões de combate para Arábia Saudita, integrados numa força multinacional ■ A CEE adopta um conjunto de sanções contra Bagdad e o Kuwait.

Avante!

Proprietários de todos os diários UNI VÓS

O jornal dos trabalhadores da democracia e do socialismo

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soares Pereira Gomes - 1699 - Lisboa  
CODEx: Tel. 76 83 45

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soares Pereira Gomes - 1699 Lisboa  
CODEx: Tel. 76 97 25/76 97 22

ADMINISTRAÇÃO: EDITORIAL - AVANTE! - SA Rua de São Bernardo, 14, 2.º - 1000 Lisboa  
Capital social: 15 000 000\$00  
CRC matriciada: 47059  
NIF - 500 090 340

DISTRIBUIÇÃO: CDL - Central Distribuidora Livreira, SARL, Serviços Centrais: Av. Santos Dumont, 57 - 2.º - 1000 Lisboa  
Tel. 73 22 75/76 11 31/73 48 17  
Casa da Venda em Lisboa: Rua do Siculo, 80 - 1200 Lisboa  
Tel. 32 19 16

ASSINATURAS: R. João de Deus, 24 - Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44

ALTERAÇÕES DE ÚLTIMA HORA Das 22 às 2 horas - Tel. 90 00 44

EXPEDIÇÃO: R. João de Deus, 24 - Venda Nova 2700 Amadora. Tel. 90 00 44  
PUBLICIDADE CENTRAL: Rua de São Bernardo, 14, 2.º - Tel. 67 01 93  
Porto - Rua do Almada, 18, 2.º - Esq. 3 - 4000 Porto. Tel. 38 10 67

Delegação do Norte Centro Distribuidor do Porto: R. Miguel Bombarda, 578 - 4000 Porto  
Tel. 69 39 08/69 36 15

Composto e impresso na Hebla Portuguesa - R. Elias Garcia, 27 - Venda Nova - 2700 Amadora  
Depósito legal n.º 205/85

## Férias, festas e esclarecimento político

# Milhares de pessoas nas iniciativas do PCP

Em plena época de férias e festas populares - e a um mês da Festa do «Avante!» - as organizações do PCP promovem por todo o País iniciativas de massas que juntam a análise da actualidade política e das tarefas dos comunistas à alegria do convívio de amigos. Nas realizações do passado fim-de-semaná - em Sines, na Costa da Caparica, em Montemor-o-Novo, em Lisboa, na Quinta do Conde, em Casebres - participaram milhares de pessoas.

Em Sines, de sexta-feira a domingo, decorreu a IX Festa da Terra e do Mar, que incluiu no seu programa música, teatro e desporto, e na qual o secretário-geral adjunto do PCP, Carlos Carvalhas, fez uma intervenção política (de que publicamos nestas páginas alguns excertos).

A concelhia do Partido destacou ao «Avante!» a boa participação nas iniciativas despor-

tivas, que envolveram 25 equipas e mais de 300 pessoas nas modalidades de atletismo, futebol de salão e tiro aos pratos. Esta última competição decorreu durante todo o dia de domingo e reuniu (na prova de honra) 64 atiradores dos distritos de Setúbal, Lisboa, Beja, Évora, Coimbra e Faro; venceu, com 25 pratos em 25, Sérgio Campos.

No último dia da festa foram

extraídos os números do sorteio organizado pela concelhia: o primeiro prémio (uma motorizada) coube ao 4143, o segundo foi para o 9562 e o terceiro para o 8162.

Por iniciativa da comissão de freguesia da **Costa da Caparica**, realizou-se também de sexta-feira a domingo a 6ª Festa da Costa, do Sol e do Mar, cujos pavilhões foram instalados na praça da Nossa Senhora dos Navegantes.

Com música e vídeo (em *écran* gigante), bem como iniciativas desportivas, a festa terminou com uma intervenção política (ver excertos na página 3) de Luísa Araújo, do Secretariado do Comité Central do Partido, seguindo-se uma animada noite de fado amador.



## Nota da Comissão Política do CC do PCP

**Transportes, comércio externo, privatizações, finanças autárquicas, saúde**

**Governo do PSD agrava os problemas nacionais**

A apreciação da situação política e do andamento da actividade partidária preenchem a reunião de hoje da Comissão Política do Comité Central do Partido Comunista Português.

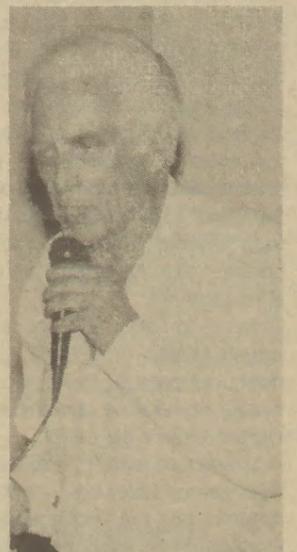
1. A Comissão Política tomou conhecimento da outorga à Espanha de importantes financiamentos comunitários para linhas de comboios de alta velocidade (TGV) que integram as ligações entre Madrid e Sevilha e entre Sevilha e Córdova. Esta decisão, e a anterior decisão do governo espanhol de lançar a linha de alta velocidade entre Madrid e Barcelona, vem reforçar a necessidade de o Governo português negociar rapidamente as ligações à rede espanhola, pois não faz sentido que se seja obrigado a passar por Madrid sempre que se queira chegar a França.

É indispensável proceder-se a estudos urgentes que tenham em conta a necessidade de estas ligações poderem vir a processar-se não só por Elvas a Madrid, mas também por Vilar Formoso a Salamanca e Valladolid, ligando a Irun, onde a França está a fazer chegar o TGV, de modo a ganhar tempo

(Continua na pág. 2)

### Álvaro Cunhal no CT Vitória

O secretário-geral do PCP participou sexta-feira num jantar-convívio no terraço do centro de trabalho Vitória, promovido pelo sector de empresas (Norte e Centro) e serviços da Direcção da Organização Regional de Lisboa. Na sua intervenção política, Álvaro Cunhal falou sobre a importância das eleições presidenciais e da participação nelas de um candidato do PCP, tendo em vista a projecção destas nas eleições legislativas que se seguirão. O secretário-geral do Partido alertou para a necessidade de não menosprezar as possibilidades de o PSD recuperar parte da base eleitoral que perdeu desde 1987, nomeadamente com a utilização demagógica dos fundos comunitários e da comunicação social que controla. Para acentuar a diminuição da base de apoio do Governo e criar uma alternativa democrática é necessário actuar ao nível da movimentação social, da acção institucional e da luta eleitoral, sendo uma questão central da actualidade política, neste contexto, a convergência de comunistas e socialistas.



## Boas notícias precisa-se!

Estão sempre a acontecer coisas.

Mesmo que se feche os olhos e se tape os ouvidos, as coisas acontecem.

Podemos ignorá-las, por nos encontrarmos do outro lado do mundo. Ou não dar conta delas por distração quando se passam mesmo ao pé. Mas acontecem. E são boas ou más apenas no momento em que as avaliamos, as submetemos à pesagem dos nossos interesses e sentimentos.

E são notícias quando as comunicamos. Depois de as escolhermos — uma em cada milhão de acontecimentos atrainos a atenção, tem um significado, ou atribuímos-lhe um.

Ora, se as notícias não se inventam — não falamos, é claro, de alguns pasquins em que a imaginação delirante dá cabo da deontologia —, se as notícias na sua maior parte se fundam na actividade dos homens — sem falar do que acontece na natureza, mas que sempre diz respeito às pessoas —, porquê então o sentimento tão vulgar nos tempos que correm, de que a maior parte das notícias que lemos e ouvimos são más notícias?

É verdade que um acontecimento não é neutro, logo que passa ao nosso conhecimento. Que uma boa notícia para um leitor pode ser má para outro. Que quem escolhe e comunica um acontecimento lá terá as suas razões — tem sempre — para o fazer, e parte logo de uma apreciação que pode ser positiva ou negativa, e que essa apreciação pode não coincidir com a apreciação do destinatário da novidade.

Por exemplo: descontando largamente as fantasias do Primeiro-Ministro, o certo é que as boas notícias de Cavaco Silva e dos seus propagandistas são na maior parte das vezes más para a maioria dos seus destinatários — que são os portugueses.

Não nos referimos evidentemente aos anúncios que quase diariamente apregoa. Obras aqui, obras ali, e a gente a vê-las parar, ou nem sequer começar. Falamos das notícias verdadeiras — privatizações, aumentos de preços, decisões tomadas no contexto da integração europeia. E por aí fora. As más notícias são para quase toda a gente. Embora acreditemos que alguns poucos ganham alguma coisa com elas e assim as apreciem diversamente.

Colocando-nos nós próprios do lado da maioria — dos trabalhadores, do povo e, até, dos povos, o que não é nenhuma presunção — não podemos, nós, deixar de avaliar como más as notícias que por aí circulam. Dentro e fora do país.

A última semana, por exemplo, foi tristemente fértil. Não iremos fazer um inventário, nem sequer um resumo, das más notícias. Limitemo-nos às que, em Portugal e no mundo, mais evidentemente preocupam. Cá dentro, os incêndios.

Lá fora a guerra.

Acontecimentos que só muito restritamente e muito em segredo fazem lucrar alguém. Apenas interessam aos que, de um ou outro modo, os desencadearam ou alimentaram, ou permitiram.

Imaginamos a quem.

No caso da guerra, a quem ganha economicamente com ela. E a quem, do outro lado dos interesses petrolíferos, tem o pretexto para fazer boa figura, intervindo militarmente para «assegurar a paz» ou mesmo «restabelecer a soberania» dos estados...

No caso dos incêndios em Portugal, aos inconfessados interesses de madeireiros sem escrúpulos, à gula das celulosas.

Em ambos os casos, a maioria perde.

Trata-se de más notícias.

Sabemos que também há boas.

Já o sabemos: antes e atrás de cada notícia está o acontecimento que a justifica. E normalmente o acontecimento interessante é aquele que os homens fabricaram. Ou orientaram. Ou permitiram.

Precisamente de melhores notícias.

Que é como quem diz: é preciso fazê-las.

## Nota da Comissão Política do CC do PCP

### Governo do PSD agrava os problemas nacionais

e encurtar distância na ligação ao resto da Europa e melhorar as comunicações do Norte de Portugal.

O Governo deve prestar informações e esclarecimentos urgentes sobre as acções e projectos neste domínio.

**2.** A Comissão Política do PCP considera preocupante e revelador da fragilidade do nosso aparelho produtivo o novo agravamento do défice da balança comercial agora divulgado (490,9 milhões de contos), representando mais 34,5% que em igual período do ano passado, bem assim como a diminuição da taxa de cobertura das importações pelas exportações (66,1%).

A importação de bens de consumo (que aumentou 50%) é um dos principais responsáveis pelo agravamento do desequilíbrio, o que lhe confere ainda um maior significado negativo, mostrando como são descabidas as palavras «tranquilizadoras» do secretário de Estado da Exportação, no seguimento, aliás, das do ex-ministro Cadilhe, para quem os défices da balança comercial eram sempre virtuosos, quando a realidade dos dados o que mostra mais tarde é que os défices são acentuadamente viciosos.

**3.** A Comissão Política do PCP alerta para o facto de o Governo PSD/Cavaco Silva prosseguir aceleradamente a delapidação do capital público, com a transferência de bens e recursos nacionais para as mãos de grandes grupos económicos, inserida numa política de restauração de monopólios capitalistas, abrindo as portas à penetração e domínio da economia portuguesa pelo grande capital transnacional.

Contrariamente aos propalados objectivos da «disseminação do capital» e do «capitalismo popular», a privatização do primeiro banco há dias consumada (Totta & Açores) confirmou inteiramente a essência do processo privatizador em curso, com a transferência de uma empresa altamente rentável de um sector estratégico do sector público para o domínio de um poderoso grupo económico que surge estreitamente associado e inserido na estratégia do grande capital espanhol (Valores Ibéricos/Banesto).

A Comissão Política alerta para o risco da próxima privatização a 100% da Centralcer, na sequência da privatização da Unicer e nas condições em que está a ser organizada, poder conduzir ao domínio do sector cervejeiro pelos mesmos interesses e ao seu funcionamento, objectivamente, em regime de monopólios.

Inserem-se na mesma linha de fundo da acção governativa outras decisões recentemente anunciadas.

A Comissão Política critica vivamente a prevista entrega ao sector privado (a «empresa de grande fôlego financeiro» como afirmou o ministro da Indústria e Energia) da exploração do serviço público de abastecimento de gás natural (terminal de Setúbal, gasoduto, distribuidores regionais). É de salientar que a exploração deste abastecimento, pelas suas características, constitui um autêntico monopólio, facto que só por si desaconselharia a sua entrega ao grande capital. A crescer, ainda, o facto de o abastecimento de gás natural surgir como altamente beneficiário de ajudas da CEE, através do FEDER, da ordem das duas dezenas de milhões de contos.

Não pode também deixar de ser referida de forma crítica a aplicação de uma parte significativa dos 15 milhões de contos provenientes das contrapartidas das concessões de jogo em Espinho e na Póvoa do Varzim para subsidiar projectos de investimento turístico a fundo perdido de diversas entidades privadas, inclusive das próprias concessionárias.

**4.** A Comissão Política verifica que continuam a somar-se dados que apontam para um agravamento da situação financeira das autarquias, em alguns casos com prejuízos muito acentuados para fornecedores e para o desenvolvimento local. Esta situação assenta essencialmente nos vícios de cálculo do Fundo de Equilíbrio Financeiro; nos novos encargos para as autarquias decorrentes da recente reforma fiscal (IRS dos funcionários municipais); nas isenções fiscais que o Governo decreta em receitas que revertam para as autarquias

sem cumprir a lei que manda indemnizá-las (é o caso da contribuição autárquica e da sisa).

Tendo em conta a gravidade da situação e as suas consequências para as populações, o PCP solicitou uma audiência ao Primeiro-Ministro para expor estes importantes problemas.

**5.** A Comissão Política chama em particular a atenção da opinião pública para a situação calamitosa que se vive hoje em importantes unidades hospitalares e para a gravidade da denúncia que vem sendo feita por médicos de que a desastrosa política do Governo na área da saúde corresponde ao propósito de empurrar os doentes para o sector da medicina privada (que o Governo procura activamente incentivar e para as seguradoras).

A Comissão Política apela para o alargamento da luta pela melhoria das condições de saúde a que todos os portugueses têm direito, e para que a acção dos médicos, dos profissionais de enfermagem e de outros trabalhadores do sector, seja crescentemente secundada pela intervenção das organizações sindicais, autarquias, das populações e dos próprios utentes dos serviços de saúde.

**6.** O PCP acompanha com compreensível interesse e natural preocupação a grave situação interna do Partido «Os Verdes» — seu aliado na CDU —, deseja sinceramente que a mesma possa ser superada através do diálogo e sublinha que a sua clarificação e estabilização são um elemento muito importante para conferir segurança ao exame bilateral de questões de interesse comum aos dois partidos, designadamente as que se prendam com o futuro e perspectivas da CDU e reafirma, pela sua parte, o seu empenho em assegurar a continuidade dessa valiosa experiência de cooperação democrática, num quadro de respeito mútuo, de interesse recíproco, de autonomia, seriedade e lealdade.

A Comissão Política do PCP lamenta profundamente afirmações marcadamente agressivas e inaceitáveis acusações que publicamente lhe têm sido dirigidas por membros do Partido «Os Verdes» que se encontram em divergência e conflito com outros militantes daquele partido.

A Comissão Política salienta que a disposição de sempre do PCP de se encontrar com a direcção de «Os Verdes» ou com delegações designadas pelos seus órgãos competentes não pode ser confundida com a satisfação de qualquer ilegítima pretensão de transferir para o PCP um papel que só pode e deve caber aos dirigentes e militantes de «Os Verdes».

**7.** Apesar do período estival, a Comissão Política assinala no plano social o descontentamento e as acções de luta num conjunto muito diversificado de áreas.

Descontentamento e luta que abrange importantes sectores da vida nacional, como os agricultores (que justamente protestam contra as importações de produtos agrícolas e que reivindicam o abaixamento do preço do crédito e dos principais factores de produção) e os trabalhadores bancários, da Carris, dos mármore e granitos, da administração local, enfermeiros e outros profissionais da área da saúde, os guardas florestais, os trabalhadores do IROMA, entre outros.

A Comissão Política salienta a importância do desenvolvimento da luta social pela satisfação de reivindicações de natureza concreta e a necessidade da sua intensificação e alargamento nos próximos tempos, como forma dos trabalhadores, dos agricultores e de outras camadas laboriosas não verem mais agravados pela política do Governo PSD/Cavaco Silva muitos dos problemas com que se debatem e conseguirem alcançar a satisfação das suas legítimas aspirações.

**8.** A Comissão Política apreciou ainda o andamento da actividade partidária neste período de Verão salientando a iniciativa e dinamismo envidenciados pelo grande número de encontros e de comícios-festas realizados por todo o País e pela participação na preparação da Festa do «Avante!».

Lisboa, 6 de Agosto de 1990



Edgar Correia, da Comissão Política do CC do Partido, acompanhado de Joaquim Judas, suplente do Comité Central, apresentou em conferência de imprensa as principais conclusões da reunião de segunda-feira

PCP

# Guarda: Perigo à vista!

A Direcção da Organização Regional da Guarda do PCP, numa nota que distribuiu no início desta semana à comunicação social, responsabiliza o Governo português «por uma ausência de posição, ou por uma posição frouxa», que possibilite a construção de uma fábrica de concentrados de urânio a dez quilómetros da fronteira portuguesa.

A DORG tomou conhecimento de que a Empresa Nacional de Urânio (ENUSA) de Espanha pretende construir uma fábrica de concentrados de urânio na aldeia de Saelices el Chico, Salamanca, a escassos quilómetros da fronteira portuguesa, com uma capacidade anual de produção de 950 toneladas de concentrado de urânio. «A ser construída, representará um perigo ecológico na zona fronteiriça, com todas as consequências negativas para a

saúde das populações, já hoje sacrificadas com exploração de urânio junto ao rio Águeda, afluente do rio Douro. Aí o teor da radioactividade é de 22%, muito acima dos mínimos permitidos, o que justamente já levou os alcaides dos vizinhos municípios espanhóis à protestarem e exigirem o fim desta exploração» — afirma-se na nota.

A DORG do PCP alerta os municípios raianos e a população para a gravidade de tal empreendimento ser levado à prática e considera que cabe ao Governo português assumir desde já as responsabilidades que lhe competem na defesa dos interesses do País, com base no Direito Internacional, recusando os custos do escoamento de matérias radioactivas para o nosso território, como já acontece com a Central Nuclear de Almaráz para o rio Tejo.

# Em Novembro Seminário do PCP sobre emigração

O PCP vai realizar em Novembro um seminário sobre os problemas da emigração, prosseguindo os esforços que tem feito para estudar a situação e fazer propostas justas, anunciou Luísa Araújo, do Secretariado do CC do Partido, no convívio de emigrantes que se realizou no domingo no terreno da Festa do «Avante!».

Esta foi a primeira iniciativa do género dos camaradas da emigração e constituiu, para comunistas e outros emigrantes que nela participaram (cerca de uma centena, vindos de vários pontos do País), a única oportunidade de ir à Festa do «Avante!», já que em Setem-

bro estarão de novo fora de Portugal.

Luísa Araújo falou sobre a situação política nacional e as posições do PCP, criticando a política de abandono e desprezo que caracteriza a actividade do Governo relativamente aos emigrantes e lembrando a acção que os comunistas têm desenvolvido na defesa dos interesses dos portugueses que são forçados a ganhar a vida no estrangeiro.

A dirigente comunista felicitou na ocasião os camaradas do sector da emigração por terem já conseguido 62 por cento dos fundos que se propuseram recolher no âmbito da campanha dos 150 mil contos para o terreno da Festa.

# Férias, festas e esclarecimento político

É tempo de férias para muitos portugueses. É tempo de festas para muitos mais: porque não são ainda todos que podem usufruir desse humano direito ao descanso e porque, na sua maioria esmagadora, os festejos de Verão que estão a decorrer por este Portugal fora são obra de gente que trabalha. É tempo, igualmente, de esclarecimento político, em que os comunistas empenham permanentemente os seus esforços. Publicamos aqui excertos de intervenções de Carlos Carvalhas e Luísa Araújo, dirigentes comunistas que, como tantos outros camaradas, têm participado em iniciativas do PCP neste tempo de férias e de festas.

## Sines devia ser rentabilizado

«Há aqui em Sines milhões de contos de infraestruturas industriais com uma utilização diminuta, que deveriam ser rentabilizados se houvesse uma política de localização industrial e de incentivo ao investimento estrangeiro minimamente coerente e eficiente.

Mas um Governo que tem por grandes linhas de orientação o **negocismo** e o **eleitoralismo** nem se dá conta destas coisas. O leilão do riquíssimo património público e o frenesim eleitoralista nem sequer lhe concedem tempo para outras abordagens. Para o Governo, qualquer investimento estrangeiro e qualquer localização deste servem, tal é o afã leiloeiro. Por isso, com certa arrogância, um jornal espanhol afirmava há dias, não sem razões, que Portugal está à venda.»

## Porto Vitória

«A luta firme e persistente dá resultados. A luta dos pescadores e dos eleitos do poder local acabaram por obrigar o Governo a construir o porto de pesca e, agora, à adjudicação da sua segunda fase. É uma vitória das forças progressistas de Sines e muito especialmente dos pescadores.»

(Da intervenção de Carlos Carvalhas, secretário-geral adjunto do PCP, na IX Festa da Terra e do Mar, em Sines, sábado, 4 de Agosto)



em que o PS não está isento de culpas. E isto dá para pensar o que seria novamente um governo PS sem entendimento com o PCP, aliado de facto ou formalmente à direita (com o CDS). Por isso o reforço do PCP é fundamental para que seja garantida uma efectiva política democrática, e não uma mera política verbalista de esquerda.

O entendimento e a convergência entre os democratas é essencial para a concretização de uma política democrática, uma política que dê corpo ao desenvolvimento económico e social e à modernização do aparelho produtivo.»

(Da intervenção de Carlos Carvalhas no almoço-convívio em Montemor-o-Novo, domingo, 5 de Agosto)

## Cortar fitas é a prioridade

«A política de corta-fitas é hoje a prioridade das prioridades de Cavaco Silva. (...) Só no mês de Julho o distrito de Santarém já teve a visita do ministro da Educação, Roberto Carneiro, no encerramento do ano lectivo no colégio de S. Miguel em Fátima, a visita do secretário de Estado da Administração Local, Nunes Liberto, que se fez fotografar nas obras do campo de ténis em Santarém e na Chamusca, onde fez uma distribuição avulsa de homologações de planos de desenvolvimento agrícola (PADARs) com cerimónias de pompa e circunstância devidamente servidas ao jantar pelo telejornal. O ministro do Ambiente, Fernando Real, visitou Constância, onde observou os vestígios dos prejuízos das últimas cheias, tendo feito sugestões e algumas promessas, mas não deixando sequer um tostão. (...) Cavaco Silva também visitou o distri-

to, refrescou a garganta com água da EPAL, acompanhado de mais dois membros do Governo, e entregou títulos de propriedade a 500 rendeiros de Almeirim da Herdade dos Gagos... que de facto já eram proprietários por direito próprio. (...)

Com este frenesim governamental, Cavaco Silva procura branquear o *Estado-laranja*, fazer esquecer o aumento dos preços, deixar para as páginas interiores os escândalos e os delicados casos de corrupção que atingem o seu Governo, a sua política ao serviço dos grandes senhores da terra, as chagas sociais da pobreza e do trabalho infantil, a exclusão de milhares de famílias de um nível de vida digno.»

(Da intervenção de Carlos Carvalhas na festa-convívio no Couço, sábado, 28 de Julho)

## Acessos a Lisboa

«A quinta faixa na Ponte 25 de Abril - que foi proposta pela primeira vez em 1985 pelo PCP - é apenas uma medida pontual para resolver problemas imediatos. Têm que ser tomadas outras medidas de fundo, como o aproveitamento ferroviário da actual ponte (com um meio de transporte rápido do tipo do metropolitano) e a construção de uma nova ponte rodoviária. Com esse objectivo foi recentemente criado o Miral, Movimento para a Resolução dos Acessos a Lisboa.»

## Almada

«Estamos no concelho de Almada, na zona do País que mais tem crescido em termos de população. A Câmara Municipal de Almada, de maioria comunista, tem tido o mérito de suportar este aumento explosivo da popula-

ção, tem sabido resolver problemas essenciais dos novos residentes, nomeadamente no sector do saneamento básico e arruamentos; a CM de Almada desenvolve uma intensa actividade sociocultural com o objectivo de enraizar as pessoas no local de residência.

Os eleitos comunistas em Almada são alvo duma intensa campanha por parte dos eleitos do PS no sentido de dificultar a gestão de maioria comunista. Apesar da campanha, os comunistas não hesitam e estão dispostos a continuar com empenhamento a trabalhar para a resolução dos problemas da população.»

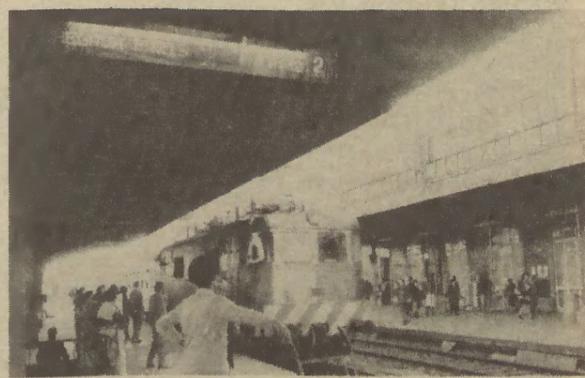
## Convergência

«A unidade tem que ser uma aspiração popular, exige um PCP forte e não pode dar-se à custa do apagamento artificial das diferenças entre os partidos.

O PCP não é uma força de apoio ao PS. O PCP é um partido com representação e peso a nível nacional, um partido com propostas, um partido que dá provas da sua capacidade de intervir e resolver problemas de interesse local, regional e nacional. Factos da vida recente mostraram que foi na unidade das forças de esquerda que os democratas foram capazes de derrotar a direita.

A batalha da unidade e da convergência é tarefa essencial dos democratas portugueses. Da nossa parte, comunistas, garantimos que empenharemos os nossos esforços para que as forças democráticas vençam esta batalha.»

(Da intervenção de Luísa Araújo, do Secretariado do CC do PCP, na Festa da Costa, do Sol e do Mar, Costa da Caparica, 5 de Agosto)



## Camaradas Falecidos

### Joaquim Gonçalves Santinhos

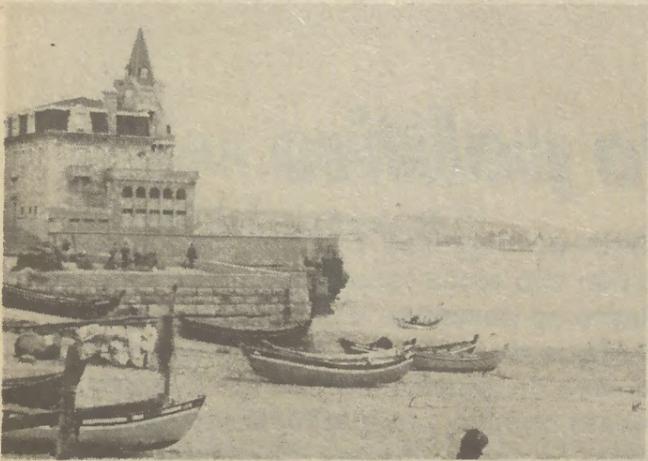
Vítima de grave doença, faleceu recentemente o camarada Joaquim Gonçalves Santinhos. Tinha 52 anos, era militante do Partido desde 1974 e estava organizado na célula da TAP.

### António de Jesus Pereira

No incêndio da passada quinta-feira na empresa corticeira Soberrana, no Montijo, faleceu o camarada António de Jesus Pereira. Organizado na célula do Partido daquela empresa, era natural de Setúbal, onde nasceu em 1942.

Aos familiares, amigos e companheiros dos comunistas falecidos o colectivo do «Avante!» apresenta sentidas condolências.

## Poder Local



As recomendações da CDU para preservar Cascais foram aprovadas na Câmara

## CDU aprova recomendações para preservar Cascais

Os vereadores da CDU na CM de Cascais fizeram aprovar na reunião de 2 de Agosto deste órgão um conjunto de recomendações sobre planeamento urbanístico que, a serem aplicadas, criarão os instrumentos necessários e determinantes para a defesa do concelho na definição da política municipal e dos objectivos económicos, sociais e culturais.

Carlos Sota e Vítor Silva consideram - numa nota que divulgaram à imprensa - que tais recomendações são importantes para fazer face às grandes pressões que ameaçam modificar profundamente a estrutura física e social do concelho e comprometer seriamente o seu futuro e a sua vocação turística.

Das recomendações que propuseram e foram aprova-

das na CM, os vereadores da CDU destacam a rejeição dos projectos para a área de paisagem protegida, enquanto não estiver aprovado o respectivo regulamento, o aceleração da elaboração de medidas cautelares e preventivas para áreas sujeitas a maior pressão, e o cumprimento rigoroso do plano de urbanização da Costa do Sol e do regulamento geral de edificações urbanas.

Naquela reunião os vereadores da CDU exigiram também que dos grandes projectos em consulta nos serviços fosse dado conhecimento à Câmara. Segundo a nota de imprensa, esta exigência justifica-se por «uma dúzia de projectos preverem uma ocupação de 9 milhões de metros quadrados, dos quais 8 milhões são de área de paisagem protegida».

## Deputados de Beja preocupados com a saída de «voluntários»

Uma delegação representando os deputados pelo distrito de Beja do PCP, do PS e do PSD foi recebida pelo secretário de Estado para a Administração da Saúde, na sequência de uma carta ao ministro em que expressavam preocupação pelas consequências do chamado Plano para a Assistência Médica no Verão ao Algarve.

A saída de médicos, enfermeiras e técnicos de diagnóstico e terapêutica (em regime de suposto voluntariado que se tem caracterizado por pressões mal esclarecidas) para fazerem urgências no Algarve tem provocado situações de ruptura social — refere uma nota do Grupo Parlamentar do PCP, do qual partiu a iniciativa do contacto com o Governo.

O secretário de Estado informou que dos 126 médicos abrangidos pelo Plano apenas 10 foram deslocados de Beja. Os deputados por aquele distrito, depois de

chamarem a atenção para a justiça dos protestos das populações, alegaram que, por si só, esse facto era definidor de um erro governamental, pois, atendendo à população de Beja e ao reduzido número de médicos ali existente, o Executivo deveria ter excluído o Baixo Alentejo do seu Plano.

O secretário de Estado da Administração da Saúde informou ainda que o Governo, para minorar os possíveis efeitos da saída de médicos em municípios onde as carências assistenciais são maiores, já tomou medidas para que em Ourique e Mértola as vagas abertas provisoriamente pelo funcionamento do seu Plano sejam preenchidas. O secretário de Estado esclareceu ainda que os deputados por Beja seriam mantidos ao corrente de novos desenvolvimentos da situação criada, revela a nota do Grupo Parlamentar Comunista.

## Imobilismo e guerrilha metem água na CM de Braga

«A par de um nítido imobilismo que se constata, quer na execução de obras em curso, quer no lançamento de obras novas, algumas de inegável interesse para as populações, assiste-se a uma constante guerrilha a nível da gestão municipal, que põe cada vez mais em causa uma gestão democrática, transparente e aberta» - afirma a concelhia de Braga do PCP num comunicado que distribuiu segunda-feira com o objectivo de alertar a opinião pública para algumas situações, que considera «preocupantes», a nível da Câmara Municipal.

A recente delegação no presidente de novos poderes é, para os comunistas bragueses, mais um passo naquele sentido, «tanto mais que a confortável maioria absoluta de que o PS dispõe no executivo municipal lhe permite tomar, pelo seguro, todo o tipo de deliberações democráticas».

A concelhia do PCP preferiria que, como afirma no comunicado, a Câmara «se preocu-



A resolução de alguns problemas, como o da falta de água, até não implicaria grandes custos à CM de Braga

passar mais com os graves problemas existentes no concelho, em especial quanto ao saneamento básico, abastecimento de água, alargamento do cemitério, vias rurais, trânsito».

A resolução de alguns destes problemas até não implicaria grandes custos, se houvesse vontade política - afirma o PCP, exemplificando com a colocação de bebedouros pela cidade, em especial na

Avenida Central, e o aproveitamento das nascentes locais para a rega dos jardins. Isto evitava, além do mais, nota a concelhia de Braga do PCP, as frequentes faltas de água que se têm verificado ultimamente.

## Montijo: Cavaco a passar e as rendas a aumentar

Por proposta da CDU, a Assembleia Municipal do Montijo aprovou (com a abstenção do PSD) um voto de protesto pela quebra protocolar imputada ao Governo aquando da recente deslocação de Cavaco Silva à freguesia de Pegões a pretexto de inaugurar o primeiro troço da passagem desnivelada de Pegões-Gare.

De facto, foi só pela televisão que os eleitos da Câmara e da Assembleia Municipal (incluindo os seus presidentes) souberam daquele acto governamental com forte cheiro eleitoralista (note-se que esta foi a segunda vez que Cavaco Silva fez uma paragem no mesmo local, ao estilo da telenovela

das inaugurações e dos inaugurations). A Junta de Freguesia de Pegões, totalmente formada por eleitos do PSD, emitiu um comunicado à população convidando-a a participar no acto, mas não informou nem a Câmara, nem os eleitos da CDU na Assembleia de Freguesia.

(Plano de Desenvolvimento Regional).

Os deputados comunistas Apolónia Teixeira e Luís Roque, e Flausino Barradas, vereador da CDU na CM do Montijo, participaram, por seu turno, num encontro com meia centena de moradores da urbanização da Bela Vista (Afonsoeiro), onde foi debatido o projecto-lei do PCP sobre rendas apoiadas.

Ali os moradores defrontam-se actualmente com o aumento brutal da prestação mensal dos empréstimos contraídos para aquisição de casa própria. Segundo testemunhos levados à reunião, há aumentos para 70 e 90 contos, ficando os moradores sujeitos a despejo se não entregarem de imediato 300 a 400 contos.

Um grupo de moradores manifestou a sua disponibilidade de contribuir para melhorar o projecto do PCP, caso a maioria da AR vote a sua passagem à discussão na especialidade.



Inaugurações, inaugurations, e aumentos — a imagem de marca do PSD, à vista no Montijo

## Seis meses de lamentações em Montemor-o-Velho

«Já lá vão seis meses de lamentações e desculpas» - constata-se nas concelhias do PCP e da CDU de Montemor-o-Velho, numa nota de imprensa em que analisam a situação no concelho. «O PSD prometeu mudanças e não pode querer apenas mudar as taxas e licenças para mais caras», afirmam os comunistas e seus aliados.

A nota foi divulgada após uma reunião da Assembleia Municipal de Montemor-o-Velho, em 16 de Julho, convocada extraordinariamente

para rever o orçamento e aumentar a tabela das taxas, num contexto caracterizado pelas acusações do PSD à anterior gestão PS de que esta teria feito uma gestão ruínoza e deixado dívidas que não permitem trabalhar.

Para fazer face à apregoada falta de dinheiro, protesta-se no comunicado, «a Câmara PSD entrou mais uma vez no bolso de todos nós e não só aumentou, como criou novas taxas». Começa já este mês a ser cobrado nos recibos da água um imposto de lixo, e foi

decidido controlar e fazer pagar a água consumida por bombeiros, clubes, juntas de freguesia, etc.; também foram agravados os custos da construção, acrescentando ainda a exigência de exhibir alvará de empreiteiro para levantar as licenças de obras. «E todos estes aumentos se resumem à mesma justificação: não há dinheiro, é preciso arranjar-lo! Para pagar mais uns tachos da factura da campanha?» - comentam os dirigentes concelhios do PCP e da CDU. - «Sempre votare-

mos contra o aumento das taxas, até que se prestem bons serviços aos contribuintes», afirmam.

No que toca à situação financeira da CM, lança-se na nota um desafio: «se houve ou há erros, que se achem os culpados. O PS e o PSD apoiariam um inquérito administrativo à Câmara?». A ir avante, conclui-se no documento, o inquérito «viria confirmar aos montemorenses uma certeza: nem PS, nem PSD servem para o concelho».

Trabalhadores

# PCP apoia a luta na Siderurgia Nacional

No seguimento da movimentação dos trabalhadores e das suas estruturas organizativas na Siderurgia Nacional, EP, o PCP — «em defesa de um sector empresarial do Estado forte e dinâmico; por uma Siderurgia Nacional, EP moderna, rentável e competitiva ao serviço dos trabalhadores e da independência nacional; a luta continua»; palavras de ordem com que termina o texto — acaba de distribuir o seguinte comunicado dirigido aos trabalhadores daquela empresa pública:

«Por muito que os grandes meios de Comunicação Social, controlados pelo Governo, o silêncio, a classe operária, os trabalhadores e outros sectores sociais não aceitam passivamente as medidas e as consequências da política do Governo e do conselho de gerência da SN, EP, mas com coragem e determinação mos-

tram cada dia que a luta continua.

«A realidade que se vive na SN, EP está a mostrar que as medidas preconizadas pelos diferentes governos (desde os do PS passando pelos do PSD) e seus comissários políticos no conselho de gerência têm conduzido a empresa

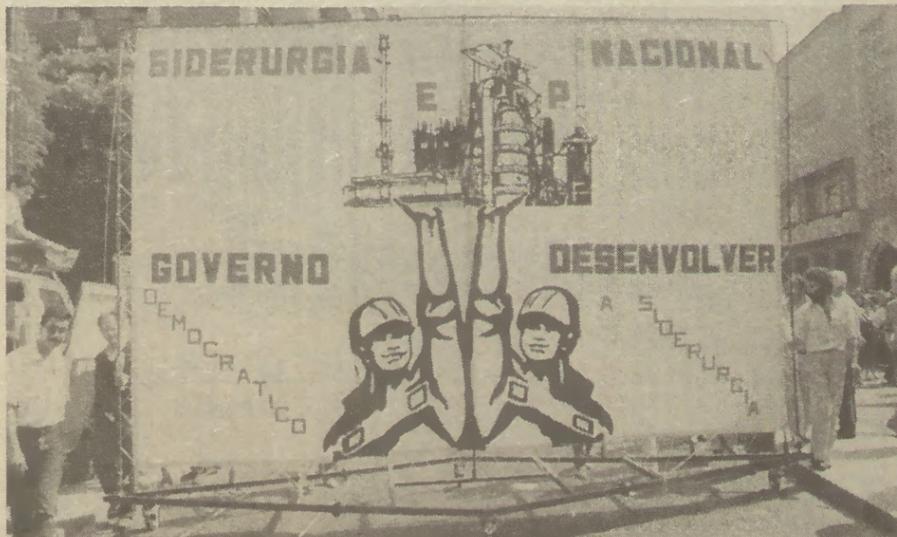
para uma degradação constante:

— A fábrica da Maia não tem condições para laborar 12 meses por ano por falta de pessoal;

— As vendas e a produção são inferiores em 20 por cento ao orçamento para o 1.º semestre de 1990, apesar dos grandes investimentos, nem todos com rentabilidade assegurada, verificando-se um retrocesso aos níveis produtivos de 1986, sendo feitos de forma que, à boca pequena, se fala de corrupção dentro da empresa;

— As horas extras sobem a níveis insuportáveis para os trabalhadores;

— As limitações aos direi-



tos consagrados no AE (Acordo de Empresa) acontecem todos os dias;

— A saída de trabalhadores, directamente produtivos ou quadros técnicos, está a colocar em risco todo o processo produtivo;

— A incompetência campeia a vários níveis da empresa;

— As afirmações públicas do ministro da tutela apontam para a estabilidade económica e financeira da SN, EP, mas a realidade da empresa desmente-o.

«Perante esta situação é natural que a descrença quanto ao futuro da SN, EP esteja instalada. Não podemos ficar de braços cruzados à espera que as soluções nos sejam oferecidas numa salva de prata. São necessárias medidas urgentes para alterar este estado de coisas. Só a luta dos trabalhadores poderá impor uma SN, EP moderna, rentável, ao serviço dos trabalhadores e da economia nacional.

«A criação de condições políticas para uma alternativa democrática exige o empenhamento de todos os democratas, cabendo à classe operária e a todos os trabalhadores um papel primordial nessa luta pela exigência do respeito

pelos seus direitos e regalias sociais e políticas.

«As propostas e iniciativas concretas de diálogo, de consenso e de convergência com as outras forças democráticas mostram que o PCP é um indefectível lutador pelo entendimento e pela unidade de todos os portugueses e democratas, com vistas a uma alternativa de governo e de política ao cavaquismo governamental.

«Em cada dia que passa se generaliza mais a consciência de que, no quadro político nacional, o partido que está sempre com os trabalhadores, sempre com o povo, sempre apoiando as suas reivindicações, é o Partido Comunista Português.»

## Muito afectado o emprego em V. Real Exigida a reabertura das Minas e da Cerâmica Flaviense

Grave situação no emprego afecta o distrito de Vila Real. Segundo a União dos Sindicatos, organização intermédia da CGTP, naquele distrito transmontano, se não forem reabertas as Minas da Borralha, em Montalegre, e a Cerâmica Flaviense, em Chaves, haverá um «desastre» social, que vai «afectar directamente a economia do País».

A União dos Sindicatos de Vila Real especifica que «nas Minas da Borralha poderão

ocorrer a maior calamidade social de todos os tempos, verificada no distrito, caso o seu encerramento se concretize».

Quanto à Cerâmica Flaviense, a USVR recorda que recentemente (12 de Julho) a empresa foi atingida por um incêndio, o segundo em meia dúzia de anos, tendo no primeiro sido destruída a parte mais antiga da empresa.

Segundo a comissão executiva da União, as Minas da Borralha chegaram a ter 600

trabalhadores. Hoje, a viabilidade da empresa é posta em causa tanto pela administração como pelo Governo.

A direcção da USVR afirma que essa posição é contrariada «pelos estudos feitos por grandes especialistas, que apontam as Minas da Borralha como uma das empresas mais viáveis no domínio do estanho e do volfrâmio».

A União dos Sindicatos de Vila Real (USVR) acusa o Governo de ser «um dos principais responsáveis por tal situação», já que «se tem mostrado indiferente a uma

certa abertura da CEE» quanto à «importação de minério produzido em Portugal e oriundo das empresas encerradas há cinco anos».

A União considera os dois casos apontados susceptíveis de «comprometer o desenvolvimento socioeconómico da região» e exige a reabertura das Minas da Borralha. Ao mesmo tempo mostra a sua preocupação pelos postos de trabalho da Cerâmica Flaviense, reclamando «os necessários investimentos», tendo em vista a sua modernização e manutenção de todos os postos de trabalho.

## Prevista paralisação da Carris

Termina amanhã, sexta-feira, o prazo da solicitação dirigida pelos trabalhadores da Carris ao Primeiro-Ministro para que convoque as organizações sindicais para uma reunião onde os problemas da empresa «sejam abordados na perspectiva da sua resolução».

Essa decisão foi tomada em plenário geral durante uma paralisação em 25 de Julho findo que, segundo a FESTRU se efectuou para «analisar a situação que se vive na empresa e decidir sobre as formas de luta a desenvolver».

Se não houver resposta do Governo, o mesmo acontecendo com a administração, os trabalhadores da Carris darão início a uma semana

de greves às horas extraordinárias entre 20 e 26 do corrente.

Outras iniciativas de luta estão previstas, de acordo com as decisões tomadas naquele plenário de 25 de Julho, incluindo «uma paralisação do tráfego» em 4 de Setembro entre as 5 e as 8 horas e no dia seguinte entre as 16 e as 19.

Recorde-se que as reivindicações dos trabalhadores da Carris se relacionam com «a correcção salarial desde Janeiro de 1990; a redução do horário de trabalho para as 40 horas semanais; a negociação dos enquadramentos profissionais; e o respeito pelas regalias e direitos adquiridos», salienta a FESTRU.

## Salários Aumentos de 16 por cento

Duas revisões salariais, abrangendo no conjunto três mil trabalhadores, proporcionaram aumentos entre os 13,3 e os 16,3 por cento. Os respectivos acordos foram negociados pela Fepces, Federação do Comércio, Escritórios e Serviços. Com sede em Lisboa, esta organização intermédia da CGTP, destaca o aumento de 16,3 por cento para os trabalhadores de escritório e comércio da indústria de cortiça do Sul. Este aumento entrou em vigor no mês passado.

Também em 1 de Julho findo, foram abrangidos por uma revisão salarial os trabalhadores do sector dos armazéns de papel. A Fepces, além do aumento, conseguiu a criação das categorias de operador e de estagiário de computador, que não existiam na regulamentação agora revista.

Aquela Federação sindical, que abrange todo o País, conseguiu ainda nas mesmas negociações um aumento de 30 por cento no subsídio de refeição e de 24 por cento nas diuturnidades para os trabalhadores de escritório e comércio da indústria de cortiça do Sul.

## Responsabilidade clínica

Sob o título «Vitória dos médicos do Serviço de Cirurgia do Hospital Egas Moniz», a direcção do Sindicato dos Médicos da Zona Sul, com sede em Lisboa, distribuiu em 25 de Julho findo o seguinte comunicado:

«A direcção do Sindicato dos Médicos da Zona Sul congratula-se com o espírito de unidade e dignidade demonstrado pelos médicos do Serviço de Cirurgia Geral do Hospital Egas Moniz.

«Contra todas as pressões oriundas da direcção médica do prof. Pinto Teixeira (director do Serviço de Cirurgia Geral) e do dr. José Carlos Oliveira, conseguiram fazer valer os seus direitos e defender os in-

teresses dos doentes do Hospital Egas Moniz.

«Hoje, dia 25.7.90, o ministro da Saúde ordenou que o dr. Carlos Santos, director do Hospital de S. Francisco Xavier, assegurasse a terceira equipa de cirurgia do banco do H. S. F. Xavier.

«Esperamos que a experiência de constituição de equipas de urgência sem competências (como aconteceu nos dias 21-25), para substituir os médicos em greve, não se repita para que os doentes não sofram as consequências que, a acontecerem, são da inteira responsabilidade do director clínico do H. E. Moniz, dr. Abranches Pinto, e do director do Serviço de Cirurgia Geral, dr. Pinto Teixeira.»



Dos mineiros (foto) aos técnicos sanitários, com greve anunciada, à Carris e à Siderurgia Nacional, EP, os conflitos sociais e a actuação do Governo não entram de férias; as organizações sindicais também não

## Nacional

## Para recuperar habitações

## Lisboa quer apoio governamental

Nos últimos dias ruíram em Lisboa dois edifícios (Rua Morais Soares, 49 e Travessa Miguel Verdial, 2) ficando desalojadas dez famílias que a Câmara Municipal recolheu nos centros de realojamento do Serviço Municipal de Protecção Civil.

Esta situação — afirma a CML num comunicado que divulgou anteontem — veio reavivar a necessidade de adopção das medidas legislativas que a Câmara sugeriu ao Governo no passado mês de Maio:

- Aumento do montante das coimas a aplicar por falta de obras intimadas (actualmente os senhorios que se recusam a fazer obras podem limitar-se ao pagamento de uma coima de 500 escudos se pagarem voluntariamente);

- Garantia de indemnização dos inquilinos, através de uma percentagem do valor dos terrenos em que se situe o imóvel cuja ruína provoque desalojamento de famílias titulares de contratos de arrendamento válidos.

## Um caso exemplar

O caso do edifício da Rua Morais Soares ilustra bem a importância das medidas preconizadas pela Câmara de Lisboa, como se refere no comunicado:

- o senhorio recebia anualmente cerca de 1300 contos de arrendamento do edifício;

- para recuperar o prédio poderia ter recorrido a financiamento a fundo perdido, através do programa RE-CRIA, o que não fez;

- foi intimado pela Câmara, em Agosto de 1988, para realizar as obras necessárias, não tendo cumprido tais intimações;

- da vistoria agora realizada pela Câmara resultou a indicação de que o prédio é irre recuperável, o que coloca nove famílias numa situação dramática e permitirá ao proprietário obter um elevado lucro, como «prémio» pela falta de respeito pelas obrigações contratuais a que estava vinculado e que cessam com a ruína.

A ruína de edifícios em Lisboa costumava ocorrer com alguma frequência nos meses de Inverno, como consequência das chuvas e das infiltrações provocadas nos edifícios. A ocorrência de fenómenos desta natureza em pleno Verão — considera a CML — é sintomática quanto à situação a que chegou o parque edificado na cidade.

Apesar de, no ano em curso, a CML ter previsto um investimento superior a dois milhões de contos para recuperação de edifícios de habitação, a situação encontra-se longe de se poder considerar controlada, o que mais reforça a necessidade de apoio governamental — conclui a nota.



Uma exigência justa, a que Cavaco e o PSD dizem, com a sua política: «Querias!...»

## Emprego, habitação...

## «A prazo é que está a dar»

## — acusa a Interjovem

A Interjovem, estrutura de juventude da CGTP-IN, contesta numa nota recente as alterações ao regime de arrendamento urbano preconizadas pelo Governo, prevenindo mesmo que as medidas do executivo PSD/Cavaco Silva vão ficar na história marcadas pela máxima «Viver a prazo é que está a dar».

Para a Interjovem as alterações anunciadas, no que concerne aos novos contratos de arrendamento com duração limitada, virão colocar os jovens na corda bamba, o

que de resto já se verificou no mercado de trabalho.

«Não faz sentido e é no mínimo ridículo dizer-se que a renovação do contrato será objecto de acordo entre as partes, uma vez que ao fim de 5 anos ou o jovem paga a renda que o senhorio quer impor ou fica sem casa» — afirmam os jovens da CGTP.

Por outro lado, a resolução do problema da habitação para jovens não pode passar apenas pela aquisição de casa própria, quer devido aos preços praticados no mercado, quer pelo desfazamento

do sistema de crédito, quer ainda pela instabilidade profissional e os baixos salários que marcam a realidade dos jovens no emprego.

Efectivar o direito à habitação — defende a Interjovem — passa necessariamente pelo reforço das verbas para habitação social, pela definição de uma nova política de solos com a participação do Poder Local, pelo apoio e estímulo da construção directa e das cooperativas de habitação e pela definição de uma política justa e equilibrada de rendas de casa.

## Cavaco força jovens a sair de Beja

A política do Governo do PSD tem sido «desastrosa» para a juventude do distrito de Beja e uma das suas consequências mais graves é «um verdadeiro êxodo da população juvenil» — afirma a coordenadora distrital da JCP numa nota divulgada após uma reunião em Pias no final do mês de Julho, referindo a falta de investimento e criação de postos

de trabalho, e mesmo a destruição de muitos postos de trabalho existentes, como consequências daquela política que têm levado a que muitos jovens sejam obrigados a partir, quer para o estrangeiro (nomeadamente França e Suíça), quer para outras zonas do País (em especial o Algarve), situação que se tem agravado bastante nos últimos tempos.

## Vem aí a VIII Seixaliada

A VIII Seixaliada inaugura-se no dia 22 de Setembro, às 16 horas, durante um festival que decorre no Estádio da Medideira (Amora), com a concentração de todas as representações no largo da Sociedade Filarmónica Operária Amorense. Depois, haverá o desfile do largo da SFOA até ao relvado do campo de futebol, seguindo-se a cerimónia de apresentação das colectividades, o acender da Pira Olímpica e o festival desportivo — informou a CM do Seixal.

Até ao dia 14 de Outubro (quando se realizará o festival de encerramento, no pavilhão do Clube do Pessoal da Siderurgia Nacional, às 15.30 h., que constará de um sarau gímnico e outro de patinagem artística) desenvolver-se-á o quadro competitivo da Seixaliada, em 30 modalidades: andebol, atletismo, badminton, basquetebol, bicross, boxe, canoagem, corridas em cadeiras de rodas, corrida de orientação, ciclismo, da-

mas, dominó, futebol de salão, futebol de onze (veteranos), ginástica, hóquei em patins, judo, karaté, luta, natação, patinagem, pesca, remo, ténis, ténis de mesa, tiro ao alvo, tiro aos pratos, vela, voleibol e xadrez.

Incluídos no programa da VIII Seixaliada estão os seguintes torneios, com equipas convidadas de nível nacional:

**Futebol de 11** — Organizado pela Câmara do Seixal, Seixal FC e Amora FC, nos dias 22, 25 e 26 de Agosto com jogos a partir das 18 horas, no Estádio da Medideira, com a participação das equipas do Seixal FC, Amora FC e Benfica.

**Basquetebol** — Organização da CM Seixal e do Seixal FC, nos dias 15 e 16 de Setembro, no pavilhão do Seixal FC, com a presença das equipas do Seixal FC, Sporting, Belenenses e Estrelas da Avenida.

**Hóquei em patins** — Organização da CM Seixal e do Seixal FC, nos dias 6 e 7 de

**Outubro**, no pavilhão do Seixal FC, com a presença das equipas do Seixal FC, Sporting, Paço de Arcos e uma equipa espanhola a confirmar.

**Andebol** — Organização da CM Seixal e do Secretariado Concelhio de Andebol, em datas ainda não definidas, no pavilhão do Seixal FC, com as equipas do Seixal, CCR Alto do Moinho, Benfica, Académica de Coimbra e Vitória de Setúbal.



Em Lisboa já caem prédios também durante o Verão. Mas de São Bento não vem o apoio necessário, nomeadamente em legislação, para evitar que a cidade caia.

## Ler na praia

Tal como em anos anteriores, no período de Verão está a funcionar no Clube Naval Barreirense, até ao próximo mês de Setembro, uma biblioteca. Esta iniciativa da Biblioteca Municipal do Barreiro proporciona a todos os interessados livros, revistas e jornais; as crianças, além dos livros terão à sua disposição jogos e brinquedos.

A biblioteca da praia funciona diariamente das 10 horas às 12.30 e das 14 às 18 horas.



Internacional

# Hiroxima foi há 45 anos

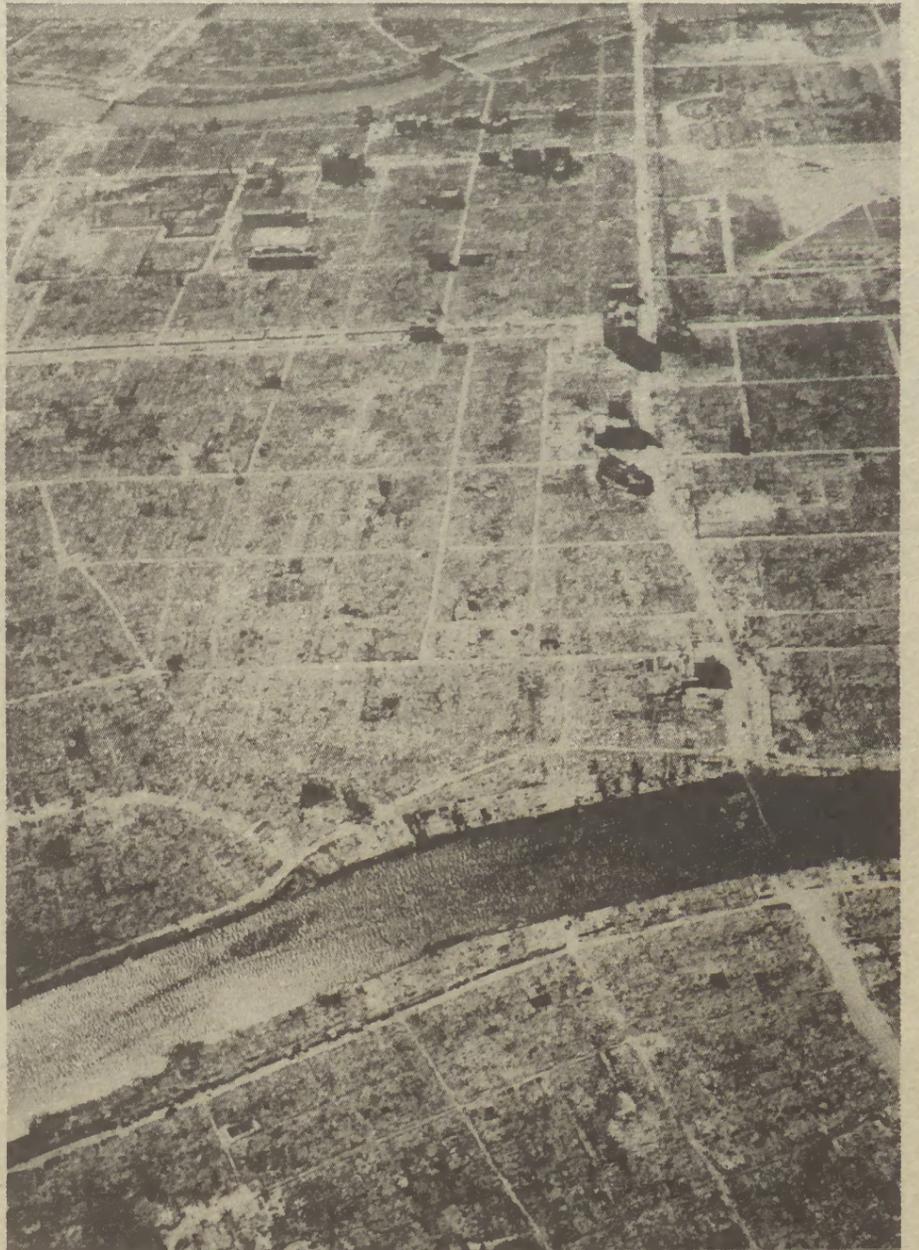
A 6 de Agosto de 1945, às 7 horas e 9 minutos, ouviu-se uma sereia de alarme em Hiroxima. A cidade era sobrevoada por um avião meteorológico dos EUA, «Straight Flush». Dele partiu, pelas 7 e 25, a informação para o B-29, «Enola Gay»: «Visibilidade 10 milhas; camada de nuvens dois décimos a 4500 metros». A sereia de alarme calou-se às 7 e 31. Mas o «Enola Gay», disfrutando das excelentes condições de visibilidade, aproximava-se. A bordo, uma bomba atômica com uma potência equivalente a 20 mil toneladas de TNT. A «Little Boy» é largada às 8 horas, 15 minutos e 17 segundos. A explosão ocorre 43 segundos depois...

Nesse mesmo momento, em Hiroxima, 14 mil pessoas desapareceram, por desintegração. Além destas, morreram dezenas de milhares. Bairros inteiros ficam reduzidos a es-

combros e cinzas, que a onda de choque eleva vários quilómetros nos ares.

Duas testemunhas, os pintores Iri e Toshiko Masuki, descrevem assim a tragédia: «Uma cintilação ofuscante, uma explosão que suprime a consciência, um vento quente e, no momento seguinte, tudo arde em redor. O silêncio que se faz, após um estrondo de força incomparável, desaparece com a crepitação do fogo.»

«Num instante — prossegue o depoimento dos dois artistas — a roupa a arder cai dos corpos, incham os braços, os rostos, os peitos; pedaços de pele caem no chão... As pessoas, de braços erguidos, correm, gritando de dor.»



Hiroxima. Um deserto depois da bomba nuclear

## Encontro Chevardnadze-Baker: URSS anuncia fim do fabrico de mísseis balísticos em 1991

A União Soviética decidiu pôr termo a partir de 1991 ao fabrico de mísseis balísticos intercontinentais móveis, estacionados em plataformas ferroviárias, anunciou o ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS.

Chevardnadze falava numa conferência de imprensa no termo de dois dias de conversações com o secretário de Estado norte-americano James Baker, realizadas em Irkutsk, na Sibéria Oriental.

Do encontro resultou um comunicado conjunto, onde se «expõe minuciosamente o conteúdo das conversações, fixando os entendimentos alcançados».

O comunicado conjunto soviético-americano refere que os dois ministros mostraram a intenção de dar «instruções adicionais» às suas delegações nas negociações para o tratado «START».

Pela primeira vez na história dos encontros entre os chefes das diplomacias da União Soviética e dos Estados Unidos foram abordados os «problemas comuns da Ásia e do Extremo Oriente», sublinhou Chevardnadze.

Segundo o ministro soviético, os dois estadistas discutiram a estabilidade e a segurança na Ásia e no Extremo Oriente, bem como a liquidação da confrontação militar, o que constitui, no seu dizer, uma «nova abordagem» dos problemas na região.

O comunicado conjunto especifica que os dois países dão particular atenção à garantia do período de transição no Afeganistão, com vista a «promover eleições democráticas e livres sob a égide internacional», tendo tido em conta as mais recentes propostas nesse sentido.

«Optimistas e inspiradoras de confiança», foi como o ministro soviético caracterizou as conversações sobre o Camboja, considerando que depois que os EUA deixaram de reconhecer o governo de coligação do «Kampuchea Democrático», a que pertencem os «khmers vermelhos», surgiu uma base para o diálogo com todas as forças cambodjanas, a China, os países da Indochina e da «ASEAN».

Desse diálogo poderá sair a criação de um Conselho Nacional Superior e cessar, o mais rapidamente possível, o conflito através de eleições livres, diz o comunicado final.

No debate dos assuntos europeus, os temas principais foram a regularização dos aspectos externos da unificação alemã, a transformação dos blocos militares, as conversações de Viena sobre armamentos convencionais e a institucionalização do processo pan-europeu, no âmbito da preparação da Conferência sobre segurança e cooperação na Europa, que terá lugar em Paris, em Novembro próximo.

## Angola/Grã-Bretanha: parlamentares condenam política dos EUA

Parlamentares britânicos exortaram o governo americano a «reconsiderar a sua política intervencionista em Angola e a cessar todo o apoio financeiro e militar à Unita».

Numa carta de protesto endereçada à Embaixada americana em Londres, os parlamentares acusam o governo americano de continuar apostado na imposição dos seus «peões» no poder em Angola e de forçar, pelo uso das armas, o governo angolano a aderir à sua filosofia.

Referem ainda que Washington desviou-se da pré-condição da retirada das tropas cubanas de Angola, nos termos dos acordos de Nova York, para o reconhecimento do governo angolano, para exigir, agora, a participação da Unita no governo.

## Inútil

No mesmo dia, à hora do almoço, a bordo do navio de guerra «Augusta», em que regressava aos EUA vindo da Conferência de Potsdam, o presidente Truman recebe a seguinte mensagem: «Secretário da Guerra ao Presidente — Grande bomba largada sobre Hiroxima... Primeiros relatos indicam sucesso completo com resultados ainda mais espantosos que os do ensaio precedente.» Dirigindo-se aos oficiais da marinha que o rodeiam, Truman comenta: «É o maior acontecimento da história.»

Acontecimento inútil, para muitos. Nomeadamente para o insuspeito general Dwight Eisenhower, que sucedeu a Truman na presidência dos EUA. «O nosso país deveria evitar chocar a opinião pública mundial com o emprego de uma arma que, como eu pensava, não era já imprescindível como forma de salvação das vidas de americanos», escreveu Ike no seu livro «Um Mandato para Mudanças».

O recurso à bomba, nomeadamente à segunda que, em 9 de Agosto, destruiu Nagasaki, torna-se tanto mais incompreensível quanto, na véspera desta data, a União

Soviética, respeitando compromissos assumidos em lalta, declarara guerra ao Japão. É o próprio Winston Churchill quem o escreve: «Seria um erro acreditar-se que o destino do Japão foi decidido pela bomba atômica.»

E o físico inglês Patrick Blackett vai mais longe: «O lançamento das bombas atômicas não foi tanto o último acto da Segunda Guerra Mundial, mas sim a primeira grande operação da guerra fria diplomática com a Rússia.»

## Nunca mais

A escalada nuclear estava desencadeada. Quarenta anos mais tarde, em 1985, especialistas calculavam o po-

tencial de todos os arsenais nucleares existentes no mundo em qualquer coisa como 50 mil megatoneladas de trinitrotolueno (uma megatonelada é igual a um milhão de toneladas). «Nós possuímos armas nucleares suficientes para organizar 600 mil Hiroximas e 2400 guerras como a Segunda Guerra Mundial», afirmou, na altura, o doutor Barry Schneider, um perito do Departamento de Estado dos EUA para o Controlo dos Armamentos.

Neste mesmo ano, em Abril de 1985, o primeiro plenário do Comité Central do PCUS realizado sob a direcção de Gorbatchov dá início a uma política de profundas reformas da sociedade soviética — a «perestroika».

Marcada, no plano interno, pelos novos princípios de transparência («glasnost») e democratização, a nova política da URSS é acompanhada, a nível externo, por uma abertura sem precedentes. Em Agosto de 1985, Mikhail Gorbatchov anuncia a entrada em vigor de uma moratória unilateral relativa aos ensaios nucleares, que veio a prolongar-se até Fevereiro de 1987. Na sequência de uma primeira cimeira com Ronald Reagan, em Novembro de 85, em Genebra, Gorbatchov expõe, em Janeiro seguinte, o plano da direcção soviética com vista à eliminação de todas as armas nucleares. Para que Hiroxima e Nagasaki não aconteçam nunca mais.

## Declaração do CPPC

# «Atentado à Humanidade»

No dia 6 de Agosto, em Hiroxima, a arma nuclear é pela primeira vez utilizada em teatro de guerra. Foi há 45 anos. Apenas uma data histórica assinalar uma das muitas tragédias vividas pela humanidade?

Para o Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC), que por ocasião deste 45.º aniversário, divulgou uma declaração, os progressos entretanto registados no caminho do desarmamento não invalidam, antes pelo contrário, a necessidade de reforçar mais e mais a luta pela paz.

Hoje há quem considere incómodo ao recordarmos o genocídio de Hiroxima e Nagasaki argumentando que tudo já passou e que vivemos em paz, diz-se na Declaração.

Efectivamente nunca antes da celebração do Tratado INF assinado pelos presidentes Reagan e Gorbatchev tinha havido uma redução de armamento, o desmantelamento de armas nucleares e convencionais, a retirada de tropas de ocupação.

Tem, contudo, razão de ser a insistência dos movimentos de Paz em lembrar os horrores da guerra.

É que a guerra não acabou!

Inventam-se novas formas de alertar a opinião pública para

o perigo de novas guerras, inventam-se novos conceitos de inimigos. Continua-se a desviar para armamento e pesquisa militar recursos indispensáveis ao desenvolvimento e à cooperação.

Também, em Portugal, o desanuiamento veio inquietar os que se habituaram a sonhar com soluções belicistas.

Em Portugal continua-se a comprar aviões militares em segunda mão, não se sabe bem para quê, em lugar de se adquirir material aéreo para combate aos incêndios. Compram-se fragatas, sem nenhuma finalidade prática e cujo custo de manutenção da ordem dos 15 milhões de contos por ano são insuportáveis para o país, ao passo que continuamos sem meios de fiscalização e de combate à poluição marítima.

Foram os movimentos de Paz que se manifestaram e ajudaram a formar a opinião pública que pressionou de forma, esperamos irreversível, os centros de decisão política nacionais e internacionais.

Por isso, relembremos hoje, dia 6 de Agosto, mais um aniversário sobre o atentado à humanidade que foi o bombardeamento atômico de Hiroxima e Nagasaki.

## Internacional

## GOLFO PERSICO

## Um novo foco de tensão

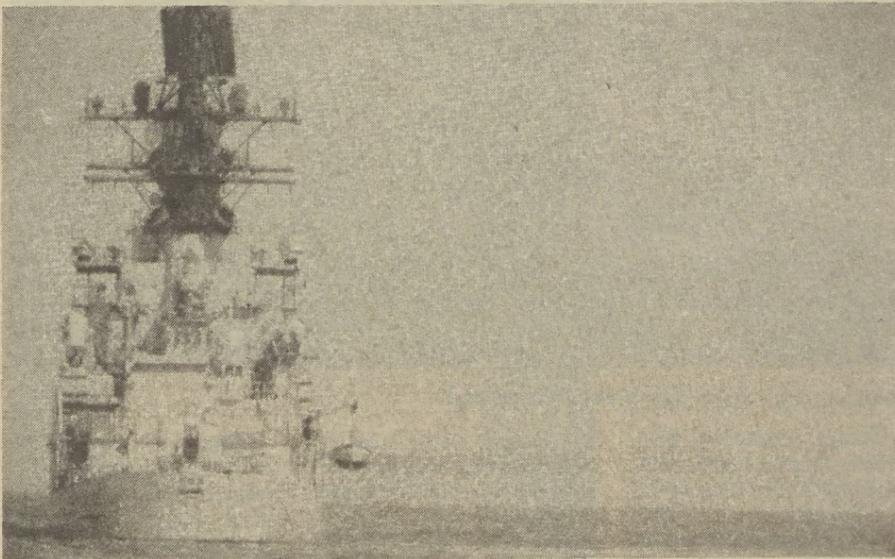
Dia 2 de Agosto, tropas iraquianas penetram no Kuwait, e ocupam de facto o país vizinho, instalando no poder um governo, composto exclusivamente por militares, e que aparentemente não inclui nenhum cidadão do Kuwait.

O chefe deste «Governo provisório», Ala Hussein Ali, na primeira medida que tomou, ordena a passagem à reserva de todos os militares do país, acima da patente de coronel.

A invasão provocou 200 a 600 mortos. Independentemente dos anúncios de retirada, uma nova realidade política já foi — de momento — imposta ao Kuwait, e as tropas iraquianas controlam os portos e os edifícios governamentais.

Este, muito sucintamente, o quadro da invasão. Bem mais difícil seria resumir a teia de factos, realidades,

que possibilidades tem Israel (também às voltas com profundos problemas internos) de utilizar a situação criada?



Cruzador norte-americano no Golfo. Com o aumento de tensão, reforça-se também a presença militar norte-americana na zona

problemas, perigos, que a envolve.

Uma «guerra do petróleo»? Uma desesperada afirmação do poder do regime do Iraque, a braços com as dívidas da guerra do Irão?

Que perigos estão subjacentes às ameaças de intervenção e à reforçada presença militar dos Estados Unidos na zona? Que significado e consequência pode ter o claro e generalizado repúdio interna-

cional, que passou mesmo por uma declaração comum soviético-americana?

Múltiplas são as questões e as incógnitas. Um único facto é bem claro — está criado um novo foco de tensão e de guerra. O desatar dos nós dos grandes problemas e jogos de interesses no Médio Oriente afirma-se cada vez mais como uma urgência. O que necessariamente passa também pela solução do problema palestino. E do libanês.

## Os antecedentes

Num memorando oficial enviado ao secretário-geral



oito anos de guerra com o Irão, o Iraque ficou com 150 mil mortos e uma dívida de mais de 60 mil milhões de dólares. Num momento em que se regista um processo de aproximação entre países árabes, Bagdad ficou internacionalmente isolado. No Líbano, Sadam Hussein foi um dos principais fornecedores de armas ao general punitista Aoun Begdad. E perdeu. No plano interno, onde de par de uma política repressiva, crescem hoje as dificuldades económicas, dificilmente o regime contará com apoios populares. Que os sentimentos chauvinistas provocados por uma guerra, podem ajudar a suprimir.

A «guerra do petróleo» é outra realidade bem palpável a pesar no desencadear dos últimos acontecimentos no Golfo. É grande a divergência de interesses, na OPEP, entre os grandes produtores, que são os países do Golfo, e nomeadamente o Kuwait, favoráveis aos aumentos de volumes de produção, mesmo com quebra de preços (o que basicamente coincide com os interesses das multinacionais do petróleo), e os pequenos produtores, muito mais vulneráveis às variações dos preços do crude. Até à data, o Iraque tem alinhado com o grupo dos mais ricos, liderado pela Arábia

Poucas horas depois da invasão, o Conselho de Segurança da ONU aprovava por unanimidade (sem o voto do Yemen) uma resolução exigindo uma «retirada imediata e incondicional» das tropas iraquianas do Kuwait. Moscovo e Paris suspenderam quaisquer fornecimentos de armas e equipamento militar. Os Estados Unidos e a Grã-Bretanha congelaram os bens do Iraque e do Kuwait nos seus respectivos países.

Três dias após a invasão, a CEE decidiu um duplo embargo imediato. Das importações de petróleo, provenientes dos dois países em causa, e igualmente das vendas de armas e material militar com destino ao Iraque. O Japão assume na prática um total embargo económico.

Por proposta dos Estados Unidos, o Conselho de Segurança da ONU (com 13 votos a favor, que incluem a China, e 2 abstenções, de Cuba e do Yémen), aprova uma resolução que aponta para um efectivo boicote do Iraque, exigindo a suspensão de negócios, a proibição de venda ou fornecimento de armas. Isentas ficam apenas as vendas de medicamentos e alimentos com fins humanitários.

Uma das primeiras reacções dos Estados Unidos foi enviar do Oceano Índico para o Golfo Pérsico o porta-aviões Independence com uma escolta de seis navios. Oito barcos americanos — um cruzador, um contratorpedeiro, cinco fragatas e o navio-almirante La Salle — já se encontravam no Golfo.

Posteriormente, o porta-aviões Saratoga e o respectivo grupo de combate seguiram para o Mediterrâneo Oriental para se juntarem ao porta-aviões Eisenhower.

As notícias que aparecem na imprensa americana não são menos preocupantes que estes movimentos militares. Segundo o «Washington Post», o presidente Bush ordenou a elaboração de planos secretos para desestabilizar o governo iraquiano, acusado de constituir uma ameaça para a economia americana, mercê da aposta no aumento dos preços do petróleo. Por seu lado, o «Wall Street Journal», refere que uma das opções em estudo seria o bombardeamento de instalações militares secretas iraquianas, onde se estaria a trabalhar no desenvolvimento de armas nucleares e biológicas.

Os perigos são claros, tanto mais quanto é de esperar que haverá quem tente aproveitar a oportunidade para criar obstáculos ou tentar inverter o processo de desarmamento e desanuviamento em curso.

## PCP alerta

1. A invasão do território do Kuwait por tropas iraquianas não pode deixar de ser considerada como uma condenável violação dos princípios do direito internacional e da carta da ONU e como um grave acontecimento susceptível de criar novos factores de instabilidade na região.
2. Num momento em que ganha terreno um clima de desanuviamento e de procura de soluções políticas para graves conflitos regionais, esta invasão vai claramente contra essa tendência nas relações internacionais e assume particular gravidade tendo em conta que a paz entre o Irão e o Iraque é ainda frágil e que pode levar a tentativas de alargar o envolvimento dos estados beligerantes.
3. Esta invasão pode ainda conduzir ao agravamento de divisões do campo árabe que não favorecem o justo objectivo da solução do conflito israelo-árabe com base no reconhecimento do Estado Palestiniano.
4. Do interesse da paz e da procura de soluções negociadas que as tropas do Iraque se retirem do Kuwait e que nenhum Estado, particularmente Israel com o apoio dos Estados Unidos, se aproveite do conflito.

demnização. Bagdad acusa também o Kuwait de «ter seguido uma política petrolífera destinada a enfraquecer deliberadamente o Iraque num momento em que este faz frente a uma feroz campanha imperialista-sionista e a dificuldades económicas»!

O pretexto estava lançado. A verdade é que, ao fim de

Saudita. Mas agora, face à situação interna de degradação económica, passou a exigir o respeito de quotas de exploração que permitam preços mais elevados.

As reacções internacionais à invasão foram imediatas, sendo particularmente significativa a declaração comum soviético-americana, de condenação da invasão.

## CPPC condena acto de guerra

O Conselho Português para a Paz e Cooperação, surpreendido com a agressão do Iraque ao Kuwait e tendo em vista os seus fins de defesa da paz, da segurança e da cooperação internacionais, entende levantar a sua voz para condenar este acto de guerra.

Com efeito, sejam quais forem as razões, nada, nos tempos de hoje, numa época de procura da resolução dos conflitos pela via do diálogo e do desanuviamento, justifica o recurso às armas.

Por outro lado, acções deste tipo podem prejudicar a política de desarmamento que tem sido conseguida também por pressão da opinião pública nacional.

A continuação do diálogo e das negociações que decorriam entre os dois Estados, sob a égide dos outros países irmãos, é a única via compatível com os princípios da ONU e que, naturalmente, este conselho apoia.

Por estas razões, apelamos ao governo do Iraque para que retire as suas tropas do Kuwait e retome as negociações com este.

## CGTP-IN

A CGTP-IN transmitiu à Comunicação Social a sua veemente condenação da invasão do Kuwait. Num telex de quinta-feira passada, a Central afirma:

«A CGTP-IN, que se orienta pela resolução pacífica dos conflitos entre Estados e Nações, condena com veemência a invasão do Kuwait pelas tropas iraquianas, por ser um acto de clara agressão à integridade territorial de um Estado soberano e uma injustificada violação do direito internacional».

«Com o recurso sistémático às horas extraordinárias, o patronato está a impor o prolongamento efectivo da jornada de trabalho, despojando os trabalhadores duma importante conquista histórica da classe operária internacional: o horário de 8 horas de trabalho diário.

O governo fascista tudo tem feito para apoiar este sistema de exploração, quer forçando os trabalhadores a fazer horas extraordinárias, quer permitindo a violação grosseira das próprias leis fascistas em muitas empresas onde é recusada a remuneração do trabalho suplementar de acordo com a lei.

Contra esta clamorosa situação, e exigindo o seu termo, ergue-se a acção dos trabalhadores:

- na **Sonadel**, em Alhandra, os operários fazem greve às horas extraordinárias justificando com plena razão que oito horas de trabalho diário já são suficientes. O patrão procurou impor o trabalho por turnos mas os operários responderam com a recusa geral. A greve às horas extraordinárias continuou;

- na fábrica de câmions **Barreiros**, em Setúbal, os operários recorreram ao trabalho lento como forma de protesto contra as horas extraordinárias obrigatórias. Em represália, a direcção despediu nove operários e aplicou castigos. Mas a luta continuou e intensificou-se, forçando o patronato a readmitir os despedidos e a levantar os castigos. Firmes e unidos, os operários continuam a reivindicar o fim das horas extraordinárias;

- os operários da **Mague**, em Alverca, continuam a fazer greve às horas extraordinárias, reclamando que sejam pagas a 100 por cento e aumentos gerais de salários. Assediado por uma comissão constituída por representantes de todas as secções, o engenheiro-chefe promete aumentos. Reagindo contra esta promessa vaga, os operários passaram a reduzir a produção, recusando-se ao mesmo tempo a fazer horas suplementares.

A luta organizada contra o prolongamento da jornada de trabalho através das horas extraordinárias, consignada no manifesto do 1º de Maio do PCP, está assim na ordem do dia.»

(«Em luta contra as horas extraordinárias como sistema» - «Avante!», VI série, nº 419, Agosto de 1970)



«Nem a pronta intervenção das forças policiais, nem as prisões já efectuadas, nem as constantes chamadas de operários à PIDE-DGS para interrogatórios, nem a ostensiva presença da PIDE-DGS e da PSP em várias estações conseguiram fazer vergar a vontade dos trabalhadores da Carris, em luta. A greve às horas extraordinárias prosseguia firmemente desde há mais de um mês!

A velha tática de intimidação usada pelo patronato também não resultou: numerosos trabalhadores chamados frequentemente à Administração respondem que não fazem horas extraordinárias porque «os outros não fazem e eu também não faço».

Ante a firme unidade dos trabalhadores, os monopolistas da Carris esforçam-se por fomentar o descontentamento popular contra os trabalhadores, procurando fazer cair sobre eles a responsabilidade do que se está passando. Com efeito, o falso argumento de «exigências salariais desmedidas» não visa apenas denegrir os trabalhadores em luta mas também [ir preparando] o terreno para carregar] na bolsa do povo, por meio de novos aumentos das tarifas.»

(«Na Carris» - «Avante!», VI série, nº 419, Agosto de 1970)



**Delegação soviética no acampamento de Pioneiros**

# «Diálogo» para durar

**S**ão já tradicionais os laços de amizade que unem os pioneiros da URSS e de Portugal. O intercâmbio de delegações tem-se efectuado entre as duas organizações, porém, pela primeira vez, este ano os Pioneiros de Portugal receberam uma delegação soviética constituída por 22 pessoas, que permaneceu em no nosso país 12 dias, e incluía o grupo de música popular «Diálogo».

A delegação integrou-se no programa dos acampamentos realizados na semana de 22 a 28 de Julho, em Melides e Santa Cruz, noticiados oportunamente pelo «Avante!», e os jovens soviéticos apresentaram o seu espectáculo nas localidades dos acampamentos, Grândola e Torres de Santa Cruz. Em Melides, o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, encontrou-se com a delegação soviética com quem manteve uma animada conversa.

Entretanto, durante os acampamentos, em que estiveram também presentes delegações de crianças da Búlgaria e da Checoslováquia, para além dos pioneiros portugueses, é claro, não faltaram actividades para preencher o tempo bem ao gosto da pequenada. Idas à praia, à piscina, uma misteriosa «noite de bruxas», baile de máscaras, passeios, caça a tesouros, etc. Todavia, a delegação soviética após uma semana nos acampamentos teve ainda oportunidade de visitar outras localidades, onde contaram com o apoio das câmaras municipais para a elaboração dos programas. Foi o caso do Couço, onde



actuaram numa festa popular, e Chamusca, no distrito de Santarém. Montemor, Évora e Aljustrel foram outras localidades visitadas, com um espectáculo dos «Diálogo» a assinalar no Teatro Curvo Semedo, em Montemor. Durante essa última semana os membros da delegação contactaram com famílias portuguesas que os acolheram em suas casas. Já nas vésperas da partida para a URSS, o grupo «diálogo» culminou a sua digressão com um espectáculo na Brandoa, onde actuaram também o rancho folclórico dos pioneiros da Brandoa e um rancho de danças

da Madeira. No recinto estavam mais de quinhentas pessoas, que viram com agrado o desempenho dos jovens artistas.

A delegação partiu, os amigos separaram-se já com saudades, mas levam consigo os endereços para trocarem correspondência, e muitos planos para futuros encontros. O estreitamento da cooperação entre as duas organizações é, desde já, um resultado da visita. Sabe-se que os Pioneiros de Portugal passaram a trabalhar directamente com o Palácio dos Pioneiros de Moscovo, e esperam-se para breve novas e iniciativas conjuntas.



## A convite dos Pioneiros delegação soviética esteve em Portugal

# Uma experiência gratificante

No final do espectáculo na Brandoa, que encerrou a série de apresentações do grupo *Diálogo*, o repórter do *Avante!* falou com alguns membros da delegação soviética sobre as impressões e resultados da visita.

**Quais são as vossas impressões desta estadia em Portugal?**

**Anieta Sotnikova, do Palácio de Pioneiros de Moscovo, responsável pela delegação** - As impressões são muito diversificadas, interessantes e positivas. Existe um sentimento de grande satisfação resultante dos encontros mantidos a vários níveis, em especial com os trabalhadores portugueses.

**Esta iniciativa contribuiu de alguma forma para o reforço futuro das relações entre o nosso país e a União Soviética?**

**Anieta** - Estamos convencidos que estes encontros contribuíram

muito para o melhoramento das relações entre o povo soviético e o povo português e agradecidos aos Pioneiros de Portugal e ao Comité Central do PCP, pelo apoio dado a esta iniciativa, que nos proporcionou uma oportunidade única de conhecer tão de perto o vosso povo e o país. Foi uma experiência muito rica para nós que demonstrou igualmente uma relação muito amistosa do povo português para com o povo soviético.

Gostava de salientar que integram o nosso grupo comunistas veteranas que estabeleceram, mantiveram e desenvolveram os contactos com comunistas portugueses ainda durante o período da ditadura fascista. Este trabalho foi continuado durante mais de trinta anos, e ao realizarmos esta visita, era também nossa inten-

ção transmitir aos jovens do nosso grupo as tradições de amizade e solidariedade que sempre nos ligaram aos comunistas portugueses. Pensamos que o conseguimos, e o encontro com Álvaro Cunhal mostrou-o bem. Os nossos jovens sentiram o profundo respeito dos comunistas portugueses pelo povo soviético, a sua lealdade à amizade entre os dois partidos.

Partimos com a profunda convicção de que as relações entre os jovens soviéticos e portugueses vão continuar a desenvolver-se no futuro.

**Serguei Komkov integrou a delegação na qualidade de representante do soviete de Moscovo e refere-se à visita do seguinte modo:**

- Como representante do Município de Moscovo, foram muito importantes para mim os encontros mantidos com os presidentes das câmaras que visitámos. O principal objectivo era abrir caminho para o futuro intercâmbio de delegações e estabelecimento de contactos directos entre a cidade de Moscovo e os vários municípios portugueses que conhecemos, nas áreas da cultura, educação, desporto, etc. É minha convicção que este tipo de contactos são hoje possíveis.

**Como avalia os resultados da viagem?**

**Serguei** - Foram muito positivos. Encontrámos sempre grande receptividade para o estabelecimento de relações, existindo contudo ainda uma série de barreiras burocráticas, que, apesar de tudo, são hoje muito mais fáceis de ultrapassar.

**Refere que houve grande interesse e vontade da parte dos municípios portugueses em desenvolver estes contactos. Da parte dos municípios soviéticos existe o mesmo interesse.**

**Serguei** - Naturalmente que sim, não explico de outro modo a minha presença neste país. Devo dizer que neste Verão mais de 500 grupos de escolares de Moscovo visitaram vários países do mundo, integrados em iniciativas similares. Escolhi vir a Portugal exactamente porque até



Anieta Sotnikova

Andrei

Serguei Komkov

há relativamente pouco tempo não havia praticamente relações entre os nossos países, situação que estamos empenhados em mudar. Por último, sublinho que é simbólico o facto de a nossa delegação ser composta na sua maioria por jovens porque pensamos que deles depende o futuro do nosso planeta.

**Olga é a responsável artística do grupo musical *Diálogo*, do Palácio de Pioneiros de Moscovo.**

- Gostámos muito de visitar o vosso país, encontrámos pessoas excelentes que nos receberam sempre de coração aberto, rodeando-nos com cuidados e atenção. Agradou-nos imenso o programa cultural que nos foi proposto e pudemos aprender uma série de canções do folclore português que queremos divulgar no nosso país. Porventura o mais importante foram os amigos que fizemos em todas as cidades onde permanecemos. Vivemos no seio de famílias portuguesas, trocámos os nosso endereços e vamos manter o contacto. No momento da partida acabávamos sempre por chorar, tanto soviéticos como portugueses. Se for possível vamos continuar a trocar delegações no futuro.

**Andrei, que também faz parte do grupo, é um activista do Fundo Soviético da Paz e presidente do clube *Diálogo*, que desenvolve a sua actividade no seio da Associação de Amizade URSS-Portugal.**

As impressões mais marcantes ligam-se às pessoas que conheci no

acampamento de pioneiros onde estivemos cinco dias.

**Vontade de voltar mesmo antes de partir?**

- Creio que se fizessemos agora um inquérito ninguém do nosso grupo desejaria voltar neste momento a casa. Mesmo antes de partir todos nós temos vontade de regressar para rever os amigos que cá deixamos, fazer novos amigos, saber mais sobre Portugal.

**lúlia conta-nos como decorreram os vários espectáculos do grupo**

- Estes doze dias passados em Portugal foram para mim como se estivesse num conto de fadas. Foi gratificante para nós esta oportunidade de dar a conhecer o folclore do nosso país aos jovens portugueses. As nossas apresentações foram acolhidas com grande entusiasmo e, apesar de não estarmos habituados a actuar ao ar livre, com prazer continuaríamos esta digressão, tal a receptividade que tivemos. Penso que são precisamente os jovens que mais podem contribuir para o desenvolvimento das relações entre o povo português e o povo soviético. Assim como em Portugal se deu uma revolução, também na URSS decorre o processo de *perestroika* que deu aos jovens mais autonomia e os tornou mais activos na vida social. O intercâmbio de delegações de juventude, facilitando o diálogo, contribuirá para que vivamos felizes e em paz no século XXI. ■

## Carta ao director

Os clubes de amizade internacional não são um fenómeno recente na URSS. Foi nos anos sessenta, quando o PCP estava relegado à clandestinidade, que começaram a surgir entre os pioneiros soviéticos clubes de solidariedade com Portugal e, particularmente, com os comunistas. São bem conhecidas as cartas escritas por crianças soviéticas a Salazar, pedindo a libertação dos presos políticos. É inestimável o acolhimento que muitos filhos de comunistas presos tiveram nos campos de pioneiros, onde muitos deles passaram a infância e adolescência, regressando a Portugal só depois do 25 de Abril. Mesmo depois da revolução os pioneiros soviéticos continuaram atentos ao nosso processo, e nos momentos mais difíceis souberam dar provas da sua solidariedade. Tal aconteceu quando o flagelo dos salários em atraso afectava centenas de milhar de trabalhadores portugueses. Reunindo os seus fracos recursos, os clubes de amizade enviaram às crianças mais desfavorecidas material escolar, pequenas lembranças, desenhos, cartas... Hoje, só em Moscovo existem três clubes, cuja actividade está voltada para o nosso País, o clube José Dias Coelho, Manuel Rodrigues da Silva e o clube «Avante!». Foi deste último que nos chegou uma carta que não podemos deixar de publicar.

Os alunos e professores da Escola nº 43 Iuri Gagarin, da cidade de Moscovo, saúdam-vos calorosamente.

Desde os seus primeiros dias de existência, o jornal «Avante!» leva até ao povo a dura realidade da vida, mantendo-se na vanguarda da luta por um futuro melhor para o seu país.

Há muitos anos que seguimos os acontecimentos no vosso país. Sofremos mesmo com as vossas mais pequenas derrotas, e do fundo da nossa alma nos alegramos mesmo com as vossas mais pequenas vitórias. Durante todos estes anos mantivemos e valorizámos a nossa amizade com Portugal e com o vosso jornal. Por isso vos enviamos as nossas calorosas felicitações pela realização da Festa do jornal *Avante!* em Setembro, festa que também nos é comum, e recebam os nossos votos de boa saúde, força, firmeza e felicidades para todos os membros da redacção e leitores do «Avante!».

O clube da amizade internacional, que existe na nossa escola desde 1976, porta orgulhosamente o nome do vosso jornal. No decurso de todo este tempo, temo-nos interessado pela vida do povo português e pelo seu destino.

Agradecemos-lhe pessoalmente, camarada António Dias Lourenço, pelo nosso encontro, por responder às nossas cartas, pela atenção que nos tem prestado. Como até aqui, continuamos a interessar-nos pela vida no vosso país, pelas pessoas, pelas crianças portuguesas da nossa idade.

Os alunos da nossa escola descrevem a vida na nossa Pátria em desenhos que endereçam às crianças portuguesas. Gostaríamos que as crianças de Portugal nos falassem da sua vida, que comunicassem connosco com a ajuda dos seus desenhos.

Transmita as nossas saudações às crianças portuguesas, bem como os nossos melhores votos de saúde, felicidades e êxitos. É o nosso grande desejo podermos ser amigos.

Os membros do Clube «Avante!»  
da escola nº 43



Na foto vemos, à esquerda a Olga, a responsável artística dos «Diálogo», e, a ser entrevistada, lúlia que é membro do grupo musical

# Um ano de PSD para a juventude

desemprego juvenil não se resolve, as formas precárias de trabalho agravam-se, o flagelo do trabalho infantil alastra, as saídas profissionais para os quadros médios e superiores são diminutas e milhares de estudantes ficam à porta do ensino superior, conclui a JCP após uma reunião do Executivo da Direcção Nacional que fez o balanço de um ano de política do Governo PSD para a juventude, que denomina como o desmoronar do mito.

A reunião destinou-se a analisar a actualidade política relativa à juventude bem como a actividade da JCP no período de Verão. As conclusões contidas num documento divulgado na conferência realizada na passada semana, indicam que os grandes problemas da juventude mantêm-se e em alguns casos agravam-se, contrariamente às expectativas criadas por uma forte acção propagandística e demagógica que levaram, numa primeira fase, os jovens a acreditar na resolução dos seus problemas e concretização dos seus anseios.

Contudo, apesar dos malabarismos estatísticos utilizados pelo Governo para demonstrar que o desemprego juvenil diminuiu, que cada vez mais estudantes entram para o ensino superior, que os jovens têm mais acesso à habitação própria, à cultura, aos tempos livres e ao desporto, afirma o comunicado distribuído, a realidade é bem diferente.

A JCP afirma que as condições de ensino se degradam, alertando para o facto de o Governo se preparar para durante as férias avançar com um decreto-lei que cria um novo modelo de gestão das escolas do ensino pré-escolar, básico e secundário. O modelo de gestão em causa assenta em profissionais, é excessivamente autoritário e burocrático, e, abrindo as portas à participação de entidades exteriores às escolas na sua gestão, vem agravar ainda mais a situação existente. Nomeadamente, a JCP refere que a participação estudantil praticamente não é contemplada, apenas pontualmente prevista e de forma simbólica, sem se dar atenção a formas específicas de participação.

Relativamente ao acesso à habitação, os jovens comunistas apontam a ausência de uma política adequada, acrescentando que as medidas recentemente anunciadas pelo Governo não resolvem o problema de fundo. A cultura, desporto, tempos livres, componentes importantes da vida dos jovens, continuam a não poder ser plenamente usufruídos por estes.

— Projecto-Lei que adopta medidas de prevenção do consumo de drogas e de tratamento e reinserção social de toxicodependentes;

— Projecto-Lei que cria o Conselho para o Serviço Militar Obrigatório;

— Projecto-Lei sobre Objecção de Consciência face ao Serviço Militar Obrigatório;

— Projecto-Lei que reformula o subsídio de Inserção dos Jovens na Vida Activa;

— Projecto-Lei que Proíbe a discriminação salarial dos jovens, assegurando-lhes a remuneração igual à dos demais trabalhadores;

— Projecto-Lei que cria o Estatuto



## ou o desmoronar do mito

### Actividade realizada

Da vasta e intensa actividade realizada ao longo do ano pela JCP, a reunião do Executivo da Direcção Nacional destaca várias iniciativas:

- A V Conferência Nacional do Ensino Superior, o III Encontro Nacional do Ensino Secundário e o I Encontro Nacional de Jovens Trabalhadores Comunistas realizados no mês de Abril que pelo elevado número de participantes, pela riqueza e vivacidade do debate, pela importância das conclusões e propostas deles saídas e por serem realizações únicas no quadro das organizações juvenis partidárias.

- A apresentação na AR, através dos deputados jovens do Grupo Parlamentar do PCP de 8 Projectos-Lei visando a resolução dos problemas juvenis:

- Projecto-Lei que cria um Novo Regime de Acesso ao Ensino Superior;

Jurídico do Conselho Nacional de Juventude;

- Projecto-Lei que define apoios à edição e preços dos manuais escolares.

- O importante contributo dado pela JCP ao debate e à valorização do Conselho Nacional de Juventude e a sua eleição para a Direcção.

- A realização de um Seminário sobre «Os Direitos Sociais da Juventude na CEE» que contou com a presença de representantes das organizações comunistas de juventude dos vários países da CEE.

- A realização de um Encontro sobre «Poder Local e Juventude» organizado em conjunto com o PCP.

- A realização de várias Assembleias de Organizações Distritais da JCP.

- A participação com um vasto leque de iniciativas próprias na preparação do XIII Congresso (Extraordinário) do PCP, no Congresso e na divulgação das suas conclusões.

### Ações para os próximos meses

Divulgadas foram também as iniciativas que a JCP prevê realizar até ao final do ano:

- A participação na XIV Edição da Festa do «Avante!», este ano a realizar nos novos terrenos da Quinta da Atalaia, Amora — Seixal. Realce-se a Cidade da Juventude deste ano, de que salientamos a 3.ª Edição da Exposição/Concurso «Tomar a Iniciativa» este ano dando espaço à fotografia; o espaço de recolha financeira que será um contributo da juventude para a Campanha dos 150 mil contos com vista à compra deste novo terreno para a realização da Festa, a que chamaremos «Um milhão da Jota para a Festa»; o espaço polivalente em que se procurará dar voz aos jovens artistas (música, teatro, etc.) portugueses e onde se realizarão ainda dois importantes deba-

tes: um sobre o Serviço Militar Obrigatório e outro sobre o Racismo. É ainda de salientar os espaços de mostra de imprensa juvenil e de venda de artesanato urbano. Por último é importante referir o importante momento de afirmação política da JCP e de convívio juvenil que representarão mais uma vez este ano a Cidade da Juventude e toda a Festa do «Avante!».

- O empenhamento da JCP na realização do IV Encontro Nacional de Juventude que deverá constituir momento ímpar de vitalidade e autonomia do movimento juvenil.

- A realização de um amplo debate a nível nacional sobre toda a problemática ligada ao Serviço Militar Obrigatório, que terá início já na Festa do «Avante!», denunciando desde já, a atitude do Governo nesta matéria que continua a demonstrar não ter vontade política de ouvir as organizações de juventude e de promover um amplo debate sobre o SMO.

- Um conjunto de iniciativas en-

volvendo os jovens deputados comunistas no reinício dos trabalhos parlamentares (Setembro), de que se salienta, a realização de uma iniciativa de reflexão e discussão com dirigentes do Movimento Juvenil, sobre a nossa actividade parlamentar de juventude; a visita dos jovens deputados a várias regiões do País com estruturas do Movimento Juvenil, a apresentação em plenário de Projectos-Lei anteriormente já apresentados, pela sua importância para os jovens; acesso ao ensino superior, apoio social aos estudantes, etc., pensamos ainda apresentar novas iniciativas parlamentares sobre assuntos que até agora não foram abordados.

- O lançamento de uma campanha de sensibilização, apoio e divulgação junto dos jovens trabalhadores. Projecto-Lei que apresentamos na AR sobre subsídio de inserção na vida activa.

- A realização de um Encontro Nacional da JCP a 11 de Novembro. ■

■ Anabela Fino

# GRAÇAS E DESGRAÇAS DA EMIGRAÇÃO PORTUGUESA (conclusão) ABRIU A CAÇA AO VOTO DOS EMIGRANTES

Ninguém sabe ao certo quantos portugueses trabalham na Suíça. Nem sequer o Sindicato da Construção e Madeira (SICOM ou FOBB, na abreviatura francesa), que para além da sua actividade específica funciona muitas vezes como uma espécie de bombeiro, ou de assistente social, a procurar resolver os casos dramáticos que lhe chegam às mãos ou de que tem conhecimento. Legalmente, são 101 124 os portugueses na Suíça, contando-se neste número os que possuem autorização temporária, anual e permanente — os famosos «permis» A, B e C, respectivamente. Mas nestes números não se incluem os clandestinos; segundo uma fonte do consulado português em Genebra, pensa-se que só nos cantões de expressão francesa haverá cerca de 40 mil portugueses em situação ilegal. Com que apoios contam estes compatriotas? Por parte do governo português, com três consulados (Berna, Zurique e Genebra) e meia centena de funcionários.

O consulado português em Genebra é a prova provada da impossibilidade de fazer omeletes sem ovos por maior que seja a imaginação e a capacidade de improvisação de que os portugueses são mestres. É também o exemplo do oportunismo da política do Governo (deste e dos que o antecederam), para quem os emigrantes servem para a concretização de três objectivos: fazer baixar a taxa de desemprego, envio de divisas e captação de votos.

Na sala de atendimento do consulado, permanentemente cheia de gente já que ali são atendidos cerca de dois terços dos portugueses emigrados na Suíça, deparo com um comunicado deveras elucidativo: com um desassombro pouco comum, dá-se conta das dificuldades em prestar um serviço expedito devido à falta de pessoal e das diligências efectuadas, até à data sem resultado, para alargamento do quadro de funcionários.

Não se pense que é exagero; o consulado de Genebra, segundo um estudo recentemente efectuado, efectua uma média anual de 2 800 actos por funcionário, o que representa quase o dobro da média normal (1 500 actos/funcionário/ano). E tanto quanto pudemos apurar, Lisboa não só se mostra indiferente ao facto como tem vindo a reduzir o número de trabalhadores, nomeadamente fazendo regressar ao país os que pertencem ao quadro, sem os fazer substituir nos consulados.

Curiosa, também, é a política de emprego do Governo neste âmbito: dos 15 funcionários do consulado de Genebra apenas dois pertencem ao quadro da função pública. O que significa que a maioria são assalariados trabalhando sem qualquer protecção, podendo ser despedidos a todo o momento, sem beneficiarem de qualquer tipo de assistência (saúde, reforma, etc.). Embora as cartas de legitimação destes trabalhadores refiram que são contratados em Portugal, a verdade é que são contratados localmente, do que resulta uma duplicidade de critérios de tratamento, ao sabor das conveniências. Nuns casos, é-lhes aplicado o regulamento da Função Pública portuguesa; noutros casos, a legislação local. É assim que os salários variam de Zurique para Genebra, mesmo exercendo a mesma função.

Esta situação — a que não escapam sequer o vice-consul e o chanceler — resulta do facto do estatuto do pessoal consular, embora aprovado, continuar por regulamentar, o que permite ao Governo proceder na base do comodismo e da confiança política e dá azo a todo o tipo de prepotências. Refira-se, a título de exemplo, o caso do ex-consul em Zurique — recentemente transferido a toda a pressa para Hong-Kong — que entre muitas outras coisas se arrogava

## Muita demagogia poucos resultados

Como é fácil de perceber, com tão escassos recursos humanos fruto de grande desinteresse das autoridades nacionais, o atendimento e

apoio aos emigrantes portugueses na Suíça deixa muito a desejar. Que o digam, por exemplo, os que trabalham no Ticino (na fronteira com a Itália), dependentes do consulado de Zurique, que para tratar de qualquer assunto são forçados a uma viagem (ida e volta) de mais de 500 quilómetros. Ou ainda aqueles que, trabalhando nos consulados, tomaram a iniciativa de tentar melhorar a informação junto dos emigrantes, para depois verem o esforço do seu trabalho (duas brochuras com informação fundamental) ser pura e simplesmente remetido para o caixote do lixo!

É de esperar, no entanto, que a situação se altere nos próximos tempos. Não por um súbito rebate de

em conjunto acções de informação sobre a estadia e trabalho na Suíça. Trata-se, sem dúvida, de aspectos importantes, ainda que insuficientes face às necessidades de apoio dos emigrantes portugueses. Só que, em boa verdade, estes resultados são antes do mais fruto da luta de muitos anos de compatriotas nossos, designadamente através do Sindicato da Construção e Madeira (SICOM-FOBB) e cujas reivindicações não se ficam pelo agora acordado.

Ao reivindicar os «louros» do referido acordo, o Governo português está já à procura de dividendos para as próximas eleições. E a procurar fazer esquecer que muito continua ainda por alcançar até que os portugueses na Suíça tenham direito a condições de trabalho e de vida condignas; direitos elementares que não se pautam apenas pelos francos que fazem chegar a Portugal. ■



Em Biasca, no Ticino, um jantar de festa antes de uma reunião sindical; naquele dia, dois trabalhadores — um português e um espanhol — tinham algo muito importante a comemorar: diziam adeus à Suíça, regressavam a casa



São alentejanos de Évora, foram até à Suíça para arranjar a vida, agora que as coisas estão cada vez mais difíceis lá na terra. Contactaram o Sindicato para se inscreverem, que os sindicatos servem para defender os interesses dos trabalhadores

consciência mas pela simples razão de que, pela primeira vez, os emigrantes na Suíça vão votar nas eleições legislativas. E as próximas, como se sabe, são já no próximo ano.

Em Abril passado, um comunicado de imprensa dava a conhecer os resultados das negociações entre a Suíça e Portugal relativas ao trabalho e estadia dos trabalhadores portugueses na Suíça: assinatura de um acordo, em vigor desde o passado dia 1 de Julho, que reduz de 10 para 5 anos o prazo para a obtenção da autorização de residência permanente (o chamado «permis» C); o aumento de 18 para 20 anos da idade com direito ao reagrupamento familiar.

As conversações abordaram ainda a necessidade da integração «socio-profissional dos trabalhadores portugueses e seus familiares», as possibilidades de intensificar as trocas culturais e informações sobre as condições de vida dos portugueses sazonais na Suíça e sobre a prevenção e eliminação do trabalho clandestino. Foi ainda criado um grupo de trabalho para desenvolver

## Sem demagogia mas com muito trabalho

Sem demagogia mas com muito trabalho, o Sindicato da Construção e Madeira (SICOM/FOBB) tem desenvolvido uma intensa actividade de apoio aos trabalhadores portugueses na Suíça. Contando na sua organização com milhares de compatriotas nossos, o Sindicato constituiu sem dúvida a maior organização de portugueses na Suíça. O que lhe dá, naturalmente, a maior legitimidade para exprimir as suas reivindicações. Não é uma tarefa fácil. Por um lado, o Sindicato dispõe ainda de um número reduzido (relativamente ao total de emigrantes portugueses) de funcionários portugueses, fundamentais devido aos problemas linguísticos; por outro lado, as próprias características da emigração obrigam o Sindicato a intervir nas mais diversas situações, mesmo as que transcendem o âmbito sindical e envolvem trabalhadores não sindicalizados. No estrangeiro, mais ainda do que a nível nacional, não faltam os que só se lembram de santa Bárbara quando faz trovões.

Num alojamento colectivo em Lucerna, trabalhadores portugueses recebem, a seu pedido, a visita de um dirigente do FOBB (também português). Os seus problemas são os mesmos da maioria, mas as suas preocupações revelam uma consciência de classe elevada: com contratos de nove meses, querem saber de fonte segura quando terão direito à autorização de permanência anual, em que ponto está a batalha pela Suíça e Portugal relativas ao trabalho e pelo subsídio de desemprego, o que se passa com a revisão do acordo sobre segurança social.

São cinco, todos alentejanos. Deixaram Évora para tentar a sorte na Suíça. Sabem que o Sindicato serve para defender os interesses dos trabalhadores e por isso mesmo se quiseram sindicalizar. Falam sem medo e com plena consciência dos seus direitos, querem saber tudo o que os possa beneficiar. A informação da existência de um curso de línguas na sede do sindicato, aos fins-de-semana, interessa-os: o alemão não vai lá com duas cantigas, como o francês ou o italiano, em que percebemos uma e inventamos outra. Sentem falta das mulheres, cá para isso: se a mulher estivesse cá, era mais fácil; depois do trabalho, em



Em primeiro plano o camarada Beja, do FOBB, num dos seus muitos contactos com os trabalhadores portugueses



Sob um sol intenso, o trabalho é duro; melhorar as condições de trabalho é uma luta constante tanto para os nacionais como para os estrangeiros

### Ponto de encontro em Berna

No próximo dia 15 de Setembro a cidade de Berna vai ser palco de uma importante iniciativa sindical, que tem como lema geral **A Europa, somos nós!**

Trata-se de uma *Manifestação* pela democracia e tolerância, contra o racismo; pelo direito ao reagrupamento familiar, à liberdade de mudar de emprego e de profissão, pelo fim do estatuto do temporário; por uma Suíça europeia, aberta e solidária, sem perda dos direitos sociais; por mais direitos políticos para os estrangeiros; por melhores salários e por uma maior segurança nos sectores da construção e madeira.

Reivindicações que interessam, naturalmente, a todos os portugueses que trabalham na Suíça. Interessam aos que têm uma ocupação temporária, porque esta só tem uma duração máxima de **nove meses** por ano, forçando-os a regressar ao país, sem salário, durante três meses, apesar de deixarem por ano **6 milhões de francos** nos cofres suíços do fundo de desemprego a que não têm acesso; porque só é válida para uma entidade patronal determinada, não sendo permitida a

### População Activa

(a partir de 1977)

1977	8571
1978	11 213
1979	14 738
1980	21 057
1981	27 269
1982	31 997
1983	33 167
1984	38 406
1985	44 399
1986	53 613
1987	61 753
1988	70 739
1989	79 228

mudança de trabalho a não ser em casos excepcionais e para trabalho de carácter temporário; porque impede os membros da família do trabalhador de viver na Suíça; porque só ao fim de quatro anos consecutivos nestas condições o trabalhador tem direito a pedir uma autorização anual.

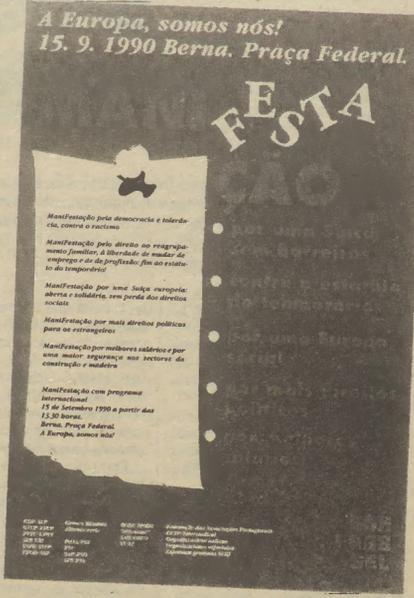
Interessa aos que têm uma autorização anual, renovável, porque esta é só válida para uma determinada entidade patronal, exigindo, sempre que se pretenda mudar de lugar ou de profissão, uma nova autorização (normalmente só concedida ao fim de um ano de estadia na Suíça); porque esta autorização, embora permitindo o reagrupamento familiar, continua a ser discriminatória, uma vez que para alugar uma casa o trabalhador emigrante tem de preencher certos requisitos nem sempre ao seu alcance (o salário tem que ser considerado suficiente para pagar uma habitação com o número de divisões considerado adequado ao agregado familiar; as autoridades suíças preocupam-se muito com isso e pouco com a separação das famílias).

Interessa enfim aos trabalhadores que dispõem já de autorização para estadia por tempo indeterminado e em princípio colocados em pé de igualdade com os suíços (com excepção dos direitos políticos e da obrigatoriedade do serviço militar), porque em causa está também a luta contra o racismo, de que há já algumas manifestações; pelo aumento dos salários mínimos em 15 por cento; por novas medidas para a segurança no trabalho e protecção da saúde; pela reforma antecipada e providências para a velhice; por 5 semanas de férias para todos; pela redução da semana de trabalho para 40 horas; pelo salário completo em caso de acidente ou doença; por melhor protecção contra os despedimentos.

Para as organizações sindicais, a integração dos trabalhadores es-



Exemplares de brochuras com informação útil destinada a emigrantes portugueses na Suíça que por razões obscuras não foram superiormente autorizadas



A jornada de 15 de Setembro, em Berna, poderá ser decisiva para as negociações luso-suíças agendadas para Outubro

## Emigração Portuguesa na Suíça

### População Residente

	Total	Masc.	Fem.
	101 124	64 024	37 100
1 — Autorização anual «B»	48 991	26 631	22 360
2 — Autorização permanente «C»	14 670	7179	7491
3 — Autorização temporária «A»	37 463	30 214	7249

\* Dados divulgados em final de Agosto de 1989

### População Activa

(Por sector económico)

	Total	Masc.	Fem.
	79 228	54 742	24 486
1 — Construção	23 711	23 587	124
2 — Hotelaria	20 759	10 075	10 684
3 — Serviços	13 812	5353	8459
4 — Indústria	12 212	8102	4110
5 — Agricultura, Sívicultura	8296	7256	1040
6 — Minas	291		
7 — S.A.I.	113	47	66

\* Dados divulgados no final de Agosto de 1989

■ **Miguel Urbano  
Rodrigues**

# PORTO RICO

## Desmascarar o plebiscito

O povo de Porto Rico será chamado em Julho do próximo ano a tomar uma decisão sobre o futuro da sua Ilha se o Congresso dos EUA aprovar o projecto de plebiscito que lhe foi submetido.

Na aparência trata-se de uma iniciativa positiva. Mas somente na aparência.

Significativamente a maioria das forças políticas que lutam pela independência já principiou a fazer campanha pelo boicote ao plebiscito. Na sua opinião, uma das formas de solidariedade internacional com Porto Rico é o desmascaramento da farsa política que a Administração norte-americana está a preparar.

Actualmente, o estatuto oficial de Porto Rico é o de «Estado Livre Associado». A fórmula encobre a realidade: Porto Rico (8900 km<sup>2</sup> e 3,5 milhões de habitantes) continua a ser uma colónia dos EUA.

O anunciado plebiscito propõe três opções: admissão na União como o 51.º Estado; independência; ou manutenção do *status* de «Estado Livre».

Uma certeza: o jogo não será limpo.

### Negócios e desemprego

O regime vigente é fonte de grandes negócios, uns legais outros ilegais. As sucursais das empresas norte-americanas estabelecidas na Ilha têm acesso garantido ao mercado dos EUA, mas não pagam impostos pelos lucros obtidos. Gozam de escandalosas isenções. É um benefício do Código Fiscal dos EUA, bem aceite pelo Governo da Ilha.

Não é de estranhar que Porto Rico seja considerada um paraíso pelas empresas farmacêuticas, electrónicas e químicas em geral, favorecidas por incentivos excepcionais.

As vantagens para a população local são, contudo, mínimas. Como quase todas essas empresas utilizam tecnologias de ponta (algumas experimentais) a oferta de emprego é escassa. A emigração (quase dois milhões de portorriquenhos vivem nos EUA) não resolveu, porém, o problema da falta de trabalho.

Segundo as estatísticas oficiais, 30% da população activa está desempregada. Mas na opinião de Antonio Rivera, dirigente e porta-voz do Movimento de Liberación Nacional, «a verdadeira percentagem atinge os 50%, ou seja metade da população. Os Estados Unidos não estão interessados em desenvolver o país. Não existe uma burguesia portorriquenha e a classe média depende totalmente dos EUA».

### Cidadãos de segunda classe

É tradicional o mal estar de Washington quando as circunstâncias obrigam o governo federal a falar de Porto Rico. Um cheiro apodrecido de hipocrisia envolve a relação da grande potência imperial com o povo da Ilha, anexada no apagar das luzes do século XIX, após a guerra com a Espanha.

Legalmente os portorriquenhos são cidadãos norte-americanos. Mas cidadãos de segunda classe. Não podem votar nas eleições presidenciais e os seus representantes no Congresso carecem do direito de voto deliberativo.

O plebiscito não expressa distanciamento, as antes interesse absorvente. Washington pretende reforçar

as cadeias que amarram Porto Rico aos EUA. Ronald Reagan não escondeu no segundo mandato que o seu Plano 2020 para o Caribe tinha um objectivo estratégico prioritário: fazer de Porto Rico um poderoso pólo financeiro norte-americano *sui generis* cujo epicentro seriam 11 grandes bases industriais militares.

Porto Rico é hoje o quinto mercado dos EUA e os chefes do Departamento de Defesa consideram as bases militares ali instaladas tão importantes como as do Panamá.

O presidente Bush é na Administração o principal defensor da tese da integração, apoiada pelo Partido Nuevo Progressista-PNP. Os argumentos dos anexionistas são sobretudo económicos. Alegam que a transformação de Porto Rico no 51.º Estado da União promoveria a igualdade de direitos, elevando substancialmente a ajuda federal.

O Partido Popular Democrático-PPD, que ganhou as eleições em 1988 e controla presentemente as duas Câmaras apoia a manutenção do regime do «Estado Livre Associado». Na sua propaganda afirma que a anexação provocaria uma imediata vaga de desemprego e teria efeitos negativos no fluxo de investimentos porque as empresas norte-americanas perderiam os benefícios fiscais de que gozam. O governador de Porto Rico, Rafael Hernandez Colón — que é o presidente do PPD — acusou mesmo a

Administração Bush de recorrer a táticas de pressão para forçar a integração.

### Que independência?

A campanha pela independência é assumida pelo Partido Independente Puerriqueño-PIP. A reivindicação da soberania é acompanhada, porém, de outra, que exige a permanência da legislação federal que outorga benefícios fiscais às empresas norte-americanas estabelecidas na Ilha.

Paradoxalmente, um amplo sector da direita norte-americana mais conservadora manifesta-se favoravelmente à independência (obviamente tutelada). O destacado político ultra Patrick Buchanan declarou recentemente que «se Porto Rico

se tornasse o nosso 51.º Estado teríamos amanhã problemas comparáveis aos que o Canadá enfrenta hoje no Quebec... A representação portorriquenha no Congresso formaria o núcleo de um novo agrupamento de radicais de idioma espanhol»...

A grande maioria dos partidários de uma independência real recusa, entretanto, o jogo norte-americano e denuncia o projecto do plebiscito como mais uma manobra imperial.

Um manifesto subscrito pelo Movimento de Liberación Nacional, o Partido Socialista Puerriqueño e outras forças de esquerda caracteriza o plebiscito como farsa «concebida e montada pela potência colonial». Para merecer o respeito do povo um plebiscito — afirmam — terá de ser realizado «de acordo com o direito internacional e sob a supervisão das Nações Unidas. Tal plebiscito somente poderá efectuar-se após a transferência de poderes

para o nosso povo pelo Congresso dos EUA que sobre ele exerce controlo colonial».

### As regras do jogo

Se dúvidas houvesse sobre o carácter não democrático do plebiscito ideado em Washington, as normas legais que definem o eleitorado são esclarecedoras.

Os juristas ligados à iniciativa insistem em negar o direito de voto à enorme comunidade portorriquenha residente nos EUA. Em contrapartida os 500 mil estrangeiros — norte-americanos, cubanos exilados e dominicanos — instalados na Ilha são considerados eleitores.

Acontece que o voto dos estrangeiros foi decisivo em todas as eleições promovidas em Porto Rico nos últimos vinte anos...

É mais um pormenor da fórmula caricatural de **democracia** imposta a um povo ao qual não se reconhece sequer o direito a idioma próprio. Quase 60% da população não sabe falar o inglês, transcorridos 90 anos sobre o início da ocupação norte-americana. Mas o castelhano não é considerado língua oficial. ■



■ LC

# GUATEMALA

## Fome de paz e de pão

Vítima de uma guerra velha de 30 anos, que já fez mais de cem mil mortos, a Guatemala tateia hoje caminhos de paz, inserida no processo político que se tem vindo a desenvolver na América Central.

Caminhos particularmente difíceis, num país atravessado por profundos problemas sociais e tensões étnicas, indelevelmente marcado na sua história, pela intervenção militar dos Estados Unidos em 1954, que liquidou à nascença a tentativa de reforma agrária então ensaiada pelo coronel Jacobo Arbenz Guzman, decisiva num país em que a parte maioritária da população é constituída por camponeses índios.

O restabelecimento formal da democracia, em 1985, após trinta anos de ditadura, e a eleição do democrata-cristão Vinicio Cerezo, não alterou substancialmente os dados de uma realidade em que 2% dos proprietários continuam a deter 65% das terras aráveis, e a repressão faz uma média de 72 assassinatos políticos por mês.

Entretanto, o diálogo político, ligado ao processo de paz que se tem vindo penosamente a construir na América Central, está aberto. Em fins de Maio, em Madrid, realizou-se uma importante reunião. São exigências fundamentais dos guerrilheiros, a reforma constitucional, condições de segurança e um compromisso dos partidos de respeitar a democracia. A Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG), quer ter a possibilidade de fazer chegar a sua mensagem política às populações do país, mesmo que não venha a participar nas eleições presidenciais previstas para Novembro.

O diálogo, iniciado em Março, numa reunião realizada em Oslo, tem hoje um calendário estabelecido para o prosseguimento das negociações.

Mas paralelamente, a repressão não só prossegue como, nalguns casos, se intensifica, atingindo em particular estudantes, operários, professores e sindicalistas. As «responsabilidades» dividem-se entre as forças do Exército (aliás dividido), e os bandos armados de extrema-direita.

### Comunicado urgente

A maioria da população guatemalteca (55%) é descendente dos índios maias e no fundamental dedica-se à agricultura. É vítima de todas as discriminações, sociais e étnicas, e em grande parte obrigada a viver em «aldeias estratégicas», ou a fugir das matanças, para outros aldeamentos, igualmente fora das suas terras ancestrais.

Hoje é um facto comum — e representa um progresso — denunciar a gravíssima desflorestação da Amazônia e publicamente defender os direitos das populações índias que nela habitam e com ela têm sabido viver em harmonia. A informação reflecte igualmente as lutas dos índios do Canadá em defesa das terras dos seus antepassados. Pouco ou nada se fala, entretanto, do desenraizamento e repressão de que são vítimas as populações indígenas da Guatemala.

Em «Comunicado urgente» de Fevereiro deste ano, a Igreja Guatemalteca no Exílio denunciava a «agressão militar contra a população civil (deslocada dos seus lugares de origem por anteriores ofensivas do Exército guatemalteco), refugiada no planalto do departamento de El Quiché (...), organizada em «Comunidades de População em Resistência».

O comunicado refere, nomeadamente, que «no dia 22 de Novembro, aproveitando a ausência dos homens que tinham saído para trabalhar a terra, o exército cercou o lugar de Vi-San Antonio, capturando 57 pessoas, na sua maioria crianças e mulheres».

A Igreja Guatemalteca no Exílio fala ainda de tentativas de extermínio da população, de uma política de «terra queimada», da destruição de muitas dezenas de casas e de culturas agrícolas.

«A força aérea bombardeia as aldeias da área; a população está a ser atacada por morteiros, obuses e fogo de metralhadoras», diz-se no comunicado.

Em Maio, manifestantes camponeses desfilaram pela capital exigindo garantias para poder voltar às suas terras.

A repressão das comunidades índias é parte da política repressiva que até à data tem sido tónica na história do país.

Com o governo democrata-cristão, os assassinatos não só prosseguiram, como registaram elevados ritmos, o que testemunha também da crise da sociedade, que passa pela falta de controlo nos órgãos de «se-

gurança». Em apenas 4 anos, ocorreram cerca de 4 mil assassinatos políticos, 1300 sequestros e 600 feridos em atentados.

O saldo deixado pelos regimes militares que governaram o país é de 100 mil assassinatos, 40 mil sequestrados-desaparecidos, 1 milhão de deslocados dentro do país, 200 mil exilados e refugiados em países vizinhos, cerca de 440 povoações destruídas, 200 mil órfãos e 40 mil viúvas.

### Diálogo político e política social

Com o diálogo iniciado em Oslo, pretende-se antes do mais o fim desta guerra interna, das chacinas dos camponeses índios, dos assassinatos «selectivos» de militantes progressistas, dos «desaparecimentos», a criação de um quadro político onde a vida democrática seja possível.

Mas nem só de guerra e assassinatos se trata. Em interligação com a repressão e a violência, está uma realidade socioeconómica feita de profundas desigualdades e generalizada miséria. A urgência de uma re-

forma agrária para as massas camponesas. A superexploração dos trabalhadores, em particular das mulheres e crianças, que chegam a trabalhar 12 horas diárias.

Em síntese, o repúdio, claramente manifestado pela CGT guatemalteca no manifesto do 1.º de Maio deste ano, pelas «políticas economicistas, monetaristas, tecnocráticas e neoliberais que o governo implementou e que afectam a maioria da população». Especialmente, porque «geram uma abusiva e desmedida alta dos preços dos artigos de consumo corrente (...) e dos alugueres (de habitação e terra), educação, saúde, roupa, calçado e de outros bens e serviços essenciais para o bem-estar dos guatemaltecos».

Neste contexto, o comando-geral da Unidade Revolucionária Nacional Guatemalteca (URNG), participante fundamental no processo negocial em curso, toma uma posição muito clara, defendendo a interligação entre o fim da guerra e a solução dos mais candentes problemas socioeconómicos.

Em documento divulgado no 1.º de Maio deste ano, o comando da

URNG afirma: «O acordo subscrito em Oslo consagra que o diálogo «é essencial para alcançar a reconciliação entre os guatemaltecos e superar a problemática nacional». O Comando-Geral da URNG sempre defendeu nos seus documentos, e mantém na prática como questão de princípio, que a solução política do conflito armado não é um processo alheio às condições sociais do país, e não poderá encontrar uma solução satisfatória se não se estabelecem ao mesmo tempo as bases para abordar, de forma justa e responsável, a solução dos problemas sociais e económicos que afectam o nosso país.

«O Comando-Geral da URNG considera que tal como diversos sectores sociais, políticos, económicos e governamentais expressaram o seu apoio ao acordo subscrito em Oslo, esta mentalidade de diálogo e conciliação deve também reflectir-se, na prática, na abordagem dos conflitos laborais, a todos os níveis, estatal e privado, de forma que ao mesmo tempo que se encontram soluções políticas para o conflito armado, se procurem soluções justas para os conflitos sociais.»



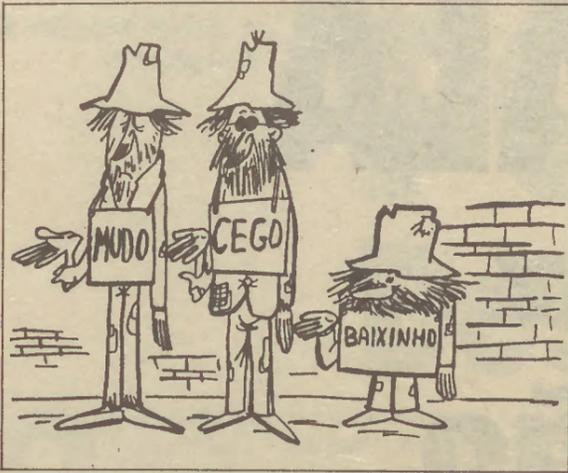
Manifestação dos familiares desaparecidos frente à catedral de Cidade Guatemala

## Viúvas da guerra exigem paz

A guerra — mais de trinta anos de mortes e «sequestros» — gerou uma realidade social específica e as organizações de luta e solidariedade que lhe correspondem. Por isso, na Guatemala, existe hoje uma «Coordenadora nacional de viúvas». Do dramático testemunho e apelo que é o seu Manifesto do 1.º de Maio, aqui reproduzimos um curto extracto.

«Nós, as milhares de viúvas da Guatemala, vítimas da bestial repressão contra as nossas comunidades, aproveitamos este 1.º de Maio, Dia dos Trabalhadores de todo o Mundo, para afirmar à nossa sociedade e à Comunidade Internacional, que fazemos muito nosso o clamor pela Paz na Guatemala. Porque somos uma ferida aberta que surgiu do confronto armado, da guerra que dolorosa-

mente se manifesta de diferentes formas e que durante décadas ensanguentou o nosso povo. Ao mesmo tempo, sentimos ter todo o direito de exigir com energia, a todos os sectores da nossa sociedade, que assumam o compromisso de contribuir para a procura de mecanismos justos que nos conduzam à Paz. Uma Paz com justiça social, que signifique, além do fim da guerra, o direito de viver em completa liberdade e democracia, ter condições dignas de vida como seres humanos. Que acabe a repressão, que acabe o controlo militar sobre as nossas comunidades e a sociedade em geral; que nos deixem gozar do direito constitucional de nos organizarmos livremente. Queremos matar a fome aos nossos filhos, que tenham boa saúde e que possam ir à escola para se prepararem para um futuro melhor.»



## Grandes e pequenos

Quando foi da invasão do Panamá, os protestos foram em surdina — se os houve. Tratava-se de ir lá e prender um homem que, apesar do seu passado corrupto, tinha batido o pé ao imperialismo, e a ingerência justificava-se de todo...

Agora, o Iraque invadiu outro país, merecendo assim a condenação de todos quantos não aceitam que a ingerência, seja ela violenta ou não, continue a ser uma forma de fazer política internacional. Mas a coisa parece ser diferente. Porque se trata de um país onde o poder absoluto e reaccionários dos príncipes do petróleo recebe a simpatia e a cobertura do imperialismo? Certamente. Porque há petróleo em jogo e se joga então a segurança do desenvolvimento capitalista assente na exploração das matérias primas do terceiro mundo? Muito certamente. Foi assim que o «mundo» ficou abaladíssimo com a entrada das tropas iraquianas no Kuwait, que os jornais apelam à invasão do Iraque pelos EUA, que fazem estardalhaço com o verdadeiro pânico na bolsa internacional, que titulam mesmo alguns exageros. Como por exemplo o «Público», que refere a «unanimidade» da condenação do Conselho de Segurança da ONU, quando a notícia que veicula afirma que houve duas abstenções — a de Cuba e a do Iémen. Foi assim que, não apenas os Estados Unidos — o eterno «polícia dos valores ocidentais», neste caso os petrodólares —, fizeram rumar as suas forças navais em direcção à zona. É que a coisa agora é séria...

## O caminho mais fácil

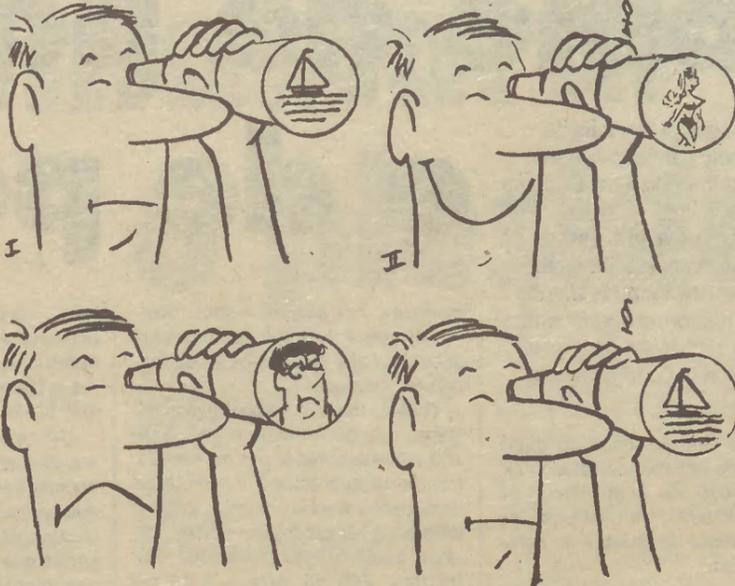
Entretanto, os caminhos do Verão mostram as suas dificuldades. É claro que as

culpas não pertencem ao Governo. Ainda há pouco o ministro Mira Amaral nos dizia que aumentara os combustíveis para bem da gente. Dias depois deixava cair uma advertência — talvez fosse necessário aumentar mais. Por causa do Iraque, é claro. E se aumentos houvesse seria o ministro das Finanças a tomar essa melindrosa decisão. Se calhar depois de



consultar o ministro dos Negócios Estrangeiros. Nunca dizendo uma palavra a Cavaco Silva que, esse, só tem a ver com os aumentos das pensões, e pretende ficar tão viçoso que foi tirar uma fotografia num carro de assistência a recém-nascidos... Mas os caminhos mostram-se maus. Não falamos das estradas. O Governo faz tudo para tapar-lhes os buracos e até inaugura os trabalhos da Via do Infante. Mas, experimentando a quinta faixa da Ponte 25 de Abril, vê-se afinal que o

# Pontos Cardeais



# Gazetilha

por Ignotus Sum

## PANORAMA INGLATERRA

Alertam os industriais para a recessão. Desemprego então cada vez há mais...

## ESTADOS UNIDOS

Dólar não encaixa o golpe lógico. Atinge, quando baixa, o «índice psicológico»...

## JAPÃO

Crise em reprise anda bem depressa. Japão olha a crise de mãos na cabeça...

## ESPAÑA

Menos turismo menos peseta. Capitalismo vê a coisa preta!

## ALEMANHA

Deutschmark em pé. Deutschmark. Enfim... Deutschmark é que é medo e chinfrim...

## FRANÇA

Condições alteram áreas capitais. Na «rentrée» se esperam lutas sociais...

## ITÁLIA

À tripa forra da proa à ré. Sobre a Camorra na alta maré...

## PORTUGAL

Raiva de cão dança, balança sobre a inflação desce a confiança...

... O panorama que fica à vista é o que se chama muito optimista...

## Epigrama

Andava eu no jardim chateado, etc. e tal. Chega-se um estrangeiro a mim: — Não é aqui Portugal?

— Claro que é. Então porquê? Diz ele com ambição: — Eu licito. Ouvi dizer que o país está em leilão...

## Boa ideia

Gasta-se muito por aí. Então corajoso a valer, governo avança e lança aquela ideia de poupança que dará benefícios à Nação.

De nós leva tostão após tostão na grande exploração da contradança. P'ra si quer, não poupança, mas papança: vai agora comprar um avião...

Poupemos nós, gaste ele. Percebido... Mas não julguem que tenho no sentido pôr-me aqui a troar e acusar.

Um avião, senhores? Boa ideia! Talvez que se aproveite da boleia e não tarde o Cavaco a ir ao ar...

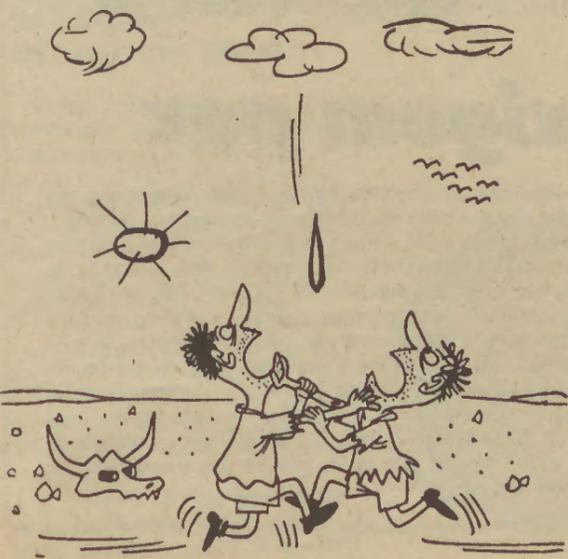
## Ver mal

Como se pode ver, os portugueses andam a ver muito mal. Não olham com atenção. Têm a mania de criticar. É que anda tudo pelo melhor. Temos ministros que só aumentam os preços para nosso bem. Que não aumentam os impostos antes de ver se ganhamos o suficiente. Que fazem tudo para nos pôr a tempo no trabalho e nas férias. Que «hesitam» antes de aumentar a gasolina.

E temos mais do que precisamos. É o que nos disse o «Correio da Manhã», que a semana passada anunciava que os salários tinham sofrido aumentos de 14 por cento e agora vem dizer-nos em garrafais que «temos pão a mais». E também não há falta de lata.

## Perguntas e respostas

Quando um jornal reaccionário entrevista um elemento da equipa de Cavaco, tudo pode acontecer. As perguntas condizem com as respostas da maneira mais espantosa. Assim o pasquim «O Diabo» foi fazer perguntas ao Secretário de Estado dos Assuntos Fiscais. E, em vez de perguntar se os preços iam subir, inquiriu se os impostos iam descer até às próximas eleições. É claro que Oliveira e Costa disse que não. Atrevido, o pasquim, permitiu-se afirmar que havia quem se queixasse de pagar mais impostos. O secretário retorquiu que essa gente se estava a esquecer de que também ganhava mais...



# Agenda

**Avante!**

Ano 60 – Série VII  
N.º 868

9 de Agosto de 1990

4.º Caderno

Não pode ser vendido  
separadamente

## Ao trabalho!

Para  
dar corpo a

Um programa  
de grande  
qualidade  
na beleza natural  
do espaço  
da Atalaia

XIV  
Festa  
**Avante!**



e para  
divulgar  
a Festa!

Atalaia  
Amora • Seixal  
7, 8 e 9 Setembro 1990

É isso que fazem neste momento as organizações do Partido e os militantes, para que no segundo fim-de-semana de Setembro a Quinta da Atalaia se encha de alegria, música e gente. Trabalha-se no terreno **nosso!** Organiza-se excursões. E divulga-se a Festa, quer nas conversas de todos os dias com os amigos, quer de forma colectiva e organizada — por exemplo, para distribuir o folheto que aqui reproduzimos, recentemente editado e que contém informação sobre os artistas já confirmados, os grandes momentos do programa nos três dias, as formas de chegar à Atalaia...

# TV **O Programa**

**Quinta**
**RTP1**

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez (inclui «Os Marretinhas»)
- 12.05 - A Gata Comeu (66º epis.)
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Um Anjo na Terra (54º epis.)
- 14.15 - Pescadores (6º epis.) - Sesimbra
- 14.45 - Billy Joel
- 15.40 - Casa de Irene (71º epis.)
- 16.10 - Derrick (últ. epis.)
- 17.00 - O Mundo Animal (30º epis.)
- 17.30 - Brinca Brincando
- 18.30 - O Sítio do Picapau Amarelo (repetição)
- 19.00 - Volta a Portugal em Bicicleta
- 19.25 - Jogo de Cartas
- 20.00 - Telejornal
- 20.35 - Boletim Meteorológico
- 20.50 - Roda de Fogo (34º epis.)
- 21.45 - Um Espião no Purgatório (11º epis.)
- 22.45 - Luta pela Democracia (4º epis.)



- 23.40 - Murphy Brown (18º epis.)
- 00.10 - 24 Horas
- 00.40 - Remate

**RTP2**

- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.30 - Espaço Infantil
- 14.45 - Filhos e Filhas (529º epis.)
- 15.10 - Agora, Escolha!
- 16.30 - Os Centuriões (18º epis.)
- 17.00 - Campeonato Mundial de Basquetebol - Jogo Austrália-Itália
- 18.30 - Meu Pé de Laranja Lima (166º epis.)
- 19.10 - Espaço Infantil
- 19.55 - Via Rápida
- 20.05 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco» (16º epis.)
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Emoções (28º epis.)
- 22.00 - Sinais do Tempo
- 23.00 - O Processo Franchise (3º epis.)

**Sexta**
**RTP1**

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 12.05 - A Gata Comeu
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Guerra e Paz (2º epis.)
- 14.20 - O Mar e a Terra (6º epis.)

- 14.45 - Steve Miller Band
- 15.45 - Os Amores de Napoleão e Josefina (5º epis.)
- 16.30 - O Mundo Animal
- 17.00 - Brinca Brincando
- 18.30 - O Sítio do Picapau Amarelo
- 19.00 - Volta a Portugal em Bicicleta
- 19.25 - Jogo de Cartas
- 20.00 - Telejornal
- 20.35 - Boletim Meteorológico
- 20.50 - Roda de Fogo
- 22.00 - 15º aniversário do C.R. Açores da RTP
- 23.30 - Wolf (5º epis.)
- 00.30 - Chefe, Mas Pouco (26º epis.)
- 00.55 - 24 Horas
- 01.25 - Remate
- 01.35 - Pela Noite Dentro - «A Madame», real. Harvey Hart (EUA, 93 min.)

**RTP2**

- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.30 - Espaço Infantil
- 14.55 - Filhos e Filhas
- 15.10 - Agora, Escolha!
- 16.40 - Heróis (13º epis.)
- 17.05 - Aventura do Silêncio (4º epis.)
- 17.35 - 1º Andamento
- 18.00 - Zircus
- 18.35 - O Meu Pé de Laranja Lima
- 19.15 - Espaço Infantil
- 19.55 - Via Rápida
- 20.05 - As Estátuas sob o Céu de Ática



- 20.35 - Bucha e Estica (18º epis.)
- 21.00 - Jornal das Nove



- 21.30 - O Pagador de Promessas (série brasileira, 1º e 2º epis.)
- 23.00 - Campeonato Mundial de Basquetebol - Jogo Jugoslávia-Porto Rico
- 00.30 - Rotações
- 01.30 - Haja Música

**Sábado**
**RTP1**

- 09.00 - TV Rural
- 09.25 - Espaço Infantil
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - Moscow Music and Peace Festival (2ª parte)
- 14.05 - Lendas e Factos da História de Portugal (série, 1º epis.)
- 14.45 - O Barco do Amor (12º epis.)
- 15.35 - Vivamúsica
- 16.10 - Sessão da Tarde - «A Flecha e a Rosa», real.

- Richard Lester (EUA/1976, 103 min.)
- 17.55 - Ouro Negro (3º epis.)
- 18.50 - Nem o Pai Morre... (6º epis.)
- 19.15 - Volta a Portugal em Bicicleta
- 19.45 - Totoloto
- 20.00 - Jornal de Sábado



- 21.30 - Camplon (2º epis.)
- 22.35 - The Magic of Music (2ª parte)
- 23.40 - Cinema da Meia Noite - «Ao Encontro da Guerra e do Amor», real. Peter Hyams (GrB/1979, 104 min.)

**RTP2**

- 09.00 - Desenhos Animados
- 09.30 - Um Rapaz de Coragem
- 10.15 - Caminhos
- 10.45 - Zona Jazz
- 11.40 - Um Lar para os Animais
- 12.25 - A Arte no Mundo das Trevas (3º epis.)
- 12.55 - Tauromaquia
- 13.20 - Cine-Sábado - «Super-Homem», real. Bruce Humberstone, principal intérprete. Danny Kaye (EUA)
- 15.00 - Estádio
- 19.00 - Primeiro Jornal
- 19.15 - Canção de Coimbra Anos 80 (5º epis.)
- 19.45 - Boa Esperança (2º epis.)



- 21.15 - Tommy (ópera-rock dos «The Who»)
- 22.45 - Compacto «O Meu Pé de Laranja Lima»

**Domingo**
**RTP1**


- 09.00 - Espaço Infantil
- 11.30 - 70x7
- 12.00 - Missa
- 13.00 - Notícias
- 13.10 - Bairros Populares de Lisboa
- 13.35 - Nem o Pai Morre... (7º epis.)

- 14.00 - Oito e Oitenta (8º progr.)
- 15.30 - Aquil D'Elrock (festival de música rock na Caparica - II)
- 17.05 - Primeira Matinée - «Casablanca», real. Michael Curtiz, interpr. Humphrey Bogart, Ingrid Bergman (EUA/1943, 98 min.)
- 18.55 - McGyver (44º epis.)
- 20.00 - Jornal de Domingo
- 20.30 - Boletim Meteorológico
- 20.40 - Querido John (20º epis.)
- 21.10 - Mercadores das Trevas (série, 1º epis.)
- 22.10 - Domingo Desportivo
- 23.00 - Saga da Canção Francesa

**RTP2**

- 09.00 - Música n'América
- 10.00 - Troféu
- 12.00 - Espaço Infantil
- 12.30 - Novos Horizontes
- 12.50 - Troféu
- 19.00 - Primeiro Jornal
- 19.15 - Vestígios do Passado (série, 1º epis.)



- 20.15 - A Bela e o Monstro
- 21.00 - Artes e Letras - «Pierre Bonnard»
- 22.00 - Cineclubes - «A Estrada do Tabaco», real. John Ford (EUA, 81 min)
- 23.25 - Lusitânia Expresso

**Segunda**
**RTP1**

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 12.05 - A Gata Comeu
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Sete Filhos (5º epis.)
- 14.20 - A Água e a Vida (8º epis.)
- 14.50 - Johnny Copeland
- 15.30 - Casa de Irene
- 16.00 - Desenhos Animados
- 16.15 - Buck Rogers
- 17.00 - O Mundo Animal
- 17.30 - Brinca Brincando
- 18.30 - O Sítio do Picapau Amarelo
- 19.00 - Volta a Portugal em Bicicleta
- 19.25 - Jogo de Cartas
- 20.00 - Telejornal
- 20.30 - Boletim Meteorológico
- 20.45 - Roda de Fogo
- 21.45 - Jogos Sem Fronteiras
- 23.25 - Histórias de Duas Cidades (últ. epis.)
- 00.25 - 24 Horas
- 00.50 - Remate

**RTP2**

- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.20 - Espaço Infantil
- 15.00 - Filhos e Filhas
- 15.30 - Agora, Escolha!
- 17.00 - Campeonato do Mundo de Basquetebol
- 18.35 - O Meu Pé de Laranja Lima
- 19.15 - Espaço Infantil
- 19.55 - Via Rápida
- 20.05 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco»
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Teatro - «Coriolanus», de Shakespeare, produção da BBC

**Terça**
**RTP1**

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 12.05 - A Gata Comeu
- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Dallas
- 14.15 - Rotas do Extremo Ocidente (4º epis.)
- 14.40 - Albert Collins
- 15.40 - Desenhos Animados
- 15.55 - Pais e Filhos (7º epis.)
- 17.05 - O Mundo Animal
- 17.30 - Brinca Brincando
- 18.30 - O Sítio do Picapau
- 19.00 - Volta a Portugal em Bicicleta

**Filmes**

- «A Madame» - 6ª, 00.35, RTP-1
- «Super Homem» - sáb., 13.20, RTP-2
- «A Flecha e a Rosa» - sáb., 16.10, RTP-1
- «Ao Encontro da Guerra e do Amor» - sáb., 00.40, RTP-1
- «Casablanca» - dom., 17.05, RTP-1
- «A Estrada do Tabaco» - dom., 22.00, RTP-2
- «Terra de Abril» - 3ª, 21.50, RTP-2
- «Três Amigos» - 4ª, 21.55, RTP-1

**Teatro**

- «Coriolanus» - 2ª, 21.30, RTP-2

**Música**

- Quinta
- 14.40, RTP-1: Billy Joel
- 19.55, RTP-2: Via Rápida

**Sexta**

- 14.50, RTP-1: Steve Miller Band
- 19.55, RTP-2: Via Rápida
- 01.30, RTP-2: Haja Música

**Sábado**

- 13.10, RTP-1: Moscow Music and Peace Festival (2ª parte)
- 15.35, RTP-1: Vivamúsica
- 19.15, RTP-2: Canção de Coimbra Anos 80
- 21.15, RTP-2: The Who
- 22.35, RTP-1: The Magic of Music (2ª parte)

**Domingo**

- 09.00, RTP-2: Música n'América
- 22.55, RTP-1: Saga da Canção Francesa - Charles Trenet

**Segunda**

- 14.45, RTP-1: Johnny Copeland
- 19.55, RTP-2: Via Rápida

**Terça**

- 14.40, RTP-1: Albert Collins
- 19.55, RTP-2: Via Rápida

**Quarta**

- 14.45, RTP-1: Brian Ferry
- 19.55, RTP-2: Via Rápida

**Desporto**

- Remate - RTP-1, 5ª (00.40), 6ª (01.25), 2ª (00.55), 3ª (00.10), 4ª (00.20)
- Domingo Desportivo - RTP-1, 22.10
- Troféu - RTP-2, dom., 10.00 e 12.50
- Volta a Portugal em Bicicleta - nos noticiários desportivos habituais e num «especial», diariamente às 19.00 na RTP-1
- Basquetebol - Campeonato do Mundo

- 19.25 - Jogo de Cartas
- 20.00 - Telejornal
- 20.30 - Boletim Meteorológico
- 20.50 - Roda de Fogo
- 21.45 - Primeira Página
- 22.45 - Saracen (5º epis.)
- 23.40 - 24 Horas
- 00.10 - Remate

**RTP2**

- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.30 - Espaço Infantil
- 14.50 - Filhos e Filhas
- 15.30 - Agora, Escolha!
- 16.45 - Os Novos Caça-Fantasmas (38º epis.)
- 17.10 - Zircus
- 17.50 - No Rasto dos Animais Selvagens
- 18.40 - O Meu Pé de Laranja Lima
- 19.20 - Espaço Infantil
- 19.55 - Via Rápida
- 20.05 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco»
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Cinemazine
- 21.50 - Cinemadols - «Terra de Abril», real. Philippe Constantini, filmado em Vilar de Perdizes, Trás-os-Montes (França/1977, 90 min.)

**Quarta**
**RTP1**

- 09.00 - Bom Dia
- 10.00 - As Dez
- 11.00 - Missa
- 12.05 - A Gata Comeu

- 13.00 - Jornal da Tarde
- 13.30 - Clínica Geral (22º epis.)
- 14.20 - Estrada Larga (7º epis.)
- 14.45 - Brian Ferry
- 15.45 - A Casa de Irene
- 16.15 - Acção em Miami (6º epis.)
- 17.05 - O Mundo Animal
- 17.30 - Brinca Brincando
- 18.30 - O Sítio do Picapau Amarelo
- 19.00 - Especial Volta a Portugal
- 19.25 - Jogo de Cartas
- 20.00 - Telejornal
- 20.30 - Boletim Meteorológico
- 20.45 - Roda de Fogo
- 21.40 - Vamos Jogar no Totobola
- 21.55 - Lotação Esgotada - «Três Amigos», real. John Landis (EUA/1986, 100 min.)
- 23.50 - 24 Horas
- 00.20 - Remate

**RTP2**

- 14.00 - Primeiro Jornal
- 14.30 - Espaço Infantil
- 15.05 - Filhos e Filhas
- 15.10 - Agora, Escolha!
- 16.30 - Volta a Portugal em Bicicleta
- 17.15 - National Geographic
- 18.40 - O Meu Pé de Laranja Lima
- 19.20 - Espaço Infantil
- 19.55 - Via Rápida
- 20.05 - Clássicos da TV - «Ruas de S. Francisco»
- 21.00 - Jornal das Nove
- 21.30 - Fuga do Desespero (3º epis.)
- 22.20 - Século XX - «A História de Klaus Barbie» (2º epis.)
- 23.10 - Campeonato do Mundo de Basquetebol

# Teatro **O Cartaz**

**LISBOA**

**Cinearte**, Largo de Santos. De 3ª a 6ª às 21.30. O Baile, encen. Helder Costa, pelo grupo A Barraca.

1º Acto, Rua Eduardo Pedrosa, 16-A, Algés. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17. O Fado, a Navalha e a Guitarra ou a História da Rosa Enfeitada, de D. João da Câmara, encen. Fernando Gomes, pelo Grupo Persona.

**Ritz Clube**, Rua da Glória, 57. 6ª e sáb. às 22. O Regresso de Bucha e Estica, encen. Mário Viegas.

**Teatro Maria Vitória**, Parque Mayer. De 3ª a dom. às 20.30 e às 23. Vitória! Vitória!, de H. Santana, F. Nicholson, A. Fraga, Nazareth Fernandes e Fernando Ribeiro.

**Teatro Variedades**, Parque Mayer. De 3ª a dom. às 21.30, dom. também às 16.00. Os

**Meninos à Roda da Mamã**, de Henrique Santana, enc. Francisco Nicholson.

**ALMADA**

**Teatro Municipal de Almada**, Rua Conde Ferreira. 6ª e sáb. às 21.45, dom. às 16. Amor, a Quanto Obrigas, texto de Gil Vicente adaptado por Virgílio Martinho, pelo Teatro Municipal de Almada.

**CASCAIS**

**Teatro Mirita Casi-**

**miro**, Av. Marechal Carmona, 6-B. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.30. Rei Lear, de Shakespeare, enc. Carlos Avilez, pelo TEC.

**PORTO**

**Teatro**, Rua do Heroísmo, 86. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16 e 21.30. Anfitrião ou Júpiter e Alcmena, de António José da Silva, encen. Moura Pinheiro, produção conjunta Tear/Os Comediantes.

# Cinema A selecção

		David Lopes	M. M. Luz	Manuel Neves	Paulo Torres
<b>A</b>	Ata-me!	—	★★	—	—
<b>B</b>	Cookie	—	★★	—	★★
<b>C</b>	Jules e Jim	—	★★★★	★★★★	★★★★
<b>D</b>	Na Corda Bamba	—	★★	—	★★★
<b>E</b>	Sonhos	★★★★★	★★★★★	★★★★★	★★★★★
<b>F</b>	O Triunfo do Espírito	—	★	—	—

Classificação de ★ a ★★★★★

- A — Real. Pedro Almodovar — Amoreiras/9 (14.00, 16.30, 19.00, 21.45, 24.00); Las Vegas/2 (15.30, 18.45, 21.45); Londres (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); Quarteto/2 (14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00, 24.00) — Lisboa.
- B — Real. Susan Seidelman — Quarteto/3 (15.00, 16.45, 18.30, 20.15, 22.00, 24.00) — Lisboa.
- C — Real. François Truffaut — Forum Picoas (14.00, 16.00, 18.00, 22.00) — Lisboa.
- D — Real. John Badham — Alfa/3 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15); Amoreiras/1 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30, 24.00); Fonte Nova/2 (14.15, 16.30, 18.45, 21.15); Império (15.30, 18.30, 21.30); Mundial (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); S. Jorge/1 (15.30, 18.30, 21.30) — Lisboa.
- E — Real. Akira Kurosawa — Apolo 70 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30) — Lisboa.
- F — Real. Robert M. Young — Alfa/3 e Amoreiras/3 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15) S. Jorge (14.30, 16.45, 19.00, 21.15) — Lisboa.

## LISBOA

**António Areal** - exposição retrospectiva (1934-1978). Centro de Arte Moderna, Rua Nicolau Bettencourt. 4ª e sáb. das 14 às 19.30, restantes dias das 10 às 17 (fecha 2ª).

**Arte Suíça Contemporânea**. Fundação Gulbenkian/CAM (galerias de exposições e parque). 4ª e sáb. das 14 às 19.30, restantes dias das 10 às 17 (fecha 2ª). Até 9/9.

**Azulejos do Metro** - mostra dos azulejos de autor que decoram as estações do Metro de Lisboa: trabalhos de Maria Keil, Cargaleiro, Júlio Pomar, Sá Nogueira, Rogério Ribeiro, Eduardo Nery, Vieira da Silva. Museu do Azulejo, Rua Madre de Deus, 4. De 3ª a dom. das 10 às 12.30 e das 14 às 17 (até 14/10).

No Centenário da



Graça Morais: pintura recente na Colectiva da Galeria 111

**Morte de D. Luís** - A sua vida e a sua época, em exposição evocativa de que fazem parte peças raramente expostas, designadamente as jóias da Coroa e obras de arte da colecção pessoal do rei. Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda. De 3ª a dom. das 10 às 17 (até Setembro).

**Colectiva** (pintura de Graça Morais, Menez, António Dacosta, entre outros). Galeria 111, Campo Grande, 113 (até fim de Setembro).

**Colectiva de Gravura** - gravuras e serigrafias de 150 autores. Espaço Ditec, Av. Igreja, 46-A. De 2ª a sáb. das 10 às 13 e das 14.30 às 19.30.

**Colectiva de Pintura** («A natureza morta é um revivalismo?»). Galeria Artebruta, Rua do Século, 104-114. De 2ª a 6ª das 10 às 13.30 e das 15 às 19.30, sáb. das 10 às 13.30.

**Desenhar a Revista** - Cenários e figurinos para o Teatro de Revista (de 1900 a 1960). Museu do Teatro, Estrada do Lumiar, 10. De 3ª a dom. das 10 às 12.30 e das 14 às 17.

**Eduardo Luíz** - retrospectiva de pintura. Fundação Gulbenkian, Av. de Berna, 4ª e sáb. das 14 às 19.30, restantes dias das 10 às 17 (fecha 2ª). Até 2/9.

**Evocação de Ivone Silva**. Museu do Teatro, Estrada do Lumiar, 10.

**A Fotografia Actual em França** («Escolha de 3 críticos»). Centro de Arte Moderna, Rua Nicolau Bettencourt. 4ª e sáb. das 14 às 19.30, restantes dias das 10 às 17 (fecha 2ª). Até 14/8.

**Jill Stott** - Fotografia. Foto Galeria 12A, Costa do Castelo, 12-A (até 31/8).

**90 Anos de Arte Moderna Portuguesa** (colectiva). Galeria de S. Bento, Rua do Machadinho, 1. De 2ª a sáb. das 11 às 13 e das 15 às 20.

**Onofre da Silva** - Pintura. Galeria Restauração, Av. Guerra Junqueiro, 18-C. De 2ª a sáb. das 9.30 às 13 e das 15 às 19 (até 18/8).

**Paulo Cardoso** - Pintura. Gal. S. Mamede, R. Escola Politécnica, 167. 2ª das 15 às 19.30, 3ª a sáb. das 10.30 às 13 e das 15 às 19.30.

**Pedro Morais** - Desenho e pintura. Livraria Barata, Av. Roma, 11-A. De 2ª a sáb. das 12 às 23 (até 11/8).

**Saldanha da Gama** - Pintura e desenho. Gravura, Trav. do Sequeiro, 4, r/c.

**Um Século de Electricidade**. Central Tejo, Av. Brasília (Belém). De 3ª a dom. das 10 às 12.30 e das 14 às 19 (ao sáb. até às 22, ao dom. até às 18).

**Tapeçaria do Séc. XVI** - Galeria do Rei D. Luís, Palácio Nacional da Ajuda, Calçada da Ajuda. De 3ª a dom. das 10 às 17.

Vitor Ribeiro

Aquarelas. Mãe d'Água das Amoreiras, Praças Amoreiras, 10.

## PORTO

**«A Alfândega do Porto e o Despacho Aduaneiro»** - documentos originais (sécs. XII-XIX), pinturas, gravuras. Casa do Infante, Rua da Alfândega, 8. De 2ª a 6ª das 14.30 às 17.30, sáb. e dom. das 14.30 às 19.30.

**Arte Efémera na Paisagem** - exposição de espantalhos. Parque de Serralves (até 29/9).

**Gilberto Zorio** - Esculturas recentes, instalação. Casa de Serralves, R. de Serralves, 977 (até 2/9).

**Cartazes de homenagem a Vincent Van Gogh** - exposição internacional. Casa de Serralves, R. de Serralves (até 2/9).

**Exposição Colectiva de Sócios da Arvore** (trabalhos de cerca de 70 artistas). Cooperativa Arvore, Rua Azevedo Albuquerque, 1. De 2ª a 6ª das 14 às 23.30, sáb. das 15 às 19 e das 21.30 às 23.30.

**Pedro Tudela** - Pintura. Galeria Atlântica, Rua Galeria Paris, 67. De 2ª a sáb. das 15 às 19.30.

## OUTRAS LOCALIDADES

**João Cutileiro** - «Cavaleiros», esculturas. Centro Cultural S. Lourenço, ALMANCIL.

**Ilda Pombeira** - Pintura e desenho. Galeria da Casa Museu dos Patudos, das 14 às 17.30 (até 12/8) ALPIARÇA.

**X Salão Nacional de Pintura Naif**. Galeria de Arte do Casino (até 24/9) ESTORIL.

**3ª Bienal Internacional de Obidos** - pintura. Até 2/9, OBIDOS.

**Pintura Portuguesa 1842-1979** (da colecção do Museu Nacional de Arte Contemporânea). Galeria de Exposições Temporárias do Palácio Nacional de Queluz. De 4ª a 2ª das 10 às 13 e das 14 às 17 QUELUZ.

**Rui Vasquez** - Pintura e cerâmica. Até 9/9, Galeria Municipal, VILA FRANCA DE XIRA.

# ...e ainda Música, debates, etc.

## Rio de Moínhos do Sado

Sexta, sábado e domingo

### Festa Vitória de Abril

Espectáculos todas as noites:

sexta-feira - Baile com Paula Marques

sábado - Grupo Banzar - Jorge Lomba - Baile com António Lázaro

domingo - Noite de folclore com os ranchos de foros da Branca

Vacada na tarde de domingo

Domingo

## Festa da Amizade

em S. Domingos (Barragem da Fonte Serne)

10 h. - Torneio de Tiro aos Pratos

15 h. - Bicross para crianças (bicicletas todo-o-terreno)

16 h. - Baile popular com Leonel Trindade

19 h. - Intervenção política por um camarada do CC

à noite - Baile



KARLY (ARGENTINA) in «Nuestra Propuesta» — Semanário do PCA — 10/5/1990



Pintura Naif: Salão anual no Casino Estoril

# Tempo Fim de Semana



Céu pouco nublado, vento fraco. Possibilidade de trovoadas no domingo nas regiões do interior.

(Previsão do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica)

# a TV

## Aquela cena da «Roda de Fogo»...

Em face das tiragens reduzidas (não esqueçamos que o preço de um jornal equivale ao preço de dez pães ou de um litro de leite...) a publicidade aparece como a principal fonte de oxigénio da imprensa.

Dado que a grossa fatia da concessão da publicidade se encontra em mãos que não mantêm especiais simpatias pelos jornais democráticos, daqui se inferem as dificuldades com que eles se debatem...

Vem isto a propósito daquela cena da telenovela **Roda de Fogo** em que um grupo económico exerce pressão sobre um jornal com a ameaça de lhe retirar a publicidade.

Não é uma história da carochinha. Só que às vezes as formas de pressão são mais sofisticadas...

## O mal que mina as minas

Crise nas minas da Borralha. Telejornal dedica-lhe alguns minutos. Porque? Porque, lá, a situação é difícil e cada vez se agrava mais. O desemprego perfila-se já no próximo horizonte.

Difícil situação porquê? Porque a exploração não dá. Não dá, fecha-se. Ou não se fechando, vende-se. Mas vende-se como e a quem, se a exploração não dá?

Pois bem, vende-se a um poderoso grupo económico. Onde se conclui que, assim como está, não dá. Mas noutras mãos, já dá? É uma história muito mal contada...

Um entrevistado é de opinião de que o tal poderoso grupo estará interessado nos minérios valiosos conhecidos, como em outros «cuja existência desconhecemos» mas andam ligados à existência do volfrâmio...

Entretanto, os trabalhadores temem pelo seu futuro. Muitos deles já não estão em idade para emigrar...

Teria sido boa ideia saber o que pensa o sindicato de tudo isto. Ninguém se lembrou...

## Azar com os jogos de azar

Para discordar de alguém não é condição necessária a oposição ideológica. Como não é indispensável o parentesco ideológico, ou de classe, para haver acordo. O bom-senso não é propriedade exclusiva de ninguém.

Vem o discurso a propósito daquela decisão de distribuir parte de lucros do jogo de azar por cinco autarquias do Norte.

Com eles se resolverão, entre outros, problemas como o do saneamento básico...

Entrevistado, o Presidente das Associações Hotelarias discorda. Saneamento básico é função oficial. Dinheiros extra devem contemplar outras actividades, como por exemplo as da hotelaria.

Claramente, trata-se, por parte do governo, de mais uma operação demagógica, eleitoralista. Saneamento básico e outras tarefas devem constituir preocupação orçamental. De acordo, eu e o industrial.

Simplesmente, afastamo-nos quanto à finalidade dos fundos. Julgo eu que, se o saneamento é da rotina orçamental, a exploração turística tem a ver com a iniciativa privada. Ou então a economia do mercado, como a lógica, é uma batata...

A cultura (o teatro, as bibliotecas, o património, etc.), o desporto (tantas vezes a cargo de colectividades que lutam com tantas dificuldades), o social e o humano (os jardins infantis, os lares para a terceira idade, a ocupação dos tempos livres), esses sim, deveriam ser os contemplados.

Mas nisto de jogos de azar, é sempre à porta dos mais fracos que o azar bate...

## Reflexão através de Eça de Queirós

O crescente avanço através do poderoso capital estrangeiro na economia (e não só...) do nosso país traz consigo terríveis consequências.

Não sou só eu que penso assim. Passou ainda pouco tempo desde que Ferraz da Costa, presidente da CIP nos veio, através da televisão, alertar para os perigos de uma tão completa dependência económica.

Pois nestas férias, como é meu hábito, fui a águas dos clássicos portugueses, para conseguir que a minha prosa ganhe novas cores. Eis que me aparece, de repente, aquelas palavras de Eça de Queirós:

Ninguém virá trazer ao povo o seu bem-estar, se ele não o for procurar pela ordem moral e material. O povo é o coração da Pátria. A indiferença do povo é a morte da Pátria. Se nós a abandonamos, quem velará por ela? Virá um dia uma nação estrangeira apanhá-la e cosê-la, como um farrapo, ao seu território. O povo tem grandes instintos, mas há-de fortalecê-los pela união e realizá-los pela acção. Só assim serão fecundos. O homem que se deixa adormecer numa estrada infestada, poderá acordar de manhã roubado e nu. A Europa, mais do que nunca, está uma floresta perigosa.

União e acção: a vitória nunca se aproxima dos que se desunem, a justiça nunca se aproxima dos que adormecem.

Estas palavras foram escritas em 1867. Guardam a força bastante para uma séria reflexão.

■ **Ulisses**

# Síntese semanal da IMPRENSA

## Economia da guerra

E nós, senhor, que tivemos aumentos de combustíveis há tão pouco tempo!...

## Governo aproveita...

«Os combustíveis poderão aumentar de novo. A hipótese foi levantada pelo ministro da Indústria e Energia. Mira Amaral disse à agência Lusa que poderá haver novo aumento se o preço do petróleo mantiver a tendência altista que tem vindo a registar, em consequência da ocupação do Kuwait pelo Iraque.

«Ainda é prematuro analisar o impacto, no médio e longo prazos, da invasão do Kuwait pelo Iraque sobre o preço do petróleo», disse o ministro da Indústria e Energia, adiantando que «a actual subida tanto pode ser temporária, como sustentada».

No entanto, Mira Amaral mostrou-se convicto de que, ainda que a subida seja temporária, o preço do petróleo deverá ficar acima dos níveis anteriores à invasão do Iraque.

De acordo com fontes contactadas pelo Correio da Manhã, no caso de ser decidido novo aumento dos combustíveis, uma decisão desse tipo, a ser tomada pelos ministros da Indústria e Energia e das Finanças, não acontecerá nunca antes de um mês.

Quatro factores poderão influenciar o aumento ou não do preço dos combustíveis: Em primeiro lugar, o embargo petrolífero ao Iraque. Depois, o evoluir da situação militar na zona. Em terceiro lugar, a dimensão das interrupções registadas do fornecimento de petróleo iraquiano através do pipeline da Turquia e, finalmente, o facto de, no caso português, as importações de ramos de petróleo iraquiano representarem apenas 13 por cento do total.

Em relação às importações portuguesas de petróleo, o ministro referiu que o Iraque fornece cerca de 25 por cento do total do crude importado pela Petrogal.

(«Correio da Manhã», 7 de Agosto)

## Mini-crach

«As consequências da invasão iraquiana do Kuwait, nomeadamente o embargo decidido pela comunidade ocidental sobre o petróleo iraquiano e kuwaitiano, continua a ter violentos reflexos nos principais mercados financeiros mundiais. Seguindo a tendência da queda das bolsas de valores de Tóquio e de Nova York na sexta-feira, na manhã de hoje na bolsa de Londres o índice Footsie dos cem principais valores baixou 39,3 pontos, ficando em 2245,3, depois de ter registado uma queda de 45 pontos na abertura.

Na bolsa de Paris, a queda da cotação dos valores toma as dimensões de um mini-crach financeiro fazendo re-

gistar uma queda de 3 por cento a meia hora de distância da abertura que se vem juntar à queda de 5 por cento verificada na semana passada.

## O ministério aguarda

Contactado pelo «DL» o Ministério dos Negócios Estrangeiros português informou a este jornal de que, apesar de Portugal ter assinado o comunicado da CEE para o embargo do petróleo iraquiano e kuwaitiano, o Governo português não vai seguir, por enquanto, o exemplo da Inglaterra e França que já proibiram a importação de petróleo desses dois países.

Solicitada a responder sobre a possível entrada em vigor do embargo a fonte ministerial respondeu que o governo português está livre de o fazer ou não, não se sabendo ainda qual a decisão final. O MNE não soube ainda dizer qual o número preciso nem a identidade dos portugueses residentes nos territórios em conflito. «Estamos a tentar apurar por várias vias a identidade dos portugueses no Iraque e no Kuwait», acrescentou a mesma fonte.

(«Diário de Lisboa», de 6 de Agosto)

## Dólar

«Uma das primeiras consequências da invasão do Kuwait pelo Iraque foi a subida praticamente em flecha do dólar, que, nos últimos tempos, vinha sofrendo uma acentuada quebra, tendo mesmo ontem atingido um valor muito próximo dos 140 escudos. Igualmente, o petróleo conheceu já hoje uma subida em flecha na sua cotação nas principais praças e mercados asiáticos, as primeiras a abrir, e que, certamente, se vai repercutir ainda hoje nas bolsas da Europa e dos Estados Unidos.

Igualmente, as cotações do Brent, petróleo bruto de referência do mar do Norte, tinham já registado acentuada subida no mercado de Londres, na sequência da suspensão, ontem, das negociações

entre o Iraque e o Kuwait, em Jida, um porto do golfo Pérsico.

Numa altura em que se envolve num confronto com um dos seus vizinhos e até há bem pouco tempo aliado, o Iraque anuncia estar a elaborar com o Irão um comunicado sobre o acordo de paz que pôs fim à guerra do golfo.

Outro sinal de reaproximação entre os dois países foi a decisão do Irão de coordenar a sua política petrolífera com a do Iraque, anunciada na semana passada durante uma reunião dos países-membros da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP).

(«Diário Popular», de 2 de Agosto)

## Os custos

«Por cada dólar que aumenta o preço do barril de petróleo, Portugal tem que gastar mais 8 milhões de contos por ano, para comprar as mesmas quantidades. Ou seja, a manterem-se os valores actuais do petróleo entre os 22 e 23 dólares, o Estado português gastaria nos próximos 12 meses mais 40 milhões de contos, do que o que pagaria pelos mesmos barris, aos preços da semana passada — barril a 18 dólares.

Também a manutenção dos actuais preços do petróleo pode vir inutilizar por completo os objectivos do Governo ao elevar o preço da gasolina. Recorde-se que a subida de preço da gasolina foi feita quando as transacções de petróleo eram feitas nos mercados internacionais a valores rondando os 18 dólares/barril e antes da reunião da OPEP que estabeleceu o preço do barril de petróleo em 21 dólares.

O Governo português pretendia com o aumento dos preços dos combustíveis — na ordem dos 5,5 por cento — angariar mais dinheiro, através do ISP (Imposto Sobre Produtos Petrolíferos), com o objectivo de cobrir parte do défice orçamental deste ano.

Caso o preço do barril de petróleo não volte abaixo dos 20 dólares, o efeito pretendido com a subida do preço da gasolina será anulado e inclusive, em termos de receitas fiscais, a situação ficará pior do que antes do aumento dos preços dos combustíveis. Neste caso, para manter os mesmos objectivos, o Governo poderia ter de recorrer a um novo aumento dos combustíveis, o que provocaria novas tensões inflacionistas.

Também a manutenção dos actuais preços do petróleo deferir ter repercussões nos preços doutros produtos, directa ou indirectamente relacionados — transportes, bens alimentares, serviços.

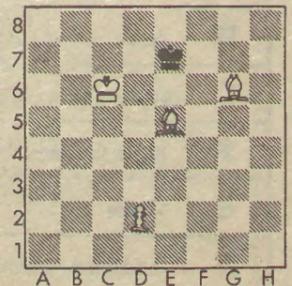
(«Semanário», 4 de Agosto)

# Xadrez

CCLXV - 9 de Agosto de 1990

Proposição n.º 265/A  
Por: William Anthony Shinkmann  
«A.C.W. 200 Bauernumwandlung-saufg.», 1907

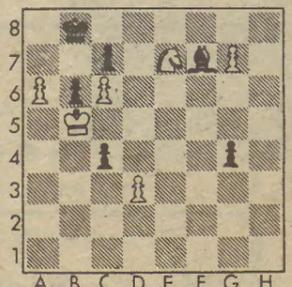
Pr.: Rex Solus é7  
Br.: [4]: Pd2-Bs.65, g6-Rç6



Mate em 6 lances

Proposição n.º 265/B  
Por: A.S. Sieliesniev  
2.º Prémio «64», 1925

Pr.: [6]: Ps.b6, ç4, ç7-g4-Bf7-Rb8  
Br.: [6]: Ps.a6, ç6, d7-g7-C67-Rb5



Branças jogam e ganham

Soluções do N.º CCLXV  
N.º 265/A - (W.A.S.): 1. d3f1, R66; 2. d4, R67; 3. d5, Rf8; 4. d6, Rg8; 5. d7, Rf8; 6. d8=D e g.  
N.º 265/B (A.S.S.): 1. Cç8f1, ç:d3; 2. a7+, Ra8; 3. Cd6f1, Bg8; 4. Ra6, d2; 5. Cb5, Bç4; 6. g8=D e g.

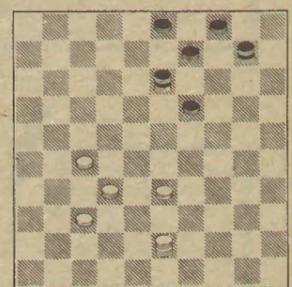
A. de M.M.

# Damas

CCLXV - 9 de Agosto de 1990

Proposição n.º 265  
(Golpe TURCO)  
Por: C. MANOURY  
— 1770 —

Pr.: [6]: 3-4-9-(10)-(13)-19  
Br.: [5]: 27-32-33-37-(43)

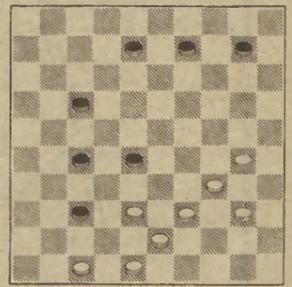


Branças jogam e ganham

GOLPE N.º 265

(Golpe SUÍÇO)  
Por: LOUIS COUTELAN  
— Abril, 1934 —

Pr.: [7]: 8-9-10-17-27-28-37  
Br.: [8]: 30-34-38-39-40-43-47-48



Branças jogam e ganham

SOLUÇÕES DO N.º CCLXV

N.º 265 (C.M.): 27-22 (13x28), 32x5+.

GOLPE N.º 265 (L.C.): 39-33 (28x39), 47-41 (37x46), 38-32 (46x38), 34x5+. Ou: 47-41 e 39-33...+.

A. de M.M.

## A TELEVISÃO NO OCIDENTE

N. S. Biriukov

Falar de televisão exige, nos dias que vivemos, um conhecimento razoável de alguns aspectos da revolução técnico-científica e uma reflexão profunda acerca dos enormes desequilíbrios que caracterizam a ordem internacional prevalente na informação, no sentido do mais lato do conceito.



# Essa festa!

AMORA-SEIXAL • 7, 8 e 9 SETEMBRO

**Avante!**

Director

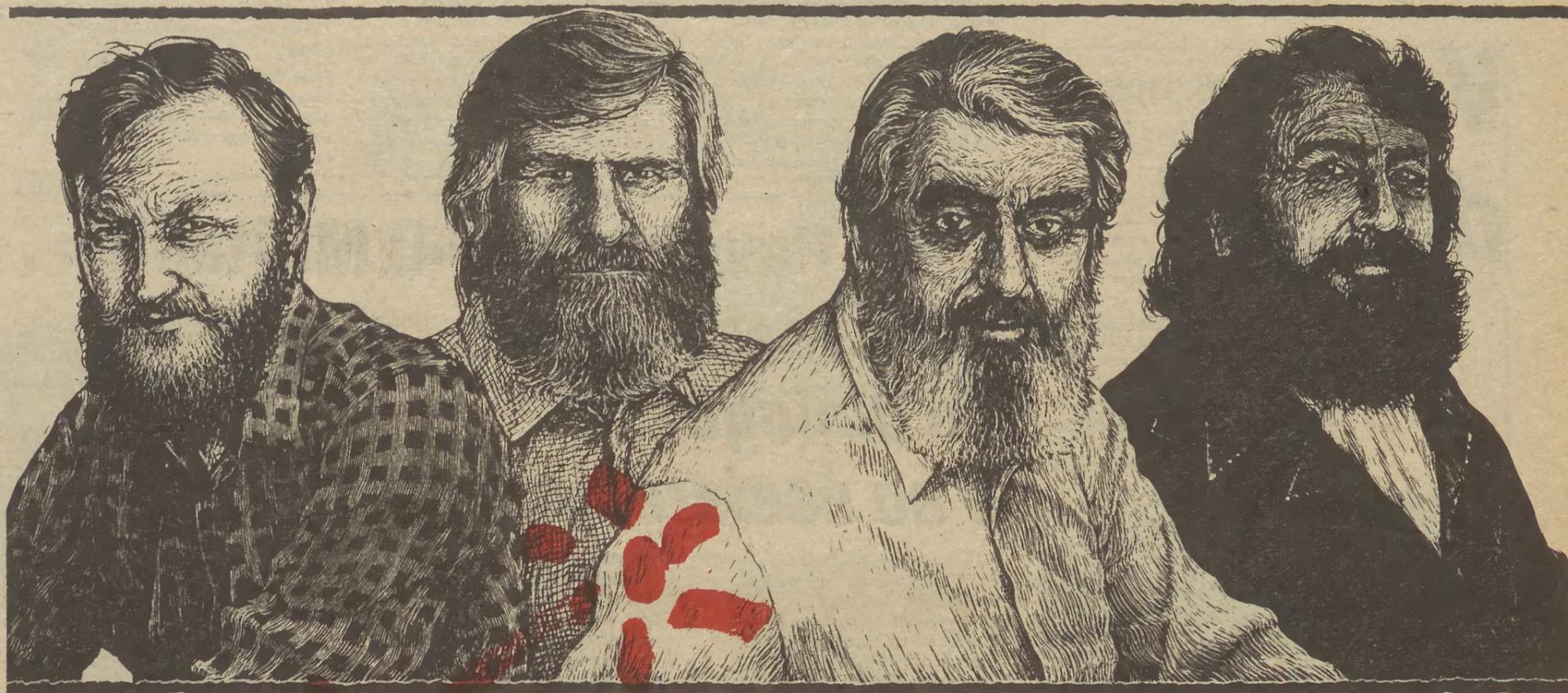
António Dias Lourenço

SUPLEMENTO N.º 8

9 de Agosto de 1990

Não pode ser vendido  
separadamente

## The Dubliners



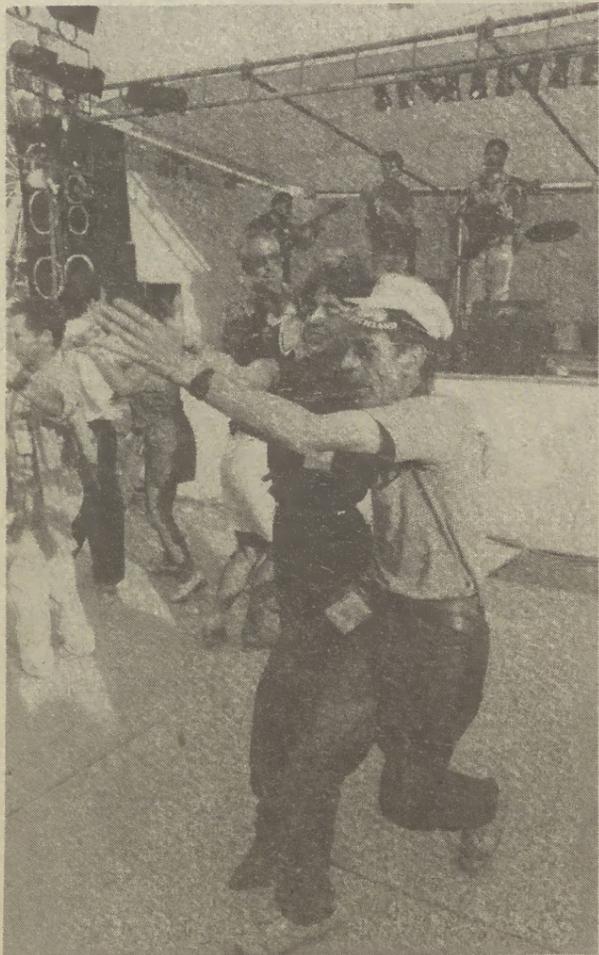
XIV  
Festa

**Avante! & D'aquilo**

**Essa  
Entente**

**D'isto**

**& D'aquilo**



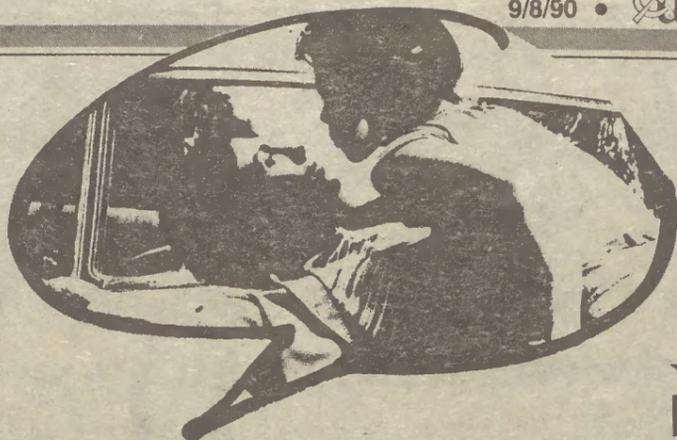
## Você dança?

E gosta de disfrutar de uma pausa numa agradável esplanada, com uma bebida fresca à sua frente?

Então, visite o Espaço da Mulher Comunista na Festa do «Avante!» nos próximos dias 7, 8 e 9 de Setembro, na Atalaia/Seixal.

Lá, poderá dispor de um muito especial espaço de dança. Durante as manhãs e as tardes estarão presentes artistas de dança de vários estilos, da folclórica ao Jazz. À noite é o convite ao baile, com música seleccionada de várias épocas. Na 6.ª feira, a tónica será posta na música do post-guerra, no sábado, na dos anos 60, e, no domingo, mais particularmente na dos anos 80. Haverá também um recanto de comes e bebes ligeiros, um recanto para a venda de prendinhas (em trapo e em cerâmica) e fotografias «à la minute».

Presentes ainda algumas convidadas especiais da Organização das Mulheres Comunistas que estarão à disposição dos visitantes e que relatarão as suas experiências e a intervenção e propostas do PCP para a resolução dos problemas mais sentidos pelas mulheres.



## TOMAR A INICIATIVA 90

# JOVENS

## — o dinamismo é com eles!

A juventude, na sua diversidade de ideias e capacidade de convívio e de fraternidade terá o seu espaço jovem, dinâmico e de participação: a Cidade da Juventude.

Actividades, essas, não faltarão, a começar pela «Tomar a Iniciativa», um concurso/exposição anual a que já se acostumaram os jovens visitantes da Festa e que esta terá como tema a fotografia cujos três melhores trabalhos terão como prémios a entrega de material fotográfico os valores de 100, 50 e 25 mil escudos.

Um espaço com feira de artesanato composta de artesãos e diversos produtos tais como chapéus de palha, animado de um bar onde se poderão comer as faturas e o pão com chouriço,

constituirá outro dos atractivos.

Com o objectivo de enriquecer ainda mais a Cidade da Juventude, os jovens criaram um espaço de Imprensa Juvenil onde haverá a mostra e a venda de alguma da muita referida imprensa. No Polivalente, o cinema e o vídeo fazem parte das manhãs dos dias da Festa. Pela tarde seguir-se-ão debates de dois temas de interesse juvenil, um sobre o Serviço Militar Obrigatório e o outro sobre o Racismo, Xenofobia e Surgimento de Grupos Nazis. O teatro, a mímica, as danças e a música para todos os gostos, que encerrarão a Festa, vão também fazer parte deste espaço. Tudo isto apoiado de uma esplanada e de um bar onde serão servidos croissants, tostas mistas e tudo o mais.

Mesmo no centro da Cidade, haverá um espaço de participação da juventude que se designa de «Um Milhão da Jota P'ra Festa», para recolha de fundos para o pagamento do terreno da Festa, com a venda de saquinhos de areia do terreno e ainda de autocolantes e títulos de comparticipação e outros materiais.

A Cidade, assinala-se, fica junto do Palco 25 de Abril, servida por quiosques que venderão cervejas, sumos, a água e até a sangria que refrescará toda a gente.

Finalmente, algumas surpresas tais como: «O Propaganda», o boletim da JCP, e a revista «Politika» que estarão à venda na Cidade Juvenil e em toda a Festa.

## Pavilhão de «O Militante»

### Um espaço aberto ao diálogo e ao esclarecimento

«O Militante», o boletim de organização do PCP, estará mais uma vez presente na Festa do «Avante!».

O seu espaço, integrado no Pavilhão Central, vai ter, este ano, um papel especial como centro de recolha de inscrições no Partido.

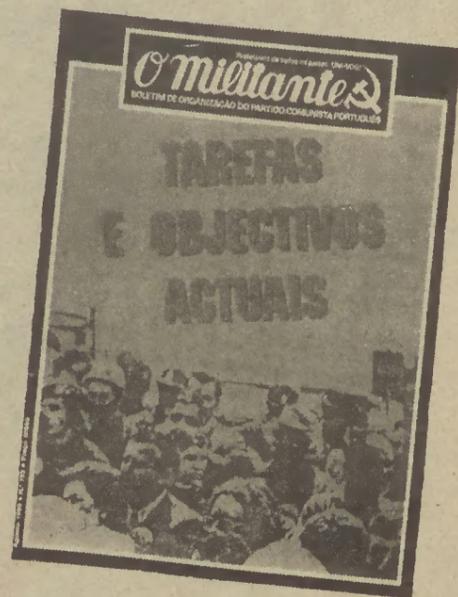
Vamos lembrar a muitos dos visitantes da Festa que o fortalecimento do PCP interessa à democracia do nosso país e que a adesão ao Partido é uma contribuição para esse reforço. Será feito um apelo: Inscreve-te no PCP, aqui e hoje, na Atalaia. Vale a pena!

Quem quiser inscrever-se pode dirigir-se ao espaço de «O Militante» bem como a outros postos de recepção de inscrições que estarão montados na Festa. Além disso, no espaço «Militante» poderá ser apreciada a evolução de «O

Militante» nos últimos anos, através de uma exposição das suas capas. Uma referência especial é feita ao XIII Congresso (Extraordinário) bem como a algumas Assembleias realizadas em grandes organizações do Partido. A divulgação e a venda de «O Militante», particularmente do seu número de Setembro, que é distribuído no dia 6 deste mês, também aí será feita, num espaço específico para a sua promoção.

Outro espaço será dedicado ao acolhimento a todos aqueles que queiram conversar sobre questões relacionadas com a organização do Partido e apresentar sugestões e críticas.

Na banca poderão ser adquiridos o Programa e os Estatutos do PCP, livros sobre os diversos Congressos,



brochuras de «O Militante» e muitos outros documentos e objectos. Num outro local do Pavilhão também será possível ainda ver filmes de vídeo sobre actividades relacionadas com o Partido. É bom passar pelo pavilhão de «O Militante»!



## Colabora na Feira da Ladra

Por iniciativa do Organismo dos Professores da Organização Regional de Lisboa, a Festa irá uma vez mais, ter a Feira da Ladra.

Instalada na área reservada àquela Organização Regional, será um espaço de venda de objectos antigos, brinquedos, postais, roupas, quinquilharias e o mais que lá haverá para oferecer aos visitantes que na

Atalaia farão novamente da Festa, a festa da alegria e do convívio. Repetindo o apelo que fizemos já em edições anteriores do «Avante!», os organizadores deste mercado esperam agora que os militantes, simpatizantes e amigos do Partido façam chegar as velharias que queiram doar ao Centro de Trabalho Vitória em Lisboa, procedendo à sua entrega na recepção.

# ESPAÇO DA SOLIDARIEDADE

## Presença reforçada na Cidade Internacional

Espaço da Solidariedade é o nome da área polivalente da Cidade Internacional, local onde se desenrolarão variadas iniciativas, com destaque para os momentos de solidariedade e os debates.

«As conquistas revolucionárias do século XX», «O estado actual do capitalismo» e «Os problemas globais e a luta de classes» são os temas dos debates que aí vão ter lugar.

Haverá momentos de solidariedade: com a África Austral, em particular com o ANC e a luta do povo sul-africano, com Angola e Moçambique; com a OLP e a luta do povo palestino; com os povos da América Central e com a Fretilin e o povo de Timor Leste.

Um Bar apoia e integra este espaço polivalente, cuja programação englobará ainda momentos de animação e onde a luta do povo sul-africano terá referências particulares.

Mas é a representação directa de partidos e forças democráticas de vários países de todos os continentes que dá o cunho característico e ímpar à Cidade Internacional da Festa do «Avante!». Esta representação faz-se com a presença de delegações e com stands, restaurantes e bares.

Nesta altura prevê-se a representação com stands (artesanato e exposições sobre a realidade nacional e a actividade das forças aí representadas) da URSS, RDA, China, Cuba, Coreia, Espanha, França, Grécia, Líbano, Palestina e Palop's, entre outros. Igualmente confirmada a venda de petiscos chineses no pavilhão da China e a presença de restaurantes de Cuba, URSS (com palco e o conjunto Rússia) e da Fretilin (ementa: tukiz — prato de

cabrito — e sassete — espetadas de cabrito e porco — com arroz katupa — com coco—).

A Cidade Internacional será marcada com painéis exposicionais e decorativos alusivos à visão do mundo expressa no XIII Congresso (Extraordinário) do PCP e resumida nas seguintes frases: «O mundo no limiar do século XXI é radicalmente diferente e melhor que o mundo no início do século» e «O processo de libertação social e nacional dos povos constitui o sentido fundamental da época contemporânea.



## O regresso de Bucha e Estica!

Aí estão eles de novo!

Pela mão do encenador e autor Mário Viegas, vêm o Juvenal Garcês e o Eduardo Firmino. No espectáculo «O Regresso de Bucha e Estica», reconstituindo cenas de filmes dos célebres Stanley Laurel e Oliver Hardy, actualmente em cena no Ritz Club. Este espectáculo vai estar também presente no Avanteatro, na noite de 7 de Setembro...

Inspirado nos 105 filmes da dupla Laurel e Hardy, em entrevistas, estudos, fotografias, caricaturas, bibliogra-



fia e «muitas outras curiosidades nunca traduzidas em Português», «O Regresso de Bucha e Estica» é segundo o próprio Mário Viegas «um desprezencioso divertimento», que «não tem importância nenhuma. Não vai certamente ficar na história no teatro português, nem na história do cinema, nem sequer na (e para) história do inglês Stan Laurel e do norte americano Oliver Hardy» ... «Tudo começou por uma brincadeira (o teatro é para a gente brincar...) só depois é que vi no que me tinha metido. Stan e Ollie são cómicos extraordinários e é impossível pôr em teatro 1 por cento do tanto que nos deram nos seus 105 filmes. Que este desprezencioso divertimento sirva para eles serem novamente lembrados em Portugal, onde estão tão esquecidos».

XIV  
Festa  
Avante!

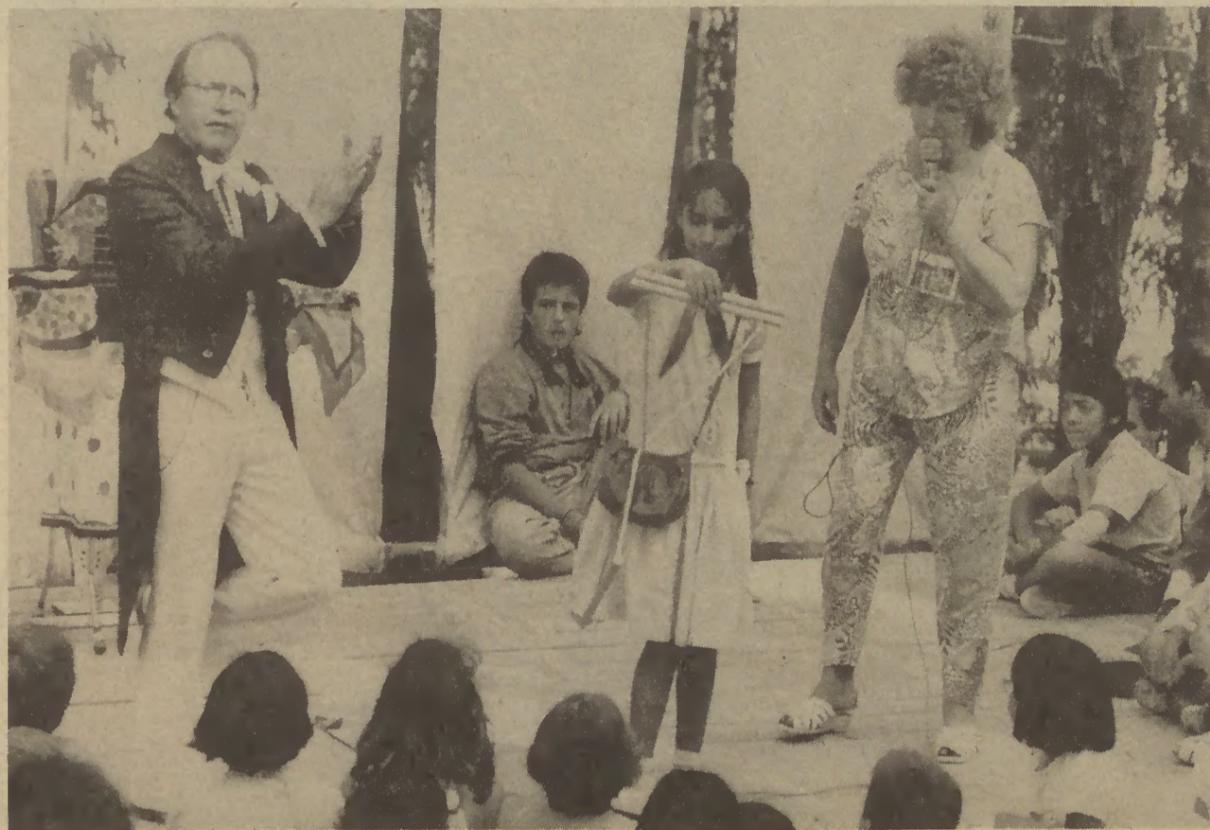
## Pioneiros de Portugal Avante com a brincadeira

Depois de um ano cheio de diversas actividades, de que se destacam as caminhadas, festas, jogos, descobertas, novas amizades, acampamentos de Verão e férias, os Pioneiros de Portugal marcarão mais uma vez presença na Festa do «Avante!».

Na sua zona, tudo se poderá encontrar e todos poderão participar. Haverá

ateliers onde as crianças poderão construir ninhos e colocá-los nas árvores, pintar, ler e com alguma imaginação fazer máscaras. Para os interessados na informática não faltarão os jogos de computadores, mas como a informática ainda não é a paixão de todas as crianças, haverá um parque com destino às diversas brincadeiras.

Num palco, com cabine de som, terão lugar espectáculos com a participação dos pequenos visitantes, que também poderão visitar uma exposição subordinada ao tema «Meio Ambiente». Mas como a brincadeira não enche barriga e faz sede, estas crianças também irão construir uma banca onde saborearão um apetitoso mel e um bar com variados sumos.



# The Dubliners

Tudo começou em 1963 nas traseiras de um dos mais famosos clubes de folk de Dublin, o O'Donoghues's.

Vivia-se então o apogeu do *revival* folk dos anos 60. Vingando-se das perseguições do mccarthysmo, das listas negras e dos silêncios dos *mass media*, Pete Seeger, Woody Guthrie, Malvina Reynolds, Ronnie Gilbert não só voltavam aos palcos norte-americanos aplaudidos por milhares e milhares de jovens, como viam o seu trabalho retomado por uma nova geração de cantores e compositores: Bob Dylan, Joan Baez, Tom Paxton, Peter, Paul and Mary, Phil Ochs, Richard Farina. A luta pelos direitos cívicos animada por Martin Luther King mobilizava de novo a canção.

Do outro lado do Atlântico, na Grã-Bretanha, lado a lado com o nascimento do rock britânico nas cidades industriais - Liverpool com os Beatles, Birmingham com os Stones - sob a influência do *rhythm and blues* de Muddy Waters, de Chuck Berry, igualmente se assistia a um *folk revival*, com um ineludível cordão umbilical ao outro lado do Atlântico. O patriarca Ewan McCall, casado com Peggy Seeger, meia-irmã de Pete, persistia a sua luta de anos, lado a lado com o lendário A.L. Lloyd. Na Escócia, no País de Gales, acima

de tudo na Irlanda, a contestação juvenil fazia virar as atenções para a cultura popular, para as velhas canções das comunidades mineiras, para as velhas toadas rurais, para as composições que haviam acompanhado a luta contra a centralismo de Londres, que definiam as identidades nacionais.

Nas traseiras do O'Donoghues nascia o Ronnie Drew Group, mas um dos do «Group» insistiu para uma mudança de nome: Luke Kelly acabou por convencer os companheiros a adoptarem o que se tornaria num quase sinónimo da folk irlandesa: **The Dubliners**.

Não era casual que Ronnie Drew fivesse surgido como hipótese de título para o que se ia passar: de facto, os Dubliners começaram sem dúvida por ser o grupo de Ronnie Drew. Este antigo electricista começara nas andanças da folk com 19 anos, mas fora uma permanência em Espanha que acabaria a assumir papel determinante. No país vizinho Drew viveu algum tempo ensinando inglês e acima de tudo aprendendo guitarra *flamenca* e reforçando uma paixão definitiva pela música popular. De regresso a Dublin e após uma incursão

por grupos de teatro, eis constituído um grupo folk.

Ao lado de Ronnie, um músico que, segundo rezam as tradições, se iniciou aos 6 anos de idade partindo as cordas do bandolim do seu tio Jim, as do violino do seu tio Barney após o que danificou consistentemente o acordeão do progenitor... Resolvendo estes conflitos infantis, Barney McKenna acabaria por optar por um terceiro instrumento, o banjo, de que se tornaria um executante lendário nos clubes de Dublin, reclamando-se de paixões musicais tão diversas (ou talvez nem

por isso...) como Paul Robeson e Andres Segovia.

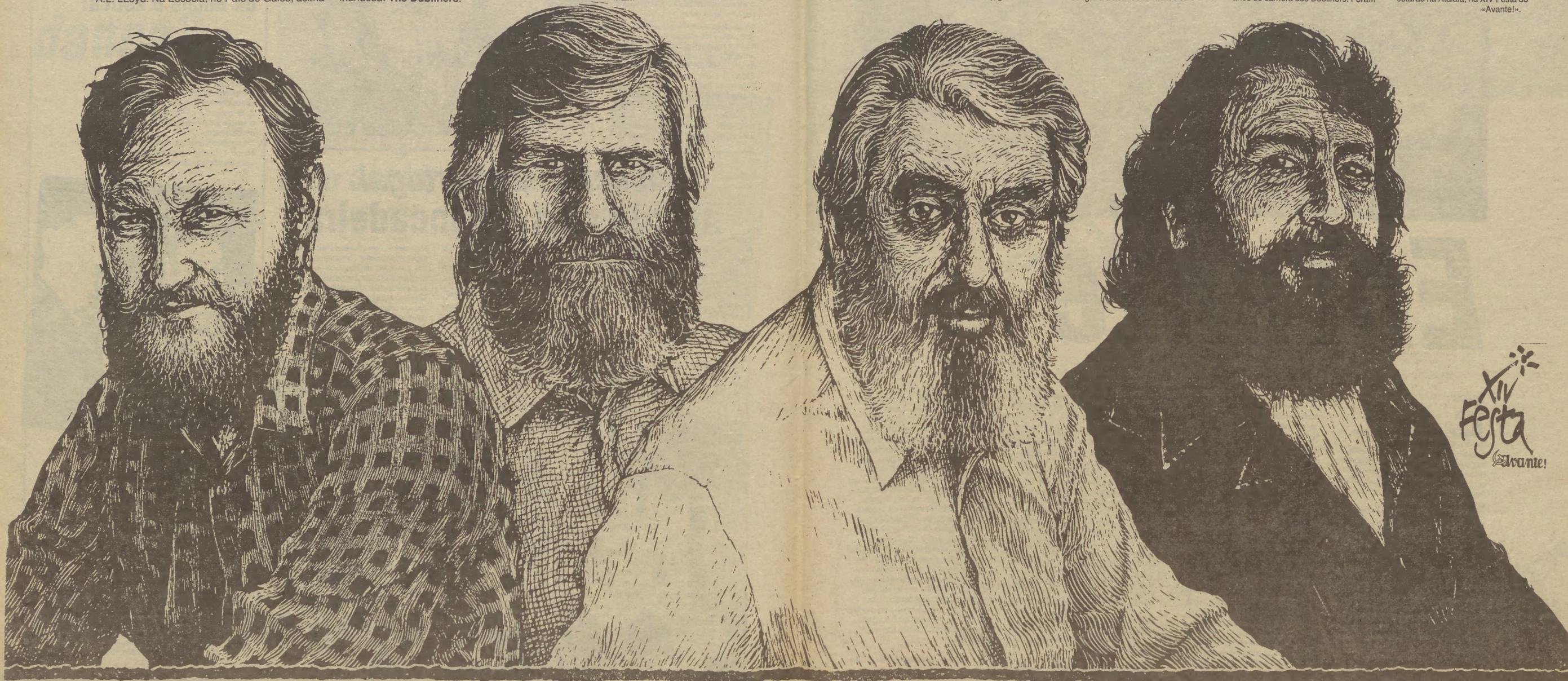
John Sheahan traria aos Dubliners um instrumento fundamental, o violino, o *fiddler*, e uma paixão antiga por um estilo folk americano que tem o folclore irlandês entre os seus directos antepassados: o *blue grass*. Tal como Ronnie, Sheahan foi electricista profissional, e também marinheiro, mas a sua ligação à música é de sempre: andou por grupos juvenis com Paddy Malone (o homem que viria a constituir o outro grupo de culto do *revival* irlandês, os Chieftains), ganhou

prémios em diversos *feiseanna*, os festivais de música, dança e poesia irlandesas tradicionais. Além do *fiddler*, tornar-se-ia um executante deficiente de um pequeno instrumento chave da folk irlandesa: o *tin whistle*, o pequeno pifaro metálico de tão característica sonoridade.

Dois membros iniciais dos Dubliners não resistiram à caminhada de êxitos que o grupo encetou em 1963 com a sua apresentação no Festival folk de Edinburgo: Ciaran Bourke sofreria um acidente cardíaco em 1974 que o obrigaria a abandonar a música e o

homem que baptizara o grupo, Luke Kelly, morreria em 1984 após uma prolongada doença. Um velho companheiro dos Dubliners, Sean Cannon, tomara o seu lugar: de há muito que, como convidado e nomeadamente nas apresentações na Irlanda, surgia como convidado nos espectáculos do grupo e vários factores o ligavam profundamente a Ronnie Drew, nomeadamente uma comum paixão pela música de Espanha, onde também vivera e aprendera guitarra. Em 1988 o «mundo folk» celebrou os 25 anos de carreira dos Dubliners. Foram

editadas selecções dos mais de 20 LPs gravados pelo grupo, recordaram-se os êxitos que continuam a trazê-los regularmente aos tops britânicos e irlandeses. A tournée europeia e norte-americana de 1989 foi um êxito gigantesco e a sua participação na gravação do duplo álbum «Dublin Songs» asseguraria uma importante parcela do impacto dessa edição. Por duas vezes no passado se falou de uma apresentação dos Dubliners em Portugal, mas ela jamais se concretizou. Até agora, 1990. Eles estarão na Atalaia, na XIV Festa do «Avante!».



# Essa



# Entente

**E**ste disco dos Essa Entente resultou de parto difícil. Lembro que para aí há ano e meio tinha anunciada a sua saída pela Dansa do Som. Depois silêncio. Em seguida falou-se num contrato com uma multinacional. Prometeu-se um álbum, mas só um ano depois ficou concretizado. Entretanto, a banda foi congeminando no segredo, tecendo a maturidade que serviria de base a este conjunto de temas. E fez bem, porque o que se revela em *Essa Entente* é resultado de processo evolutivo que deu os seus frutos. Verifica-se que o registo foi trabalhado com calma, bem cuidado, não é produto de qualquer maquinação apressada. A sonoridade global mostra-nos uma banda com carisma próprio, personalidade em fase adiantada de afirmação, longe já da mera promessa que durante muito tempo ficou por concretizar. (...) O que fica do álbum é que existe sempre muito mais para descobrir nas audições seguintes. Como os bons

discos, baseia-se mais na subtilidade que na imediatez, e se temas como «Dança Nua» e «Sou Um Estranho Sem Ti» nos captam rapidamente a atenção, o restante vai-se assimilando devagar, mas seguramente. Aprende-se a gostar, e depois guarda-se o aprendido com todo o carinho.

Jorge Dias in «O Independente»

**E**ntão, vamos lá a isto: Como é que vocês encaram este vosso primeiro trabalho discográfico? — «Se não se importa, podemos primeiro dizer quem somos? Eu sou o Paulo Riço, a «voz» dos Essa Entente e também toco guitarra acústica, ou de caixa; o Paulo Salgado toca baixo; o Manuel Machado teclas e acordeão; o Paulo Neto costuma estar na bateria e o Paulo Sousa mexe nas guitarras, eléctrica e acústica tanto lhe faz. Agora o disco: para começar, estamos bastante satisfeitos. Tudo correu bem, talvez melhor do que esperávamos».

Mais uma questão, para terminar: a que público, especificamente, vocês pretendem chegar?

— «Tenho a impressão que não chegámos a pensar muito a sério nisso. Fundamentalmente não pretendemos ser elitistas na nossa música, até porque somos cinco tipos bastante diferentes. De sítios diferentes. Um exemplo «Dança Nua» é um tema de que nós gostamos, de que a malta mais nova vai com certeza gostar, mas de que os nossos pais também são muito capazes de gostar. Temas como este não ferem o ouvido a ninguém, o que pode acontecer com alguns temas de certo rock em relação a pessoas da geração dos nossos pais. Resumindo e concluindo, quero dizer que, na medida do possível, gostaríamos de chegar ao maior número possível de pessoas».

Então, é a popularidade que vos interessa?

— «Não será bem isso. Nós queremos é ser reconhecidos».

Entrevista de Rodrigues Borges in «Diário de Lisboa»

**Essa Entente** — O grupo português que possui a maior concentração de Paulos na música portuguesa tem finalmente um disco editado. O melhor de tudo não é haver mais um disco, de que ele confirma sobejamente aquilo que se disse aqui, nestas páginas, há um par de anos sobre esta banda que tinham ideias, que podiam ir longe, que dali havia de sair alguma coisa digna de nota. Pronto, saiu. Têm uma mão-cheia de canções deliciosas, com refrões que ficam logo no ouvido e que dá vontade de cantar. Fartei-me de ouvir o disco e não me cansei. Às vezes dou por mim a trautear «Dança Nua», a pensar em «Pets-De-Loup» e a sonhar com a «Distante Melodia». Parabéns especiais ao Paulo Riço que fez alguns dos textos mais divertidos dos últimos tempos e ao Manuel Faria que soube ser um produtor discreto mas participante. E obrigado aos Essa Entente por não nos terem desiludido.

Manuel Falcão in «Blitz»

# D'isto & D'aquilo



## Os D'isto e D'aquilo

- Carlos Sequeira** — Curso Geral de Composição  
— Curso Geral de Educação Musical  
— Frequência do 6.º ano de Guitarra Eléctrica  
★ Guitarra eléctrica
- Cristóvão Martins** — Estudos de flauta transversal no Conservatório  
— Participou em gravações de alguns grupos portugueses  
— Participou em Workshops na Gulbenkian  
★ Sax soprano  
★ Flauta transversal
- Fillpe Martinho** — Frequenta o curso de Contrabaixo de cordas  
— Curso de baixo eléctrico do Hot Club  
— Participou em Workshops na Gulbenkian  
★ Baixo eléctrico  
★ Contrabaixo
- Francisco Santana** — Pertenceu a diversos grupos que actuaram por todo o País  
— Participou em espectáculos com grupos profissionais  
★ Sintetizadores
- Helena Mendes** — Curso Geral de Educação Musical  
— Estudante de Composição  
— Frequência no Curso Superior de Acordeão  
★ Acordeão
- Rui Rosado** — Participou em Workshops na Gulbenkian  
— Pertenceu a diversos grupos que actuaram pelo País  
★ Bateria
- Teresa Marques** — Autora da maior parte das letras dos temas que constam do projecto MAR500  
★ Voz

O grupo D'isto e D'aquilo constituiu-se em 1981 tendo como objectivo, no início, a divulgação de temas tradicionais da música portuguesa, reinterpretados através da busca de novas sonoridades utilizando essencialmente instrumentos acústicos tradicionais portugueses. Este trabalho culminou na gravação de um LP no ano de 1983 bem recebido pela crítica e pelo público.

Apesar do grupo ter continuado o seu trabalho procurando novos caminhos e sons, tal não se concretizou na gravação de um segundo LP, devido a problemas no funcionamento da Editora. Mesmo assim, o grupo continuou a divulgar a sua música fazendo largas dezenas de espectáculos pelo País.

Hoje, o grupo D'isto e D'aquilo, apresentando-se com uma sonoridade moderna e um projecto amadurecido pelo tempo, pretende simultaneamente partilhar uma mensagem diferente através das palavras e do som, este obtido a partir de uma combinação de diferentes ambientes musicais.

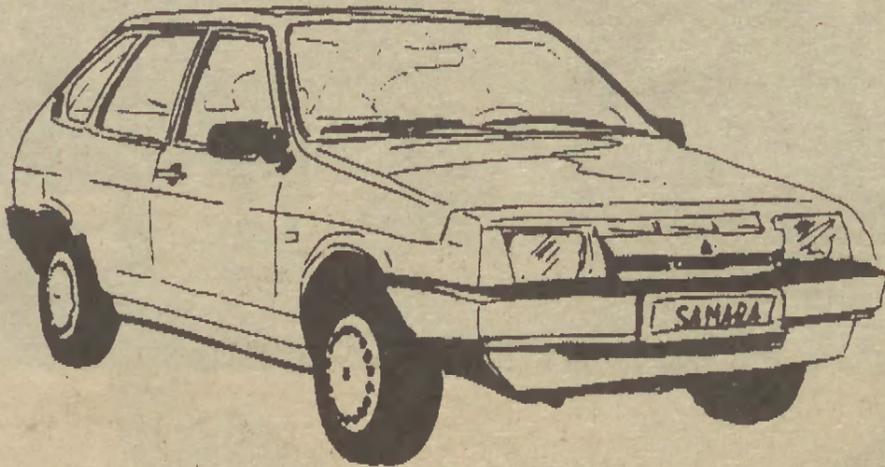


## 2.º sorteio das EPs

a 9 de SETEMBRO

**1.º Prémio** LADA SAMARA  
1100 cc  
3 Portas

# LADA SAMARA



SODIMOTOR

Sociedade Distribuidora de Automóveis, S.A.  
Sede: Trav. da Glória, 19, 2.º-Esq. -1200 LISBOA  
Tel. 346 06 04

**2.º Prémio** QUARTO DE CRIANÇA  
D'ARTE MÓVEIS CONFIANÇA



**3.º Prémio** CÂMARA DE FILMAR-VÍDEO

NORDMEND  
Modelo: SV 500  
Super VHS

da empresa  
TOCAPIANO  
-ALMADA



# 150

mil Contos  
para o Terreno  
da festa

*Avante!*

com a campanha

